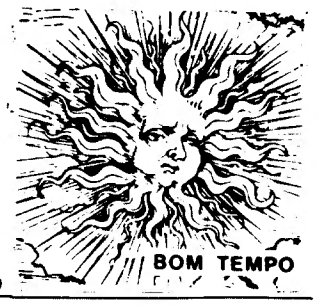
Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 18 DE OUTUBRO DE 1973 N.º 18 254 — ANO 53.º — PREÇO 1$50



Algures no Sinai, um soldado egípcio rende-se a um inimigo israelita, Note-se a pistola pendurada no pulso esquerdo do prisioneiro. O facto de estar armado com umupistola pode ser indício de que se trata de um oficial (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

ESCASSEZ DE COMBUSTÍVEL:

PERSPECTIVA INQUIETANTE PARA OS ESTADOS UNIDOS

WASHINGTON, 18 (R.) — A perspectiva inquietante de uma longa escassez de combustível em consequência da guerra no Médio Oriente paira hoje sobre os Estados Unidos, ao mesmo tempo que dirigentes americanos e soviéticos procuram encontrar uma fórmula capaz de pôr termo ás hostilidades entre árabes e israelitas.

Os países árabes produtores de petróleo levantaram ontem essa possibilidade ao anunciarem uma redução progressiva das suas exportações para os Estados Unidos e para todos os outros países yue apoiarem Israel.

A questão do petróleo parece ter sido um dos tópicos principais abordados ontem pelo presidente Nixon com quatro ministros dos Negócios Estrangeiros árabes.

Os quatro ministros — **DA Arábia Saudita, do Marrocos, da Argélia e do Kuwait** — também conferenciaram com o secretário de Estado americano, Henry Kissinger.

Kissinger por seu turno, tem estado nos últimos dias em contacto frequente com o embaixador soviético Anatoly Dobrynine, procurando uma fórmula de cessar-fogo aceitável para ambas as partes.

No entanto, não há por enquanto qualquer indicação de que isso esteja a suceder e de que as duas partes se encontrem agora oais próximas de uma fórmula mutuamente aceitável.

Entretanto, os americanos foram avisados de que devem preparar-se para um Inverno difícil, com pouca gasolina e pouco combustível para o

Continua na pág. 24

A GASOLINA VAI AUMENTAR?

O facto de os Estados do Golfo Pérsico (Irão, Arábia Saudita, Koweit, Qatar, Iraque e o sultanato de Abu Dhabi) terem decidido aumentar o preço do petróleo vendido pelas companhias ocidentais, como ontem foi noticiado, irá talvez encarecer a gasolina na maioria dos países europeus.

A Itália e a Suiça, por exemplo, já vendem mais caro o combustível aos automobilistas.

Nesta ordem de ideias, tentámos apurar junto da Sacor e da Shell se se previa, para breve, algum aumento em Portugal.

Aquelas duas companhias remeteram-nos para a Direcção-Geral dos Combustíveis, afirmando que este organismo «estava a par do assunto».

Através da secretária do eng. Moura Vicente, director da DGC («em sucessivas reuniões desde ontem»), foi-nos dito que «não havia luz verde por enquanto para qualquer declaração sobre o assunto».

Auto-Estrada urbana em Lisboa

A Câmara Municipal de Lisboa deliberou submeter à aprovação do Governo, por intermédio do Ministério das Obras Públicas e Comunicações, as bases para a realização do concurso público da obra «Concepção-construção do prolongamento da Avenida de Ceuta até ao Calhariz de Benfica e troço do eixo rodoviário fundamental sul-norte entre Campolide e a Avenida Marechal Carmona, incluindo os respectivos nós e obras de arte».

Esta deliberação foi tomada na reunião pública mensal que decorreu esta manhã nos Paços do Concelho. Por outro lado, o coronel Silva Sebastião afirmou que «a realização desta obra implicará ainda acréscimo considerável já no próximo ano, do programa de construções de habitações municipais, com vista ao oportuno realojamento das famílias que ele obrigará a desalojar».

LICEU D. DINIS: AVENTURA IMPOSSÍVEL

Como oportunamente se noticiou, os alunos liceais do curso nocturno que se haviam matriculado no «Pedro Nunes» (sexto ano) foram mandados para o «D. Dinis», nos Olivais, sem qualquer consulta prévia. Aguentaram, apesar dos transtornos resultantes daquela medida, que não se pode de forma nenhuma considerar (longe disso) como ajuda aos que, trabalhando de dia, destinam parte da noite à valorização pessoal, através do estudo.

Para além da surpresa inicial da transferência, outras surpresas estavam, porém, reservadas aos alunos liceais nocturnos do «D. Dinis». Assim, entre o local de paragem do autocarro e o edifício do liceu, as chuvas criaram uma «piscina natural» (com cerca de 20 centímetros de altura), problema que, agravado com a falta de luz existente no percurso, torna o acesso ao estabelecimento uma temerária aventura — de que se sai com os fatos, os vestidos, os sapatos, os pés, etc., totalmente enlameados e encharcados. E já não se fala das gripes e constipações advenientes.

A propósito de falta de luz, é curioso saber-se que, ontem, por exemplo, não houve aulas, porque o liceu estava às escuras. Hoje, os alunos ficaram de telefonar para lá a saber «como a coisa está». Esteja como estiver, a verdade é que vai muito mal.

Nobel de Literatura

ESTOCOLMO, 18 (R.) — O Prémio Nobel de Literatura de 1973 foi atribuído ao escritor australiano Patrick White.

A Academia sueca, ao conceder ao escritor australiano, de 61 anos, o prémio de cerca de 3 275 contos, declarou que White introduzira todo um novo continente na literatura. O seu último romance, «The Eye of the Storm»», foi publicado este ano e entre as suas outras obras mais conhecidas acham-se «Happy Vally» e «The Tree of Man».

Ao ganhar o cobiçado prémio o escritor australiano juntou-se a outros mestres da narrativa, incluindo os americanos John Steinbeck e William Faulkner e o discutido intelectual soviético Alexandre Soljenitsyne.

Maynard Jackson e a mulher, Bunie, festejam a vitória nas eleições para a presidência da Câmara de Atlanta. Foi a primeira vez que um negro conseguij ascender à categoria de «Mayor» naquela cidade sulista dos EUA (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

A gasolina vai subir na Grã-Bretanha e pode vir a ser racionada

Telex de JOAQUIM LETRIA

LONDRES, 18 — O espectro do racionamento paira hoje sobre a Grã-Bretanha, horas depois de se ter sabido que a gasolina vai subir cerca de três tostões por litro em consequência do aumento que os Estados do Golfo Pérsico exigem para o petróleo bruto.

Mais de 60 por cento do petróleo importado pela Grã-Bretanha provém desses Estados. Receia-seque em consequência do aumento do preço da gasolina também os preços dos transportes públicos venham a subir. Um porta-voz duma das principais companhias petrolíferas britânicas declarou-nos: «**Não podemos suportar este aumento sózinhos. O público terá também que pagar.**»

Para já, a grande questão é saber quando entra em vigor este novo aumento. O mesmo informador declarou-nos: «**Os Estados árabes pretendiam que o aumento fosse imediato. Mas há mecanismos burocráticos e legais que demorarão a sua concretização.**»

Este aumento na gasolina — cujo preço é inferior ainda ao praticado em Portugal — será no entanto o mais violento de sempre neste país. Entretanto, a possibilidade de racionamento é agora abertamente encarada e sabe-se que o Governo já procedeu ao estudo da distribuição de senhas de racionamento, que poderão entrar em vigor numa emergência.

O ano passado, a Grã-Bretanha comprou aos Estados do Golfo mais de três milhões e seicentos mil contos de petróleo bruto.

A LUTA NO MÉDIO ORIENTE

KOSSYGUINE NO CAIRO EM MISSÃO ESPECIAL

MOSCOVO, 18 (FP/R.) — O presidente do Conselho de Ministros da URSS, Alexei Kossyguine, seguiu anteontem para o Cairo, segundo confirmou hoje uma fonte diplomática. O primeiro-ministro soviético havia faltado, nos últimos dois dias, a todas as funções oficiais, sem que fosse dada qualquer explicação. Avolumara-se assim a especulação sobre a sua possível ida à capital egípcia em missão especial do Kremlin relacionada com a guerra do Médio Oriente. Entretanto , a URSS, que já confessou estar a fornecer armas aos países árabes durante o actual conflito, perdeu a oportunidade de mais um gesto a favor destes, ao decidir continuar a permitir a emigração dos judeus soviéticos para Israel. Na sua carreira de nove anos como chefe do Governo, é a terceira vez que Kossyguine é utilizado em missões de apaziguamento do Kremlin; a primeira foi em 1966 (cimeira indo-paquistanesa) e a segunda em 1967 (encontro com Johnso, após a «Guerra dos Seis Dias».

36 PÁGINAS

DL/NACIONAL

O ministro das Corporações no distrito de Aveiro

Com a inauguração de várias instituições sociais em Rio de Meão, Fiães, Lourosa, Arrifana e S. João da Madeira, prosseguiu, esta manhã, a visita de trabalho do ministro das Corporações e Previdência Social e da Saúde e Assistência ao distrito de Aveiro.

A visita teve início ontem, no concelho de Agueda, percorrendo o titular da pasta das Corporações daquela vila para, em seguida, se dirigir à freguesia de Arrancada do Vouga, a Oliveira de Azemeis e a Cacia. Nesta última povoação foi inaugurada a Casa do Povo, e entregues 33 alvarás de outras casas do povo recentemente criadas. Durante a cerimónia, foi, uma vez mais, defendida a instituição do termalismo social. Foi o eng.º Telo Garcia Pulido, presidente da Casa do Povo de Sangalhos, quem falou, em nome das casas do povo do distrito afirmando a certo passo:

«Por um lado, provou-se que a quimioterapia não é bastante para o tratamento de determinados estados físicos, por outro é uma realidade que em alguns países, há já muitos anos, este aspecto está integrado na Previdência, assim como a obstenção do trabalho por motivos de doença diminuiu sensivelmente com a sua instituição. Acontece ainda que o nosso País é riquissimo em águas termais, que cobrem um amplo leque de doenças, existindo em variadíssimos locais amplas estruturas e equipamentos hoteleiros que permitem a entrada imediata em vigor da regalia solicitada».

Estudante condenado

PORTO, 18 — No Tribunal de Polícia, sob a presidência do dr. Juiz Miguel Montenegro, foi julgado o estudante de engenharia José Gaspar Bacelar de Carvalho Braga, morador na rua do Breyner, 190, nesta cidade. Era acusado de perturbar o funcionamento de uma aula, no passado dis 5 de Abril, na Faculdade de Engenharia.

Aquele magistrado deu como provada a acusação condenando o estudante no pagamento de 1.500$00 de multa, 200 de imposto de justiça. e em 100$00 de procuradorias.

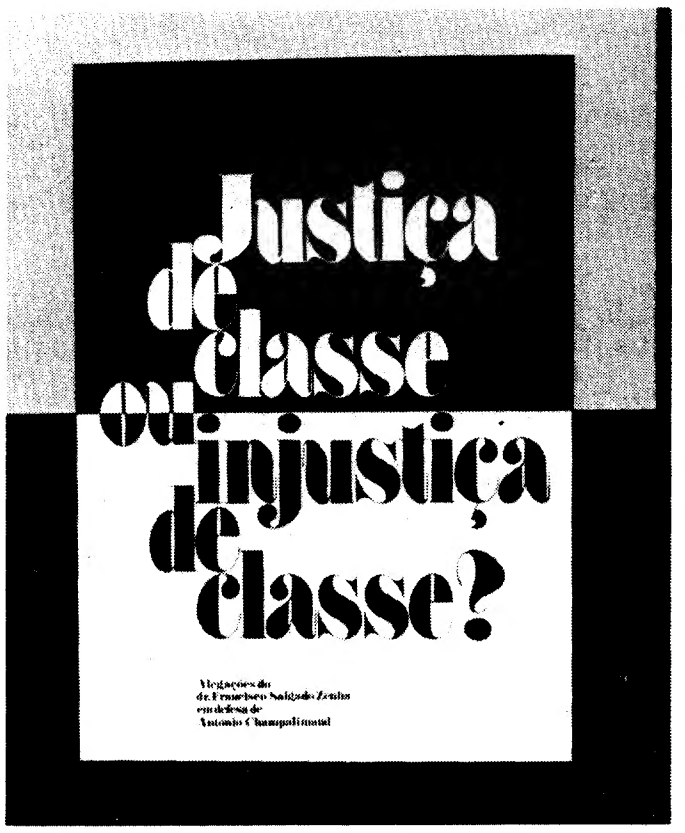
O dr. Marcelo Correia Ribeiro, defensor do réu, interpôs recursoda sentença para o Tribunal da Relação.

CONTRATO IMPORTANTE ENTRE A FÁBRICA PORTUGAL E A SIEMENS DE MUNIQUE

Realiza-se amanhã o acto de assinatura dum contrato muito significativo entre duas grandes empresas industriais a Siemens Electrogerate Gmbh de Munique e a Fábrica Portugal, o qual envolve não só a produção e exportação de fogões a gás como também toda a assistência técnica necessária durante um período de cinco anos em qualquer dos sete mercados a que se destinam. A cerimónia, que se efectuará às 11.00 horas nas instalações da Administração da Fábrica Portugal, no Sabugo, assistirão diversas personalidades representativas da Siemens que propositadamentese deslocam ao nosso País.

"Justiça de classe ou injustiça de classe?"

AS ALEGAÇÕES DE FRANCISCO SALGADO ZENHA NO PROCESSO DE ANTÓNIO CHAMPALIMAUD



Após o êxito editorial que foi a publicação do livro «Em Defesa de António Champalimaud», no qual se reuniram as alegações do dr. Manuel João de Palma Carlos no famoso processo, a Renascença Gráfica acaba de lançar no mercado livreiro outra peça fundamental da questão: as alegações do dr. Francisco Salgado Zenha, sob o título «Justiça de classe ou injustiça de classe?»

Nas suas alegações, o dr. Salgado Zenha não se limitou a analisar o processo contra António Champalimaud sob um ângulo puramente jurídico, apenas acessível aos iniciados namatéria;antes procurou encontrar as motivações psicológicas do conflito, enquadrando-se ao mesmo tempo no contexto socio-económico do país, sem esquecer importantes incidências políticas. Deste triplo ponto de vista, as intervenções do dr. Salgado Zenha atingem, como o leitor terá ocasião de verificar, uma altura poucas vezes alcançada no estado actual das instituições jurídicas e judiciárias sob a égide das quais o processo evoluiu ao longo de 14 arrastados anos

NOVIDADES SETEMBRO 73

PÁGINAS QUASE ESQUECIDAS II

Camilo Castelo Branco

Estas PÁGINAS QUASE ESQUECIDAS (2.º tomo) são a continuação e remate do trabalho de Alexandre Cabral dado à luz como primeiro volume da presente colecção, «Biblioteca Camiliana». Trabalho de recolha, anotação e apresentação de textos *quase esquecidos* que, não reflectindo, embora, os aspectos mais fulgurantes (mas também mais conhecidos) do talento do genial novelista, revelam em contrapartida, na sua espontaneidade, uma visão mais íntima do temperamento do artista.

Biblioteca Camiliana / n.º 3 / 318 páginas / Tiragem normal, 90$00

A METÁFORA EM FERNANDO PESSOA

Maria da Glória Padrão

— Ensaio galardoado com o «Prémio Mário Sacramento».
«O titulo deste ensaio (...) é modesto relativamente ao seu alcance efectivo (...) Com efeito, o grande empenho deste trabalho, que mereceu o «Prémio Mário Sacramento», consiste em auscultar as múltiplas trajectórias de absurdização que o poeta imprime às suas próprias concepções de vida». *(Óscar Lopes)*

Colecção Civilização Portuguesa / 220 páginas / 90$00

O FEITIÇO

Charlotte Brontë

O FEITIÇO foi escrito pela autora do celebre romance *Jane Eyre* em 1834, quer dizer, quando Charlotte Brontë contava apenas 18 anos. Considerada «a mais fabulosa narrativa jamais escrita por Charlotte Brontë» (Reymond Bellour), O FEITIÇO retira o seu encanto de uma singularissima combinação de realidade e exuberante fantasia, pelas quais penetramos no mistério da vida do duque de Zamorna, monarca de «Ângria» e «Wellingtonsland»...

Colecção Duas Horas de Leitura / n.º 23 / 15$00

EI

Editorial Inova
apartado 466 Porto

MOINHO DE VENTO
RESTAURANTE

COMUNICA AOS SEUS EX.mos CLIENTES QUE ENCERRA AOS DOMINGOS.

RESTANTES DIAS, RESERVAS PELO TELEF. 328822

Rua João Pereira da Rosa, 7 — à Rua do Século

ÀS 4 DA TARDE Grupo A 6 Anos
DOMINGO, 21 DE OUTUBRO
A FAVOR DA MISERICÓRDIA
6 — TOIROS 6 Ex.mo Sr. Tomaz da Costa

MESTRE JOÃO B. NÚNCIO
DAVID R. TELLES
D. JOSÉ JOÃO ZOIO

MANUEL CONDE
MESTRE BATISTA
EMÍDIO PINTO

FORCADOS DE ÉVORA E RIBATEJO
TODOS OS ARTISTAS ACTUAM GRACIOSAMENTE

ATÉ 31 DE OUTUBRO
NO RESTAURANTE DO CASINO AS 23H. E 1H.
GRUPO C - M/14 ANOS
O ESPECTACULAR DUO
SÉRGIO WONDER & MADINELSON
SURPREENDENTE
AMBROISE
O BALLET
DAYGO DANCERS
E O CONJUNTO DE
MÁRIO DE JESUS
COM A CANTORA INGLESA
JAY SOUTH
SALA DE MAQUINAS Acesso livre a m/ de 21 anos
SALA DE JOGOS DIARIAMENTE DAS 17 AS 3 H
PENINA Telefone (0082) 23141
CASINOS DO ALGARVE

DL/OPINIÃO

O DIFÍCIL ENTENDIMENTO

Fica desde logo jurado que não vimos de foice em punho intrometer-nos numa seara que tem as suas particulares regras de cultura e estremas que uma já antiquíssima tradição procura preservar a todo o transe, não obstante algumas espectaculares decisões de «abertura», para usar esta plurívoca palavra. Mas sendo o caso público, e sendo os jornais papéis públicos, não está mal que se lhe dediquem alguns parágrafos, não tanto sobre aqueles aspectos de disciplina e hierarquia que nos escapam, mas no que toca a certas repercussões que, pelo seu evidente carácter político e social, se prestam a reflexão mais lata. Em verdade se dirá que neste caso não se distingue o que é de César e o que é de Deus, confusão só aparente numa situação pelo contrário fertilíssima e que exprime uma vontade clara.

A história resume-se em duas palavras e conta as vicissitudes do padre de A Ver-o-Mar, mandado pelo seu prelado a abandonar o posto e ir a outros lugares exercer ministério. Transferências destas dão-se todos os dias, por assim dizer, e não costumam degenerar em conflito: um sacerdote vai, outro vem, e todos se habituam a todos, sem mais questão. Tal não aconteceu porém em A Ver-o-Mar, cuja população quer conservar o seu pároco, o qual, por sua vez, forte da força que o apoio lhe dá, recorreu para Roma e dali não quer sair enquanto da Cúria não vier decisão final. E o caso já passou para a via pública pois tendo habitantes de A Ver-o-Mar ido a Braga para falar ao prelado (que os não recebeu) intervieram as forças da ordem.

Outro caso semelhante surge agora na freguesia de Póvoa da Isenta, no distrito de Santarém, para onde foi ordem de transferência do pároco e onde a população igualmente não quer que a dita transferência se faça. Lavra em todo o Vale de Santarém grande descontentamento e já ao cardeal-patriarca de Lisboa foi enviada uma petição para que dali não seja retirado um pároco que, segundo é manifesto pelos factos, os fregueses estimam.

Não vamos discutir a legitimidade de transferências que relevam do foro eclesiástico, em que não somos competentes. Mas é-nos lícito, acreditamos, manifestar alguma surpresa diante de conflitos como estes e do que neles há de paradoxal. Efectivamente, se os párocos vivem para assistir espiritualmente aos seus paroquianos e se estes se declaram satisfeitos com a assistência e com a pessoa que a ministra, não se compreende facilmente que se mostre inflexível uma decisão porventura tomada na ignorância dessa boa harmonia paroquial. Provável é que haja na hierarquia católica uma prática rotativista, salutar em si mesma, para refrescar da paisagem física e humana, para defender a estrutura de imobilismos ancilosantes. Mas deverá essa prática perseverar quando esteja provado o bom entendimento entre o pastor e as suas ovelhas? Não está o pároco ao serviço dos paroquianos? Não são estes os interessados principais e, portanto, não deverão ser eles os principais juízes? Vamos mesmo um pouco mais longe: qualquer projecto de transferência não deverá ser-lhes previamente submetido? É a Igreja para o crente, ou o crente para a Igreja?

As populações de A Ver-o-Mar e de Póvoa da Isenta não estão aceitando passivamente decisões que consideram tomadas contra os seus interesses. Com maior ou menor veemência, reagem. Há para isso razões do foro íntimo da crença, mas há também razões que têm que ver com uma relação estabelecida no convívio humano. E há ainda (negue-o quem não seja capaz de ver mais longe que as aparências) uma vontade de afirmação colectiva, de comportamento social, de gosto da acção comum, que talvez perturbe quem se habituara à «eternidade» das hierarquias. A lição que destes episódios se deve tirar vai muito mais longe do que o simples diferendo que está à vista. Mas como parece difícil entender isto em Portugal!...

Mulheres Francesas

Os franceses são tão visceralmente contrários ao movimento de libertação das mulheres que até a realização, há dias, do segundo congresso nacional do «Movimento» foi praticamente ignorado — diz, furiosa, uma gentilíssima francesinha.

E acrescenta que nesse congresso se descobriu, por exemplo, que apenas um homem, em cada grupo de oito franceses, aceita dar a sua contribuição para os trabalhos do lar. Mais ainda: esse único homem, entre oito, que efectivamente ajuda a mulher — esse mesmo foge da cozinha e do quarto das crianças e vai procurar outros locais da casa onde empregar a sua boa vontade.

Todos os aspectos da resistência masculina à evolução do papel que a mulher quer vir desempenhar na sociedade foram analisados neste segundo congresso, realizado em Paris há poucos dias e que os homens — e a grande Imprensa, que é feita pelos homens — ignoram.

O primeiro congresso feminista francês realizou-se há três anos e foi patrocinado pela revista «Elle». Verificou-se então que as mulheres francesas só viam uma possibilidade de melhorar a sua sorte: arranjar um emprego. A revista lançou depois um grande inquérito, que visou especialmente as mulheres que trabalham fora do lar, e organizou uma segunda conferência em Paris, para anunciar os resultados do seu inquérito a uma audiência inteiramente feminina e muito entusiata.

Soube-se assim que as mulheres francesas consideram que a sua vida melhorou muito desde 1958, mas só doze por cento das que responderam ao inquérito disseram que os maridos estavam dispostos a dar-lhes uma ajuda nos arranjos da casa. Desses mesmos, há cerca de 32 por cento que parecem perdidos no meio da casa, sem saberem o que fazer para ajudar. Só 8,3 por cento são capazes de manejar o aspirador ou de ligar a máquina de lavar roupa, 13,8 por cento fazem eventuais incursões pela cozinha dispostos a por a panela no lume e 9,7 por cento são realmente úteis, dando banho e vestindo os filhos ou levando-os para a cama.

O informador da «Elle» contou que um homem lhe disse que ajudava muito a mulher. E quando lhe perguntaram qual a forma que dava a essa ajuda, respondeu:

— «Sou eu quem fecha os armários, à noite.»

Um coro de gargalhadas femininas saudou a informação.

Em consequência desta atitude dos homens franceses (serão mesmo só os franceses?) perante os trabalhos domésticos, as mulheres casadas que aos seus empregos juntam a responsabilidade do lar têm um horário diário de trabalho de 16 horas. São as estatísticas consequentes do inquérito que o dizem.

Esta permanência da velha mentalidade — «é à mulher que compete lavar a loiça e preparar a comida, cuidar das roupas e manter a casa arrumada e agradável» — agrava consideravelmente os encargos que pesam sobre os ombros da que trabalha fora de casa.

No inquérito realizado verificou-se, entre as 9715 pessoas contactadas, na grande maioria as mulheres que trabalham só o conseguem contrariando os homens da família.

Abegão
VINHO DE MESA

PEDRO MARTINS DA SILVA

O DIA DA SUA MORTE

O que nasce, é para morrer, depois de viver — se conseguir.

É assim, em ciclos ineluctáveis.

Há um começar a morrer no viver.

Viver. Caminhar, rir pensar, correr para, marcar, sentar (mas não ficar sentado). Olhar com olhos muito abertos, as coisas, as pessoas. A vida. Procurar o porquê, os porquês.

Não olha. Sobe ou desce. Senta-se — olha. Não olha. Escreve. Chama. Volta a escrever. Repete. Persiste. Volta a fazer — repetir. Não procura porquês; de pessoas, coisas, lugares. Tudo está porque deve estar. Não poderia ser de outra maneira,... talvez pudesse. Não vale a pena mudar — perder tempo. Que continua a correr, para o ter. A recompensa. A subsistência. A resistência no lugar, a cumprir o esquema: a Morrer.

Há um pouco de morrer. No dia-a-dia de viver — de dispor (tentar) daquele bocadinho de eternidade que tentamos agarrar. No presente que é já passado. Fixo passado onde nada se move, sombras, espectros, garras fixadas ao presente que quer deixar nascer o futuro — ás vezes só névoa.

Passa o que vive. E nas suas pegadas, são outros universos de vida — assim até ao infinito, um infinito que dá vertigem.

E ele — HOMEM — a tomar-se por centro. Ou só molécula, átomo pulverizado. Criatura débil, desadaptada a um meio corroído, com inconsciência fria, — quando, na posse do fogo que julgava sagrado, pensava-se como Senhor. Senhor de um mundo que foge/escapa. Donde é escorraçado como hóspede indesejável.

Espírito escravizado, por um manobrar que nem pressente. Apenas peça da engrenagem, que outros manipulam; manobrador de outros... em cadeia infernal. Porque, nela, o homem é indiferente ao homem, esmaga-o para explorá-lo/usá-lo (ou destruí-lo, até). E, também, ama-o como a um irmão.

Homem dos canhões. Senhor da Vida, a manobrar a Morte. A distribuí-la — a frio — quando, onde, a seu belo talento. Talvez presa de demónios interiores (substratos desconhecidos de não sei quê), tributo por tudo o que conseguiu. Só fatalismo, quase de fria estatística. Quem o saberá?!

Homem das conquistas técnicas de espanto. Que o levaram do devassar o fundo dos mares de vida mistério; ao escuro infindável, frio, para além de tudo, para além da vida, do espaço. Homem em luta — com todo o seu saber, inteligência, vontade, até sonho — para preservar a vida do outro. Fio ténue, quebrado logo a seguir, a sangue frio — em esquemas de refinamento monstruoso.

Homem que sente a poesia da pedra de musgo, da haste de aragem. Que sabe ver a maravilha do pôr do sol. Que experimenta, sincero, o desejo/obsessão de fugir do espaço retalhado de empenas hirtas, frias — solenemente frias — de edifícios, marcas do progresso. Do progresso do Homem. Que oprime numa angústia fria, de morrer.

Homem do dia-a-dia. De sempre. A viver-morrer.

À procura de nada. Do absoluto. Da felicidade, talvez — ponto fugas de descontinuidade.

A lutar apaixonadamente por nadas, ou só a deixar-se levar, arrastar, numa corrente sentida, e consentida com indiferença atávica — ou nem pressentida. Ou forjada, ali, a frio. Pelos que manejam homens, os seus «soldados de chumbo» de um trágico brincar/viver.

«A aranha do meu destino
Faz teias de eu não pensar...»

Há sempre um primeiro dia. Dia que é o primeiro. De viver, com futuro de projectos. Que a realidade vai mobilando pouco a pouco — e esse dia primeiro a ficar lá para trás. Com coisas reais, alegre ou dolorosamente reais; e outras não tão reais, mas nem por isso menos sentidas — algumas bem mais. Com pessoas que vão, voltam, perdem-se, encontram-se, ficam. Com trabalho que constroi, ou só luta de subsistência, ou coisa nenhuma — um arrastar quotidiano.

Surge o injusto. Perde-se fé na justiça dos homens. Surge o projecto irrealizado, e o futuro fica muito próximo, cada vez mais — muro alto a barrar horizonte. Que foi claro.

Chegam os dias de nada mais. Nada ver, querer, pensar.

O dia da sua morte.

Pelo meio, um preenchimento de tempo entre um ponto e outro.

O viver.

Exclusivo «Le Monde»/«DL»

Concessão Britânica na "Guerra do Bacalhau"

A «guerra do bacalhau», que opõe há um ano os Governos de Londres e de Reiquiavique, está a chegar ao fim? Ese tentado a acreditá-lo depois do «gesto» de Heath, primeiro-ministro britânico, endereçado ao «inimigo». Com efeito, Londres aceitou retirar, a partir do dia 3 de Outubro, as 6 unidades da sua marinha de guerra que patrulhavam, desde Maio último, ao largo das costas islandesas, no interior das 50 milhas reivindicadas por Reiquiavique como sua zona de pesca, e cuja presença bloqueava há meses toda a tentativa de compromisso. De repente, Johanesson, primeiro-ministro islandês, renunciou a romper as relações diplomáticas entre os dois países, como havia prometido fazer no próprio dia da expiração do ultimato lançado em 27 de Setembro último. Indo ainda mais longe, apressou-se mesmo a aceitar o convite de Heath para se deslocar a Londres, em 15 de Outubro, a fim de retomar as negociações.

A concessão britânica é de grande alcance. Durante meses, Londres havia recusado retirar as suas fragatas durante todo o tempo em que Reiquiavique não desse uma confirmação precisa de que as traineiras inglesas não seriam importunadas pelos guarda-costeiros islandeses, como se verificou por diversas vezes durante estes últimos meses; vários incidentes espectaculares foram assinalados na zona contestada. De facto, Johanesson obtém esta retirada sem ter tomado o menor compromisso, embora tenha admitido em 2 de Outubro, que «os patrulhadores islandeses não se fazem ao mar todas as noites e que nem todos os dias têm a sorte de encontrar um navio culpado»; em resumo, que «é possível que não se produza qualquer incidente no imediato». Por outras palavras, pode-se esperar que a Islândia dará provas de moderação, mas pode ter ganho a batalha de prestígio em que se tinha transformado esta fase do conflito.

Com efeito, era bem de prestígio que se tratava. No fundo, muito pouca coisa separa realmente os negociadores: alguns milhares de toneladas de peixe, entre as 160 000 toneladas que pescam anualmente os britânicos nessa zona e as 117 000 toneladas que os islandeses querem conceder. O acordo virá a fazer-se provavelmente sobre um valor médio, por um prazo a determinar, aguardando que a conferência das Nações Unidas sobre os direitos do mar alcance resultados, como sugeriu a Grã-Bretanha. Porém, para a Islândia, tratava-se não apenas de preservar uma actividade vital para a sua pequena economia, como, também, de afirmar os seus direitos em face a uma «grande potência» cuja rigidez tinha parecido chocante relativamente à atitude mais conciliante adoptada desde a Primavera pela República Federal Alemã e pela Bélgica.

Ao fim e ao cabo, não é a primeira vez que o leão britânico baixa o pavilhão, e, no momento em que se vê o chefe de um Governo ocidental, Kreisky, fazer importantes concessões políticas sob a simples ameaça de um punhado de terroristas armados de metralhadoras ligeiras, a decisão de Heath parece ter sido executada com perícia e bom senso. A política de força é difícil de praticar, sobretudo no mundo dito «civilizado», entre países pequenos e médios, desde o momento em que os primeiros sabem o que querem e se declaram prontos a ir até à adopção de medidas tão pouco «convenientes» como a ruptura das relações diplomáticas. Os esforços de Luns, secretário-geral da ONU, que se empregou, desde o início, no sentido de evitar uma crise tão embaraçante como anacrónica entre dois membros da Aliança de que ele tem o encargo, fizeram o resto.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido no Café e Cervejaria Dory de António Salgueiro Matos GALA (Figueira Foz)

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Ângelo Miguel dos Santos, Praça da República, 28 MAFRA

DL/GERAL

PORTO

MATERIAL ELÉCTRICO E ELECTRÓNICO NA HABITAÇÃO

Com a presença do secretário de Estado da Indústria e das entidades locais, é inaugurada hoje, às 18 horas, no Palácio de Cristal, a I Exposição Internacional de Material Eléctrico e Electrónico na Habitação e na Indústria, promovida pela Associção Industrial Portuense e que conta 350 participantes.

O certame constitui, tanto quanto possível, uma mostra completa de produtos dentro do referido sector de actividade, estando nele representados, além de Portugal, mais 17 países: Alemanha, Áustria, Bélgica, Canadá Dinamarca, Espanha, Estados Unidos da América do Norte, Finlândia, França, Holanda, Inglaterra, Itália, Japão, Mónaco, Noruega, Suécia e Suíça.

Em continuação do seu programa de exposições, aquela Associação vai promover no próximo ano, de 30 de Março a 8 de Abril, a Expo-Imaijude-74 I Exposição Internacional de Material para a Infância, Juventude e Desportos.

Este certame, que abrangerá uma vasta gama de produtos, visa a divulgação e desenvolvimento do sector da infância e da juventude, em todos os seus aspectos.

II JORNADAS PARA AS INDÚSTRIAS

Promovidas pelo Instituto Nacional de Investigação, de colaboração com a secção regional do Porto da Ordem dos Engenheiros iniciaram-se esta manhã, na Faculdade de Engenharia do Porto, as II Jornadas para as Indústrias, que se prolongam até ao dia 19.

Às 9 e 30 efectuou-se a sessão de abertura, presidida pelo secretário de Estado da Indústria que proferiu algumas palavras, seguindo-se uma comunicação sobre a inovação da indústria por M. Pierre Mialet, delegado geral á Fundation por la Inovation, de Paris; e outra sobre «Sistemas Integrados de Informação para a Indústria», apresentada por técnicos do I. N. I. Os trabalhos prosseguiram após o almoço, com a alresentação por técnicos da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica de um trabalho sobre «Transferências de Tecnologia», seguindo-se debate e conclusão.

Amanhã, haverá às 9 e 30, uma palestra sobre «A Informação Técnica no Interior da Empresa e o Contexto da Indústria»; às 14 e 30, apresentação pelo dr. H. Schur, da SHEFILLD:DOTEMA«Formação de Especialistas e de utilizadores da Informação na Indústria»; às 17 horas, sessão de encerramento; e às 20 horas, jantar de confraternização.

NOVO PROFESSOR DE MEDICINA

Na Faculdade de Medicina do Porto terminaram as provas de concurso público para professor extraordinário do 9.º grupo — Clínica Pediátrica e Puericultura, o professor auxiliar dr. José Augusto Lopes dos Santos, que foi aprovado pelo júri. Este era presidido pelo prof. dr. Álvaro Rodrigues e dele faziam parte, além dos professores catedráticos em exercício naquela faculdade, o professor jubilado dr. Fonseca e Castro e profs. drs. Mário Jerónimo Caetano Quintiliano Cordeiro, da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra e Carlos Queirós Salazar de Sousa.

CORTEJO DE OFERENDAS

A Santa Casa da Misericórdia de Maia promove no dia 18 de Novembro um cortejo de oferendas, cujo produto se destina a fazer face aos encargos de manutenção do posto hospitalar local.

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Com a presença do secretário de Estado da Indústria, dr. Hermes dos Santos, foram esta manhã inauguradas as 2.as Jornadas Nacionais de Informação Técnica para a Indústria, promovidas pelo Instituto Nacional de Investigação Industrial, em colaboração com a secção regional do Porto da Ordem dos Engenheiros. As sessões decorrem no salão nobre da Faculdade de Engenharia do Porto.

COIMBRA

EXAMES EM OUTUBRO

A Direcção-Geral do Ensino Superior, tornou público que o n.º 4, do art.º 2.º da Circular 163/72, passa a ter a seguinte redacção:

a) Terminado o período das regalias é ainda facultado aos alunos a utilização da época de Outubro seguinte, naqueles cursos em que esta época é uma época normal de recurso e de chamada especial de Janeiro para todos nas quais podem realizar qualquer número de exames sem que se tenham inscrito até 5 de Julho. Não podem, todavia, repetir em Janeiro os exames em que tenham ficado reprovados em Outubro.

b) Dentro de sete dias a contar da publicação do resultado do último exame ou da data em que faltarem ou desistiram na chamada especial de Janeiro, podem os alunos realizar as suas inscrições como alunos do regime comum, mesmo nas disciplinas do primeiro semestre.

CURSO DE DECORAÇÃO

Na sede do Núcleo Auxiliar Feminino da delegação da Cruz Vermelha Portuguesa, reinicia-se em Novembro o Curso de Decoração, orientado por uma professora especializada.

As turmas respectivas funcionarão de acordo com as disponibilidades de tempo dos alunos inscritos, havendo dois turnos, um destinado aos alunos principiantes e outro para os alunos que frequentaram o curso do ano passado.

Os dois programas podem ser consultados pelos interessados no acto da inscrição, que se encerra no dia 23, na secretaria daquela instituição, no Pátio da Inquisição, todos os dias úteis, das 10 às 12 e das 14 às 17 horas.

FUNDAÇÃO ROTÁRIA

Na sede da Fundação Rotária Portuguesa, reuniu-se o conselho de administração daquela instituição, tendo apreciado os resultados obtidos pelos seus bolseiros e atribuído bolsas de estudo para o ano lectivo que agora se inicia, num total de 87 correspondentes a 382.500$00. A referida instituição atribuíu também, os prémios «Casal Melich» e Wantos Pardal», na importância de 5000$00 cada um e criou os prémios «FErnando Ferreira» e «Teixeira Barroca», das mesmas importâncias.

Esses prémios foram entregues aos seguintes bolseiros: «Casal Melich», a António Eugénio Raposo; «Santos Pardal», a D. Maria Merência dos Reis Rodrigues; «Fernando Ferreira», a D. Helena Maria Reis Pacheco do Amaral; e «Teixeira Barroca», a David Alfredo Mendonça de Oliveira Santos.

A Fundação Rotária Portuguesa é uma obra dos rotários portugueses destinada a apoiar jovens estudantes de modestas condições económicas e que não beneficiam de outros auxílios. Criada em 1959, a partir da iniciativa exclusiva dos sócios dos Clubes Rotários do D. 176 (Portugal continental e Madeira), mantêm-se através da contribuição voluntária, tendo atribuído bolsas de estudo num total de 3.266.000$00.

A ORIENTAÇÃO NO ESTUDO

Até ao dia 27, está a decorrer no Clube Juvenil dos Arcos um curso sobre «Orientações no estudo», a cargo de assistentes de Metodologia, destinado a alunas do curso geral e complementar dos Liceus.

Embora o número de inscrições seja limitado, os interessados ainda podem inscrever-se na sede do Clube, na Rua de Tomar, n.º 6

PROVÍNCIA

FEIRA DE S. MIGUEL

COVILHÃ — Efectuou-se em Tortosendo a tradicional Feira de S. Miguel, tendo sido vendidas diversas mercadorias de produção local, tais como cebolas, alhos, nozes, etc.. Este ano o certame excedeu as previsões, não só devido a uma maior afluência de forasteiros, como também pela quantidade dos produtos expostos, em consequência do bom ano agrícola que ali se fez sentir.

TURISMO

Apesar das deficientes condições da indústria hoteleira nesta cidade, a Covilhã foi visitada durante o mês de Setembro por 6.486 pessoas, entre nacionais e estrangeiros, o que dá uma média diária de 216 turistas.

A AGRICULTURA EM MESA-REDONDA

MONTARGIL — Integrada nas III Jornadas Sociais e Corporativas desta localidade, efectuou-se ontem na Casa do Povo de Montargil uma mesa-redonda sobre agricultura. O eng.º Gaston Zapata proferiu uma palestra sobre «Novos métodos para a recolha de fenos», seguindo-se um diálogo com os agricultores.

Autores dramáticos

Partiu para a Hungria o presidente da Sociedade Portuguesa de Autores, dr. Luís Francisco Rebelo, que em Budapeste presidirá à reunião anual do Conselho Internacional de Autores Dramáticos, órgão profissional da CISAC (Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores). Àquela reunião, organizada pela Artisjus — Sociedade de Autores húngara, estarão presentes escritores de vários países.

Sistemas dinâmicos

No Laboratório Nacional de Engenharia Civil, iniciou-se hoje e prolonga-se até 20 de Dezembro, a primeira parte do curso sobre «Sistemas Dinâmicos», regido pelo dr. Gustavo de Castro, matemático deste organismo de investigação. As aulas efectuam-se às 5.as-feiras, das 11 às 12 horas, versando os seguintes temas: linearização e matriz jacobiana; a matriz transferência; a função mátrica exponencial At; transformações lineares; espaços lineares com mátrica e norma; bases e dimensão; sistemas (lineares algébricos e diferenciais) como transformação; estudo das transformações lineares; semelhança e diagonalização; normas mátricas; teorema de Hamilton-Cayley.

As segunda e terceira partes deste curso, cujos sumários constam do programa a distribuir oportunamente, terão início em 3 de Janeiro e 2 de Maio do próximo ano.

As inscrições devem ser solicitadas através da Divisão de Acções de Formação do L.N.E.C.

José Manuel Conceição Lopes da Costa

Missa de 1.º aniversário
Eterna saudade

Seus pais mandam celebrar missa, amanhã, dia 19, na Capela dos Olivais Sul às 18 e 15 horas, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

Abegão
VINHO DE MESA

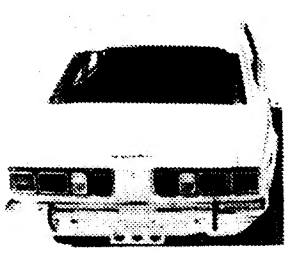
Galerias Roldão
Artigos foto-cine, mobiliário, estofos, objectos decorativos.
AV. ALMIRANTE REIS, 13 E

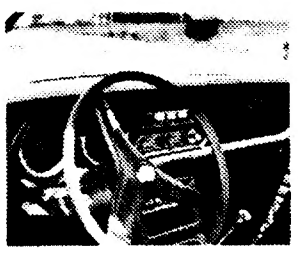
PASTA MEDICINAL Couto
TRATA AS DOENÇAS DA BOCA

1974 um calendário e o seu signo numa maravilhosa impressão a cores por 20$00, envie ao APARTADO 4088.

Mazda 818

da fábrica mais evoluida do mundo





MAZDA

Potência de sobra, conforto incomparável, segurança a toda a prova e, garantindo tudo isto, o prestigio duma mecânica que se impõe em todo o Mundo.

Agora no mercado, o MAZDA 818

Importadores para Portugal Continental e Insular
SOCIEDADE COMERCIAL TASSO DE SOUSA, LDA.
Rua Sá da Bandeira, 557 – Porto

Concessionários em Lisboa
JAPANAUTO
Rua Luciano Cordeiro, 113

MAZDA

TV DL/ESPECTÁCULOS

VILAR DE MOUROS: TERRA PEQUENA COM UMA GRANDE HISTÓRIA

canal da crítica

Por MÁRIO CASTRIM

Terá havido poucos programas de António Victorino de Almeida tão falados quanto este de ontem. Feito, desfez-se. Interromperam a série, meteram repetições para aquecer a lareira das quartas-feiras.

Afinal, a emissão dedicada a Vilar de Mouros acabou por vir. Esteve ontem connosco, entrou em nossas casas. Até ao momento em que escrevo não tenho notícia de quaisquer estragos mentais, morais ou materiais.

António Victorino d'Almeida não fez mais do que uma reportagem a posteriori do festival que em 1971 se realizou em Vilar de Mouros, por iniciativa do médico António Barjes. Quer dizer: António Victorino fez em indevido tempo aquilo que deveria ter sido feito em tempo próprio, nesse tempo em que tantas coisas se escreveram e disseram sobre o comportamento da RTP frente ao festival...

Com a emissão de ontem, António Victorino d' Almeida não pretendeu fazer uma crítica de ordem musical, nem sequer de ordem cultural. Preocupou-o essencialmente a função social de um fenómeno determinado, para o caso o festival de Vilar de Mouros. Quis dizer-nos das vantagens humanas destes contactos.

Pelos depoimentos dos naturais da região se concluiu de nenhum malefício. O amigo barbeiro, para além de espectáculo, foi um símbolo: «tomáramos nós que o festival se fizesse outra vez...» Das músicas, propriamente ditas, poucos se lembrarão ainda — e aqui entre nós, pela amostra dada, farão bem em esquecê-la depressa, particularmente no respeitante ao empadão de Joly. Outras coisas porém não esquecem mais: o medo do convívio, logo dominado; as mãos que se apertam, no instinto de defesa, e depois se separam, descontraídas; a compreensão benevolente para os beijos trocados à luz do dia («quem não quisesse, não olhasse...»)

Talvez não fosse nada disso o que pretendesse o dr. António Barjes. O que ele pretendia era um golpe publicitário a favor de Vilar de Mouros que ele acredita ser a terra mais bela do mundo e as paisagens que ontem vimos fizeram muito pelo ponto de vista do organizador do festival. Até nisto, António Victorino d'Almeida escreveu direito por linhas tortas, ao arrastar a Televisão para o pagamento inadiável de uma dívida.

Quanto ao mais, ele tem razão: **não há osmose cultural através das paredes ou portões trancados** O homem culto e exactamente aquele que se recusa a deixar-se afastar do mundo, dos outros homens, a deixar-se dominar pela solidão.

TELEVISÃO À BEIRA DE UMA GOLEADA.

A pouco e pouco as produções nacionais do novo figurino vão surgindo. Até agora, as provas não foram nada animadoras: **os homens de amanhã** é um monte de deficiências construído sobre o joelho, **Almanaque** é programa de nada feito de coisa nenhuma, **ao longo da vida** promete vir a transformar-se numa histórica chumbada. Isto não é um figurino: a julgar pela qualidade, não passa de um figurão...

Tivemos ontem a apresentação doutra rubrica nova: **Vinte e quatro horas na vida de uma cidade**. Com as ressonâncias zweiguianas decorrentes do título, qualquer pessoa julgaria ir encontrar-se com uma cidade no fulgor da sua intimidade, dos seus segredos, sabe-se lá se dos seus vícios... Iria encontrar, pelo menos, pouco de vivência, de respiração humana, pegadas marcadas no caminho.

Ora nada disto aconteceu. Absolutamente nada. Escolhida como foi Lisboa para o primeiro encontro, facilmente se imagina a vida que as câmaras poderiam apanhar ao vivo ao longo de todo um dia. Explorados como estão os mil e um factores pitorescos, a câmara ver-se-ia obrigada a fugir das escadinhas, das flores na varanda, das guitarradas plangentes — e talvez então a verdadeira Lisboa saltasse, vibrasse, explodisse para o conhecimento de milhões de pessoas.

Tá quieto, ó mau. Aquilo a que assistimos denota uma total ausência de imaginação. Estamos às sete horas da manhã, multidões desembarcam dos autocarros, dos comboios, dos cacilheiros. Mais autocarros: cheios. O cobrador trinca o bilhete. Alguns locais conhecidos, a Penitenciária por exemplo, junto à paragem do autocarro. A multidão corre nos passeios, atravessa ruas e avenidas, movimentada pela batuta dos semáforos. Mais gente. Mais autocarros. Automóveis, grandes filas deles. Mais ruas. Mais avenidas. Prédios. Mais gente, mais multidão...

Assim o tempo vai passando. As vinte e quatro horas não passam, afinal, das sete da manhã. A dúvida persiste: mas então Lisboa é isto? Gente, sim senhor. Gente para quê? Onde esta o destino dessa gente, quer dizer, onde está Lisboa?

Tudo (e não falemos do texto, para não desatarmos para aqui a chorar...) nos sugere encontrarmo-nos diante de mais uma produção falhada. A televisão, ao fazer desta, já perde por quatro a zero. E ainda vamos no princípio do jogo!

TERMINARAM ONTEM OS EXAMES DE APTIDÃO

Terminaram ontem as provas escritas dos exames de aptidão às Faculdades e Institutos Superiores.

Dentre os números recolhidos destacamos a candidatura de 215 jovens ao curso de Direito, 367 ao curso de Medicina, 338 aos cursos de Economia, Ciências do Trabalho e Gestão de Empresa, 4 ao curso de Administração Ultramarina, 72 ao curso de História, 3 ao de Clásicas, 47 ao de Românicas, 176 ao de Germânicas, 10 ao de Geográficas, 20 ao de Filosofia, 36 a Agronomia e 185 ao curso de Físico-Química do Instituto Superior Técnico.

Na Faculdade de Ciências fizeram exame de aptidão 288 alunos distribuídos pelos seguintes cursos: Matemática, 48; Biologia, 18; Geologia, 3; Física, 11; Química, 10; Engenharia Geográfica, 7; Engenharia, 191.

Abegão
VINHO DE MESA

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Francisco Roque RUNA

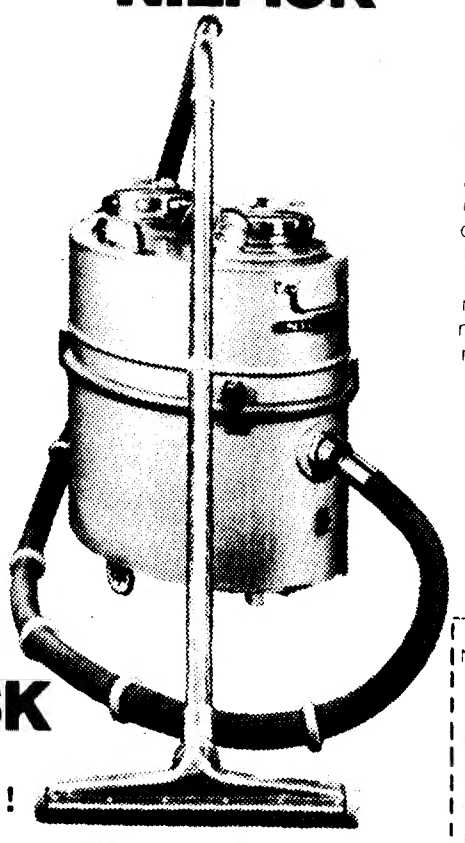
Sonoro Filme
UM INCOMPARÁVEL ESTILO DE HUMOR!
ALFREDO! ALFREDO!

Um filme de PIETRO GERMI
com DUSTIN HOFFMAN/STEFANIA SANDRELLI
17.ª SEMANA! ROXY
Technicolor Grupo D 18 anos

CARGA AÉREA
ECONOMIA=A RAPIDEZ
«AGENTES IATA»
TRANSNAUTICA
TURISMO—TRANSITARIOS—NAVEGAÇAO—HOTELARIA
PORTO
Telefs. 67068 PPC — 694225-691272-691292-693179
Aeroporto PEDRAS RUBRAS 994441
LISBOA
Telefones: 368469-370514-369074

NOVAS INSTALAÇÕES
delfim RUA CASTILHO, 34

este aspirador tem ideias próprias sobre limpeza é um NILFISK


NILFISK
um mundo de soluções!
NILFISK – Aspiradores Industriais e Domésticos, Lda.
Lisboa-4 – Rua Félix Correia, 8 – Tel 78 83 31
ELE PENSA EM GRANDES E PEQUENAS SUPERFÍCIES
Ele sabe onde os resíduos do trabalho dia-a-dia se amontoam e onde o pó se acumula. Ele chega aos pontos de mais difícil acesso, onde por vezes, a poeira concentrada, pode constituir perigo. De grande poder de sucção, NILFISK INDUSTRIAL, em qualquer dos seus modelos, é o aspirador mais eficiente e mais durável — o mais versátil e mais rentável
NILFISK INDUSTRIAL tem sido duramente comprovado em fábricas, hotéis, hospitais, igrejas, armazéns, garagens, cinemas, etc.
Para mais informações, corte preencha e envie para.
NILFISK - Aspiradores Industriais e Domésticos, Lda
Apartado 4049 - Lisboa-4
Nome .....
Actividade .....
Morada .....
Localidade .....

DL/ESPECTÁCULOS

CRÍTICA DE TEATRO — CARLOS PORTO

Gente sem teatro

«DEUS LHE PAGUE», de Joracy Camargo. Intérpretes: Fernanda Barros, Carlos Canduzeiro, Reis Cândido, Dinis Castelo, Fernanda Barreto, Paulo César. Grupo «Gente sem Nome». CAT. 12/10/73.

Antes do início do espectáculo, um dos elementos do grupo dirigiu-se aos espectadores presentes (em pequeno número) manifestando a satisfação do grupo pelo facto de poder apresentar mais um espectáculo; afirmando o reafirmando o amor pelo teatro de todos os componentes do Gente sem Nome; sublinhando o facto de o grupo trabalhar há dez anos sem qualquer subsídio ou outro qualquer auxílio.

O amor pelo teatro; o sacrifício de fazer teatro sem qualquer auxílio; a (aparente) modéstia dos propósitos. Eis como as palavras inocentemente manipuladas pelo jovem apresentador se transformaram num discurso inocentemente propangandístico/mistificatório (insisto na inocência evidente) sobrepondo-se inevitavelmente ao próprio discurso teatral que se veio a revelar vazio, desinteressante, de pressupostos e resultados errados.

Gostaria que Gente sem Nome» amasse menos o teatro como criação e amasse mais o teatro como produção, sendo aqui a primeira o mero acto de afirmação pessoal; de auto-endeusamento; e a segunda, o estudo do teatro na rede complexa de todas as suas relações (causalidades e objectivos); a procura do texto mais adequado; a investigação dos valores ideológicos e estéticos do texto; a sua transposição a partir da noção de que do espectáculo participam factores tão diferenciados mas igualmente importantes como o conhecimento das funções do cenário e do guarda-roupa; o poder significante da marcação; a dinâmica das tensões a estabelecer entre o espectáculo e os espectadores, etc..

Escolhemos um texto não apenas datado mas que se revela duplamente reaccionário: pela filosofia de almanaque que encerra e por ser insuportavelmente chato, Gente sem Nome não podia deixar de perder a aposta. Optando por um tipo de representação que parece, salvo seja, uma caricatura triste do Teatro Nacional nos seus piores dias, o grupo coloca-se à margem não só do teatro contemporâneo, o que era o menos, mas do teatro amador que se faz em Portugal.

Debitando (mal) um texto (péssimo); desprovida a leitura do texto do apoio mínimo que uma encenação, mesmo modesta, poderia conferir-lhe; ignorando, ou parecendo ignorar, que o teatro só existe a partir das relações (de comunhão ou/e de conflito) que se estabelecem com o público. Gente sem Nome não fez apenas um mau espectáculo, provou que durante dez anos de prática nada aprendeu (e dez anos tão importantes como os que passaram).

Está tudo perdido? Não me parece. Embora ancilosado num estilo de representação que, aliás, nunca se devia ter usado, o grupo, se ama de facto o teatro, deve fazer um esforço para se ultrapassar, a partir de uma indispensável auto crítica. Por exemplo, vendo algum do teatro que se faz por aí (Bonecreiros, Comuna, Atlético de Campolide, Vasco Santana, Cornucópia); por exemplo, chamando alguém para fazer com os actores alguns exercícios que lhes permitam um outro tipo de expressividade. Por exemplo, arranjando um encenador.

Depois disso, poderemos falar de amor ao teatro.

NOVOS DISCOS

Danyel Gerard

Naturalizado francês, não hesitou em procurar na Alemanha novas fronteiras.

Sempre vestiu de maneira sóbria, nunca larga o seu chapéu preto. O público habituou-se a vê-lo dessa maneira.

Surgiu então «Butterfley», com sete milhões de cópias vendidas em todo o mundo e mais de duas mil versões foram feitas. «*Butterfly*» deu aquela segurança económica de que *Danyel Gerard* precisava. Deixou de ser cantor em Nôtre-Dame e trabalhou a sério no campo da música ligeira.

Deu canções a outros artistas como por exemplo a Hervé Vilard, Marie Laforêt e Dalida.

Actualmente ele é o produtor das suas canções e «*Isabella*» é o seu último êxito (uma composição inspirada num romance em que o próprio Danyel se viu envolvido).

Ponto sem nó

A Companhia Teatral de Angola está a apresentar, no Teatro Avenida de Luanda, a comédia de Alfonso Paso, «Vamos contar mentiras».

Através duma reportagem efectuada pelo «Diário de Luanda», ficámos a saber o que pensam da peça alguns dos seus mais destacados intérpretes.

A ideia de António Anjos:

«A peça foi feita para obter enorme êxito junto do grande público».

A ideia de Fernanda Ferreirinha:

«Vamos contar mentiras» tem tudo para agradar ao grande público. Aliás em todo o mundo tem sido um êxito.»

A ideia de Wanda Maria:

«A peça vai ser um êxito, como aliás o tem sido em todo o mundo. Lembro-me que em Lisboa até chegou a ser apresentada na televisão durante bastantes meses.»

Dentro do equívoco de se considerar «um êxito» a comédia de Paso, existe ainda outro: «durante bastantes meses na televisão», só as lembranças do prof. Nemésio, as decorações de D. France, os museus do sr. Ribeiro, os cantares do sr. Melo, as culturas do eng. Veloso, as caras do Telejornal, o «Domingo à Noite», etc.

Tudo verdadeiro, tudo genuíno.

Wanda Maria deveria querer dizer, que a RTP se prepara para transmitir pela quinta ou sexta vez, a peça cujo título é um aviso prévio: «Vamos contar mentiras». E, invejando Luanda, a Metrópole aguarda, ansiosa, a reposição do «êxito». Que agradeceria, sensibilizada.

ALEXANDRE PAIS

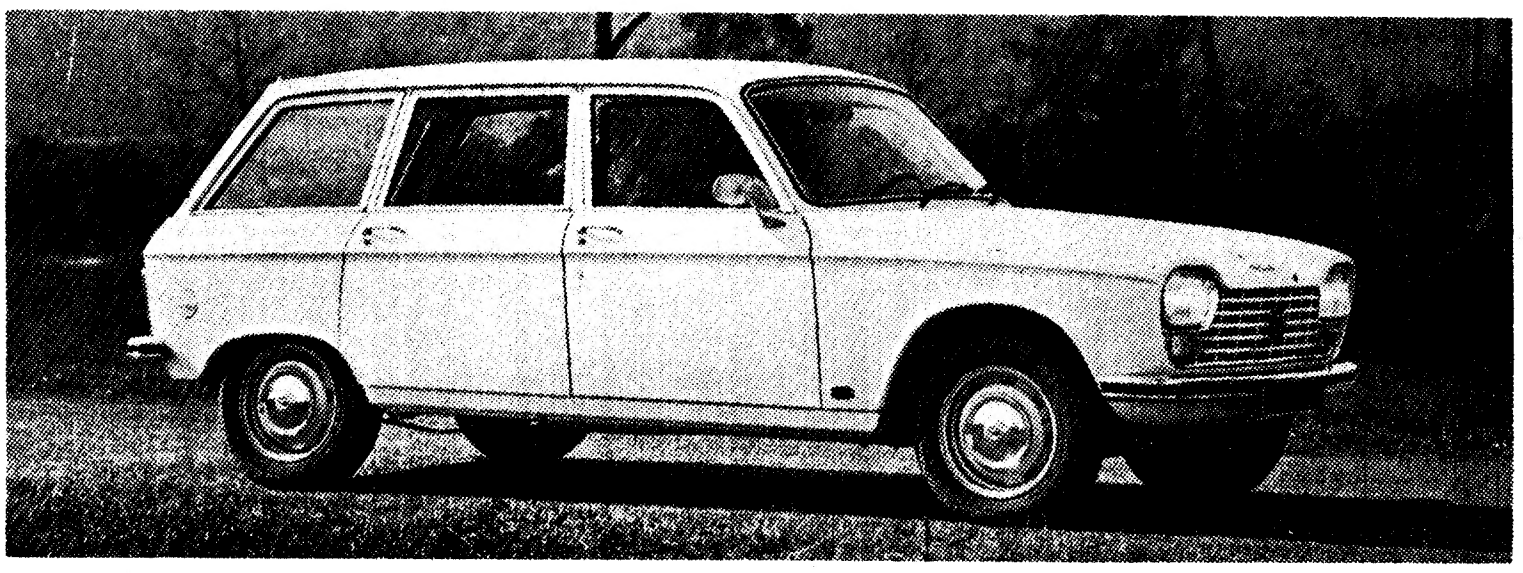
HOMENAGEM A KLEMPERER

A «New Philarmonia Orchestra» vai apresentar um concerto de homenagem a Otto Klemperer, a realizar no «Festival Hall» em princípios de Janeiro. O espectáculo, a que assistirá a filha de Klemperer, vai ser dirigido por Rafael Kubelik, sendo executadas a «Masonic Funeral Music» de Mozart e a «Sinfonia n.º 9» de Beethoven. Os solistas Margret Price, Yvone Minton e Norman Bailey participam no concerto, juntamente com o «New Philarmonia Chorus» e a «New Philarmonia Orchestra»

um novo motor para uma break diesel 204 mais forte

O XL 4D é o novo motor da Break Peugeot Diesel 204.
Mais resistência, maior duração, maior potência.
O XL 4D foi concebido especialmente para a Break Peugeot Diesel 204.
Para suportar melhor a carga útil que transporta durante a semana ou os cinco passageiros com bagagem do sábado e do domingo.
Venha conhecer o novo motor XL 4D da Break Peugeot Diesel 204.
E comece a aproveitar todas as vantagens que ele oferece no trabalho e nos passeios.

Cilindrada: 1357 c.c.
Taxa de compressão: 23,3/1.
Potência máx. DIN: 45 CV a 5000 r.p.m.
Vel. máx.: 130 km/h.
Carga útil: 450 kg.
Consumo: 6,9 lit. aos 100 km.



MOCAR, S.A.R.L.
SALÃO DE EXPOSIÇÕES
AVENIDA ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 19-A
TELEFONE 53 9 31

PEUGEOT QUALIDADE QUE SE MANTÉM

DL NACIONAL

CDE EM ÍLHAVO

"Tem havido progresso... na emigração custo de vida e impostos"

A vila de Ílhavo é terra de gente de mar mas que nem por isso deixa de estar bem atenta aos problemas da terra, como o atesta a enorme assistência que o Cine Teatro local registou ontem à noite, para participar em mais uma sessão de propaganda dos candidatos oposicionistas pelo círculo de Aveiro cartazes estavam espalhados pela vasta sala: «**Aministia, «Luta contra a carestia da vida», «Liberdade de Imprensa» «Oposição Democrática — a força do trabalho, do povo da liberdade»**. E de novo há que assinalar o elevado número de jovens dos dois sexos presentes.

Na forçada ausência da anunciada presidente da mesa, tomou o seu lugar o jovem engenheiro Senos da Fonseca, que convidou para a mesa a sr.ª D. Clotilde Calixto, vibrantemente saudada de pé. Foi guardado um minuto de silêncio em memória do «grande democrata de Ilhavo «dr. Júlio Calixto, recentemente falecido.

O eng.º Senos da Fonseca começou por dizer que estava ali presente tal como a assembleia para dar o seu apoio integral aos candidatos oposicionistas. «**O Governo deu-nos esta farsa para representar e nós aceitamos o jogo, e mesmo até que as regras não nos satisfaçam nós aqui estamos. Nós vamos para onde eles nos querem impor mas sim para onde nós queremos ir.** E mais adiante dirigindo-se aos candidatos: «**Temos que prolongar esta luta mesmo que o vosso sacrifício venha a ter as maiores consequências porque temos de passar para além desta farsa para que Portugal seja diferente. Um Portugal que não seja de meia-dúzia mas sim dos nossos filhos**».

DEBATE PÚBLICO

No uso da palavra Mário Rodrigues lembrou o facto de estarem reunidos na terra natal de Mário Sacramento («um dos maiores militantes democratas deste país», disse), chamou novamente a atenção para o facto de participaram numa burla,

Pouco antes do início da intervenção do candidaro Amaral Reis entrou na sala e foi ocupar o lugar na presidência, a dr. Maria José Senos da Fonseca, aplaudida de pé por toda a assistência.

Amaral Reis analisou a crise da ageicultura aveirense sobretudo na parte sul.

O dr. Neto Brandão tal como na sessão do Troviscal comentou os cartazes da ANP:

Sobre o progresso: «**Falam de progresso e onde estão as casas de renda limitada? Houve progresso sim, seria injusto falatar à verdade houve progresso na emigração, no aumento do vestuário, alimentação, rendas de casa, impostos, taxas no atraso económico-social.**

O dr. Oliveira e Silva chamou a atenção para os continuados estribilhos do Regime «**tal como na época salazarista**») de que «**os candidatos oposicionistas são marxistas-leninistas**».

A seguir este candidato baseado em números pôs em paralelo a mortalidade infantil em Portugal «59,2 por cento — com a Suècia — 12,3 por cento.

O ultimo candidato da CDE de Aveiro a falar, Manuel Andrade, começando por aludir ao facto de a ANP andar a propagandear a nova Assembleia Nacional

Acerca da actividade desenvolvida durante a campanha sublinhou. «**Nós todos os dias para aqui andamos. E os candidatos da ANP de Aveiro? Onde está a sua capacidade de trabalho? Foram a Águeda onde foi um fiasco. Têm de fazer mais uma sessão por obrigação. Nós já os desafiamos para um debate diante da TV. É o vens!**»,

Encerrou a sessao Maria José Senos da Fonseca: «**mesmo humilhados e cobardemente acusados de traidores aqui estamos, porque não nos cansaremos de lutar**». Fez em seguida um apelo à luta da mulher portuguesa: e pela reivindicação dos iguais direitos no trabalho e perante a lei. Concluiu: «**Lutemos ainda para que os nossos filhos não sejam homens para emigrar. Temos o sagrado dever de não fugir à luta para lhes podermos dar um mundo melhor. Um mundo que não os envergonhe.**»

A assistência levantou-se várias vezes e emocionada durante a intervenção de Maria José Senos aplaudindo-a demoradamente.

ESCLARECIMEMNTOS DA ANP

No salão de cinema da banda de Bucelas candidatos a deputados da ANP pelo circulo de Lisboa participaram numa sessão de esclarecimento

Tomaram parte no encontro os candidatos prof. Gonçalves de Proença, eng.º Alarcão e Silva e brigadeiro dr. Ricardo Horta. Depois de algumas palavras de apresentação proferidas pelo sr. Mário Rodrigues, da comissão concelhia da A.N.P. de Loures, o dr. Boavida-Portugal, da comissão de Lisboa, referiu-se ao momento particularmente sério que se vive no nosso País face às manobras dos que com intuitos inconfessáveis, desenvolvem uma actividade que pretende atingir, nos seus mais respeitáveis direitos e nas suas mais gratas tradições, a nação portuguesa. Recordou que os candidatos presentes são três figuras nacionais, estando o nome do prof. dr. Gonçalves de Proença imperetivelmente ligado à história das notáveis conquistas sociais que em Portugal obtiveram os trabalhadores portugueses, sendo o eng.º Alarcão e Silva um detacado expoente da investigação científica e o dr. Ricardo Horta uma autoridade, de projecção internacional, no campo da saúde, presidente nacional da Cruz Vermelha Portuguesa.

Realizaram-se também sessões de esclarecimento em várias localidades do distrito de Braga, em Salvaterra de Magos, no côncelho de Tavira, em Amarante, em Marco de Canavezes e em Baião, tendo usado da palavra os candidatos da ANP pelos respectivos círculos eleitorais.

Crime de parricídio em Vila Nova de Ourém?

— **Nós não temos assim tantos agentes que possamos acorrer de imediato a todos os crimes acontecidos neste país. Só por este facto o homicídio do agricultor Joaquim Pereira Domingos, de 52 anos, ocorrido no dia 11 de Julho último, no lugar de «Barrocas», concelho de Vila Nova de Ourém, cuja competência para a instrução do processo nos foi deferida em 14 de Agosto, apenas começou a ser investigado no dia 15 de Setembro**. — afirmou o dr. Araújo e Sá, subdirector da Polícia Judiciária, durante uma reunião com a Imprensa em que foram referidas as diligências que levaram à descoberta do presumível assassino, que, de acordo com os resultados das investigações, teria sido o próprio filho da vítima, um jovem trabalhador rural de apelido António.

O jovem, que terá cometido o crime com uma enxada no momento em que o agricultor se encontrava adormecido à sombra de uma árvore, apresentou como justificação para o seu acto o facto de o pai lhe bater com frequência e de se opor ao seu desejo de emigrar para França.

Segundo o inspector Eduardo Baptista, que orientou as investigações, logo de início as suspeitas recaiam sobre António, dadas as contradições frequentes em que incorreu durante os interrogatórios e ainda por ter sifdo ele a única pessoa que contactara com a vítima no dia do crime.

O arguido, que poderá ser condenado a uma pena de 14 anos, será julgado dentro de breves dias no Tribunal Judicial de Vila Nova de Ourém.

NOVA SOCIEDADE DE GESTÃO

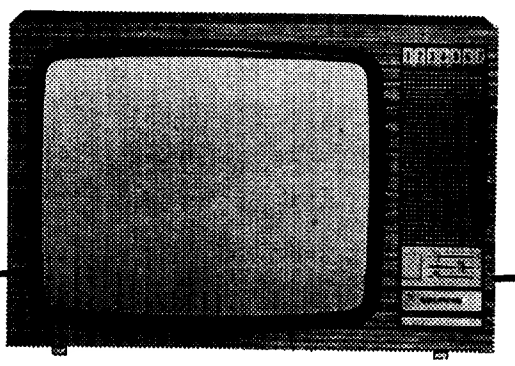
Foi constituída a sociedade Sogestão — Sociedade de Administração e Gerência L.da, cujo objecto social consiste na administração e gerência de bens móveis ou imóveis, sua valorização, troca, compra e venda, podendo contudo, a sociedade exercer qualquer outra actividade que não dependa da autorização especial.

O capital social é de cem contos, integralmente realizado e subscrito pelos sócios Manuel Carlos de Melo Champalimaud e Luís de Melo Champalimaud.

Quando for viajar
lembre-se que a STAR lhe pode reservar e emitir bilhetes para qualquer parte do Mundo. Podemos poupar-lhe um tempo precioso, sempre que precisar de
PASSAGENS
de avião, de barco, de autocarro ou de comboio, rigorosamente aos preços oficiais. Proporcionamos-lhe também o aluguer de automóveis com ou sem condutor em Portugal e em todo o Mundo.
STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Lisboa Estoril Porto Faro Funchal Luanda

A. OLIVEIRA
ELECTRODOMÉSTICOS
Av. Almirante Reis, 91 A
Rua Angelina Vidal, 63 | Lisboa

NÃO VEJA DE BINÓCULO

GRUNDIG
dá-lhe a dimensão exacta!
Com o televisor GRUNDIG de 61 cm tem a melhor dimensão de imagem. A garantia da sua perfeita estabilidade deve-se ao alto grau de transistorização de todos os circuitos e ao sistema protector de interferências de sinal. Selecção de programas por impulsos electrónicos. Reprodução de som com altifalante frontal. Vários modelos GRUNDIG de 61 cm, écran grande, electrónicos e ultra-electrónicos (UE).
GRUNDIG
GARANTIA DE QUALIDADE E DURAÇÃO

QUALIDADE GARANTIDA NR SGO ASSISTÊNCIA EM TODO O PAÍS
mais técnica, melhor serviço

DL/NACIONAL

O DRAMA DE UM TRABALHADOR RURAL

. Com destino ao trabalhador rural Francisco Feliciano Boteta, de Alvito, cujo caso recentemente referimos sob o título «O drama de um trabalhador rural», entregou-nos um leitor, que deseja manter o anonimato, a quantia de 3.000$00 (três mil escudos).

Por outro lado, uma leitora enviou-nos a quantia de 200$00

O POVO DE MOSELOS (VISEU) EM LUTA PELO PROGRESSO

VISEU — Cansados de repetidas promessas das entidades responsáveis, que já se arrastam de há muito os habitantes de Moselos, povoação que dista a cinco quilómetros desta cidade, resolveram meter ombros a vários empreendimentos, indispensáveis ao seu progresso, dado o completo abandono a que aquela localidade foi votada.

Cumpre referir que, além de uma deficiente distribuição de energia eléctrica e da falta de água, Moselos não dispõe de arruamentos com o mínimo de condições para servir a sua população. E, embora, de somenos importância, é de frisar ainda a falta de uma placa que limita o início da povoação. Destruída há já muito tempo, nunca mais se pensou na sua substituição.

Nestas circunstâncias e mercê da sua boa vontade, o povo daquela localidade uniu-se para a construção de uma estrada que principia a meio da povoação e se detém nos limites da estrada florestal. Para a concretização desta obra, muitos tiveram de encurtar as suas propriedades, a fim de dar à estrada uma largura suficiente; outros tiveram de suprimir os seus parcos ganhos para as respectivas despesas que se elevam a algumas dezenas de contos.

Ora acontece que todo este esforço resultará nulo se a estrada não for ligada à Florestal N.º 1, faltando para isso apenas um quilómetro. E pois por esse milhar de metros, que o empreendimento entrará em estagnação, se quem de direito não providenciar a conclusão dos trabalhos. E a verdade é que o deidicado povo de Moselos necessita desses quilometros para poder prosseguir a sua luta em prol do progresso, que parece ter-lhe sido negado.

Contudo, e a despeito de todas as dificuldades, as gentes de Moselos iniciaram ainda novos projectos, nomeadamente a construção de um campo de futebol, um parque infantil e uma cantina escolar.

PARA ALÉM DA VIDA DÊ-LHE FUTURO

Pôr um filho no mundo
é a mais bela das responsabilidades,
mas a mais grave, também.
Os pequenos cuidados não chegam.
São precisos os grandes.
Cuidado com a educação,
cuidado com os imprevistos.

AS COMPANHIAS DE SEGUROS
EXISTEM PARA CUIDAR DO FUTURO.
Estão em toda a parte.
Dirija-se a elas.
O tempo dar-lhe-á razão.

O SEGURO PROTEGE O FUTURO

Abegão
VINHO DE MESA

motor

DL/NACIONAL

Comunicado da ANP sobre política social

Das Comissões Eleitorais da A. N. P. recebemos o seguinte comunicado:

As C. D. I., embora com carácter esporádico, mas alardeando um sistemático compromisso entre a deliberada ignorância das realidades e a rotina do verbalismo demagógico com que intenta confundir o eleitorado, têm feito algumas referências a aspectos parcelares da política social. Tais alusões, além de eivadas de desconhecimento dos factos estão viciadas de manifesto propósito de confundir, pelo que importa esclarecer alguns dos pontos focados.

Efectivamente, como o fez há dias, a C. D. I. de Lisboa, uma vez mais, invocando o exemplo dos países socialistas, continuando, assim, a elegê-los como expressão dos mais acabados paraísos, pretende fazer crer que, além do mais, só aí existem infantários e jardins de infância.

Ora, este ponto requer alguns esclarecimentos de nível mais amplo que o da problemática do equipamento social referido, pois as C. D. I. mostram desconhecer que em parte alguma do Mundo — socialista ou não — se atingiram níveis suficientes ou se encontraram soluções definitivas quanto a equipamentos sociais para qualquer estrato etário.

Julga-se, pois, oportuno, e em breve síntese, dar uma nota das orientações definidas no nosso País para diversos domínios do equipamento social, das taxas de crescimento registadas nos últimos anos e das realizações previstas na vigência do próximo Plano de Fomento.

CENTROS DE BEM-ESTAR INFANTIL

Estes centros constituem unidades integradas de infantário e jardim de infância e representam equipamentos pensáveis em termos de função com alto coeficiente de utilização, quer no tempo, quer na diversificação de actividades e concebidos no atendimento de alguns princípios fundamentais: unidade da personalidade da criança; unidade da acção médica, educativa e social e unidade do desenvolvimento sócio-económico da comunidade onde se integram. São, pois, instrumentos de apoio à família para, em harmoniosa colaboração com ela, promoverem o desenvolvimento integral da criança. Nesta intenção, tem-se tornado imperativo que uma das cláusulas dos acordos de cooperação com instituições particulares de assistência implique a criação de uma comissão de pais junto da direcção do estabelecimento.

A par da execução efectiva destas medidas de política, outras importa salientar: o estudo de novas modalidades de auxílio aos progenitores com responsabilidades familiares; o prosseguimento do programa de preparação e regulamentação das actividades de amas e famílias de acolhimento; a revisão dos textos legais relativos à criação e funcionamento de estabelecimentos com fins lucrativos; a formação intensiva de mães de família, já sem responsabilidades familiares, com vista ao aproveitamento da sua experiência em favor da criança; a formação de outros voluntários, como pessoal técnico reformado; a criação de um serviço de apoio domiciliário com enfermeiras puericultoras a partir de centros de saúde, dispensários materno-infantis e centros de bem-estar infantil.

Por outro lado, tem sido intensa a actuação do pessoal técnico junto das comunidades da área de influência dos estabelecimentos, fomentando a interacção indispensável entre estes e a vida da comunidade, ao mesmo tempo que se prossegue e intensifica o apoio técnico e financeiro à melhoria das condições de funcionamento dos próprios estabelecimentos, da sua gestão e da valorização do seu património.

Mercê de toda esta acção, nos últimos cinco anos, o número deste tipo de estebelecimentos aumentou em 30 por cento; o número de crianças beneficiárias em 56 por cento; o de acordos de cooperação com instituições particulares de assistência (abrangendo apoio técnico, comparticipação nos encargos de manutenção e pagamento integral das despesas com pessoal técnico ao serviço das instituições) registou a impressionante taxa de 769 por cento, a que correspondeu um acréscimo de encargos da ordem dos 4792 por cento, ao mesmo tempo que a concessão de subsídios ordinários e eventuais aumentou em 107 por cento no mesmo período.

Na vigência do IV Plano de Fomento, a par da conclusão de 9 estabelecimentos já iniciados, prevê-se a construção de 25 novos estabelecimentos e a remodelação de 55, o que virá a traduzir-se num aumento de 2.000 lugares, configurando um acréscimo da cobertura da ordem dos 25 por cento.

A este programa importa ainda acrescentar o previsto pela Santa Casa da Misericórida de Lisboa, que implicará a criação de 3000 novos lugares com a construção de 20 novos estabelecimentos, e o que será executado pelo Instituto de Obras Sociais, em que se prevê a implantação de 50 estabelecimentos com uma capacidade global para 22.500 crianças; tudo isto sem prejuízo da intensificação das valências de bem-estar infantil no âmbito da acção das Casas do Povo e de quanto possa vir a ser realizado por iniciativa das Misericórdias, Centros Paroquiais e outras instituições particulares de assistência.

Acresce ainda a importância da referência à introdução nos Centros de Bem-Estar Infantil de novas actividades de tempos livres para um total de 0.350 crianças, ao mesmo tempo que prosseguirá o alargamento da rede de cobertura do País com parques infantis.

MENORES PRIVADOS DE MEIO FAMILIAR NORMAL E SOCIALMENTE DESAJUSTADOS

Neste domínio, e no que respeita à acção destinada a menores privados do meio familiar normal, deu-se início e tem-se intensificado uma rasgada política de reconversão de estabelecimentos oficiais e de instituições particulares de assistência com actividades de internato, atendendo às conclusões de estudos realizados e que tornaram evidente a necessidade de reduzir a menos de 5 por cento o número existente de crianças e jovens internados, havendo que reconduzi-los às suas estruturas familiares, pelo que importa manter e intensificar o apoio a um número mínimo de estabelecimentos-modelo por distrito.

Ao mesmo tempo que se tem incrementado toda uma profícua acção junto das instituições particulares que se dedicam a esta modalidade, no sentido de uma total abertura dos estabelecimentos à comunidade, assegurando-se, assim, uma efectiva e fecunda participação e vivência da criança e do jovem no meio em que vive, tem prosseguido a revisão da política dos lares, considerados criação necessária à correcta reprodutividade dos investimentos feitos com a implantação dos estabelecimentos para menores normais, diminuídos e socialmente desajustados, fomentando entre todos eles um harmonioso e integrador processo de interacção e vivência. Aliás, quanto a deficientes visuais, Portugal foi pioneiro do ensino integrado e foi considerado recentemente, numa reunião internacional em Copenhaga, o país que a seguir à Dinamarca mais progressos verificou no campo da integração social.

Ainda adentro do intento da máxima valoração destes recursos humanos, iniciou-se e prossegue a colaboração com o Ministério das Corporações em ordem à revisão do funcionamento das oficinas existentes nas instituições particulares de assistência.

Quanto aos menores com problemas de desajustamento social ou caracteriais, igualmente se têm intensificado as acções tendentes à sua recuperação social, quer por iniciativa directa dos serviços, como a que se desenvolve pelo Centro de Observação e Orientação Médico-Pedagógica, em colaboração com os Centros de Saúde Mental Infantil, quer pelo apoio técnico e financeiro que vem sendo assegurado a estabelecimentos adequados de instituições particulares. Tudo isto ao mesmo tempo que foram considerados os Centros Autónomos de Recepção e Informação e Centro de Observação Médico Social, atendendo de modo global à criança nos seus aspectos físico-psico-sensorio-motores; se incrementou a investigação de etiologia das perturbações comportamentais e caracteriais e se deu início à experiência quanto a menores socialmente desajustados em estabelecimentos-piloto, a funcionar já no presente ano lectivo.

No último quinquénio, no que respeita a instituições para menores privados de meio familiar normal, a par do esforço de reconversão referido, intensificou-se o apoio técnico e financeiro a instituições particulares, tendo os encargos com acordos de cooperação registado um aumento de 6 por cento, ao mesmo tempo que os subsídios ordinários e eventuais cresceram cerca de 200 por cento.

No decurso do IV Plano de Fomento, prevê-se a conclusão de 3 estabelecimentos já iniciados, a implantação de 0 novos estabelecimentos e a remodelação de 24, atingindo-se, assim, uma cobertura de 00 por cento das efectivas necessidades quanto a este tipo de equipamento. Como medida complementar, será realizada uma experiência-piloto de colocações familiares, abrangendo alguns milhares de crianças e jovens da quase totalidade dos concelhos da aglomeração da grande Lisboa.

Acusa ainda a remodelação de 8 estabelecimentos existentes para menores socialmente desajustados e a criação de 0 centros de acolhimento e protecção a menores em perigo moral e a mães solteiras.

PROTECÇÃO A MENORES DIMINUÍDOS

No que respeita à acção destinada à criança diminuída têm sido definidas e postas em prática medidas de política do mais relevante alcance humano e social, sempre sob enfoque de uma óptica realista de valoração dos recursos humanos e de melhoria da qualidade da vida.

Assim, tem-se intensificado e está em curso toda uma vasta acção tendente a que se estabeleça, com carácter injuntivo, a adequada relação entre crianças diminuídas e não diminuídas, favorecendo-se uma formação positiva de umas e outras; a que se consolide uma verdadeira política de equipamentos completos para a criança diminuída, desde os centros de bem-estar infantil e internatos, aos semi-internatos, ensino geral e secções de formação profissional; a que se prossiga com o serviço em meio aberto, isto é, serviço de orientação domiciliária (através de enfermeiras dos centros de saúde e dispensários materno-infantis, educadoras, assistentes sociais) junto das famílias na orientação e educação da criança diminuída.

Está, pois, em curso, neste domínio, todo um novo programa que, podendo em muitos aspectos emparceirar com o que de melhor se vem recomendando e fazendo internacionalmente, visa conceder à criança diminuída um tratamento médico adequado, um desenvolvimento suficiente dos seus conhecimentos intelectuais, e uma formação profissional que possibilite uma integração social na base de um adequado ajustamento à diminuição existente. Toda esta acção será largamente enriquecida com a próxima criação do Centro de Preparação de Material e com a criação de novas oficinas pré-profissionais para aperfeiçoamento da sensibilidade táctil, concentração e coordenação neuro-motora da criança. Tudo isto, ao mesmo tempo que se vem intensificando uma completa abertura dos estabelecimentos ao meio em que se implantam, pondo à disposição deste os equipamentos disponíveis, enriquecendo simultaneamente a vivência das crianças desses estabelecimentos.

DIMINUÍDOS AUDITIVOS

Nos últimos cinco anos o número de estabelecimentos registou um crescimento de 00 por cento, tendo o de crianças beneficiárias subido de 35 por cento, e os encargos com acordos de cooperação com instituições particulares asistindo a um acréscimo de cerca de 70 por cento.

Durante o IV Plano de Fomento serão concluídos 2 estabelecimentos já iniciados, estando prevista a implantação de novo estabelecimento, a remodelação de 3 e a construção de novo estabelecimento para crianças surdas com deficiência intelectual grave. Com a realização deste programa criam-se 270 novos lugares em estabelecimentos e será atingida a cobertura de 100 por cento das necessidades do País quanto a este tipo de equipamento.

DIMINUÍDOS VISUAIS

No período acima referido, o número de estabelecimentos aumentou em 67 por cento, tendo o de crianças beneficiárias crescido em 4 por cento, ao mesmo tempo que os encargos com o apoio a instituições particulares de assistência sofreu um acréscimo de 30 por cento.

Na vigência do próximo Plano de Fomento, serão concluídos 2 estabelecimentos já iniciados, prevendo-se a criação de 3 novas oficinas de formação pré-profissional e a implantação de novo estabelecimento para crianças deficientes visuais e portadoras de deficiência intelectual grave. A realização deste programa configura um aumento de 250 novos lugares em estabelecimentos, o que permitirá seja atingida a cobertura de 00 por cento das necessidades do País quanto a este tipo de equipamento.

DIMINUÍDOS INTELECTUAIS

No último quinquénio o aumento do número de estabelecimentos registou um taxa de 300 por cento, cabendo ao de crianças beneficiárias o aumento de 55 por cento, ao de acordos de cooperação com instituições particulares o acréscimo de 46 por cento, e as dos encargos com subsídios ordinários e eventuais a essas instituições a subida de 7 por cento.

Durante o IV Plano de Fomento, prevê-se a construção de 3 novos estabelecimentos e a criação de 8 semi-internatos que assegurarão 00 por cento de cobertura das necessidades dos distritos de Lisboa e Setúbal. Prevê-se ainda a construção de novo estabelecimento para menores deficientes motores e a criação de novasequipas técnicas para apoio, a nível distrital, a acção a desenvolver para este tipo de deficientes. Com a execução deste programa, que envolve a criação de cerca de 4.00 novos lugares em estabelecimentos, prevê-se atingir a cobertura de 40 por cento das necessidades do País no que se refere a este equipamento.

A par das realizações atrás apontadas, e ligando-se directamente aos programas relacionados com a assistência a crianças em estabelecimentos abertos importa referir a conclusão de Centro de Observação e Orientação Médico-Pedagógica, a criação de 2 novos Centros, de novo laboratório de psicologia e de mais um lar de apoio, post-cura.

Por outro lado, incrementar-se-á a política de criação de lares para adolescentes e jovens normais e deficientes, proporcionando-lhes condições de alojamento e apoio a frequência de estabelecimentos de ensino ou de aprendizagem em centros de formação profissional, facilitando, assim, a sua integração na sociedade.

Ao abrigo da execução do IV Plano de Fomento, serão criados 26 novos lares, para um total de 2080 menores, reservando-se 0 desses lugares para deficientes.

Existe plena consciência de quanto importa continuar a fazer e prdem a este empenhamento irreversível de valorização de recursos humanos, de melhoria de qualidade da vida, enfim, do «mais ser» de cada português; esse esforço há-de prosseguir e intensificar-se; o nível de realizações já conseguido e o ritmo a que se têm verificado constituem o mais seguro aval para as certezas que importa depositar na acção futura.

A OPOSIÇÃO CRITICA A SITUAÇÃO DOS TRANSPORTES COLECTIVOS DE COIMBRA

O Movimento Democrático de Coimbra distribuiu o seguinte documento sobre a situação dos transportes colectivos daquela cidade:

«1. Como foi noticiado nos jornais, em Junho passado, foi aprovado pela Câmara Municipal de Coimbra uma nova tabela de preços para os transportes colectivos. Segundo esta tabela as tarifas serão aumentadas em média 50 por cento (os bilhetes de 1$00 passam para 1$50). Mas algumas — como os passes — sofrem aumentos de perto de 100 por cento (o passe de 120 viagens que custava 130 escudos custará 240$00). Tarifas estas que serão ainda agravadas pelo aumento do número de «zonas».

2. Todos nós verificamos, diariamente, que os serviços de transportes funcionam pessimamente. A numerosa população trabalhadora que vive no Dianteiro, Carapinheira, Cova d'Ouro, Casal do Lobo, Estação Velha, São Martinho, Bencanta, Coselhas, Alto do S. João, Bairro do Brinca, Pedrulha, pagando os elevados preços que já vigoram actualmente é servida por um pequeno número de carreiras.

Dentro da cidade, Santa Clara, Bairro Marechal Carmona, Solum, Santo António dos Olivais, Tovim, Conchada, são exemplos de zonas para os quais, principalmente nas horas de ponta, só se consegue um lugar nos transportes depois de uma longa espera e em veículos que já vão mais do que superlotados.

Os horários não cumpridos, as avarias frequentes, a falta de abrigos são o pão nosso de cada dia de quem utiliza os transportes públicos nesta cidade.

E isto sem falar em todos os lugares que nem sequer são servidos, quer dentro da cidade, como o Bairro da Arregeça, quer nos seus limites como o Bairro do Ingote e a Casa Branca.

Enfim, deparamos com uma situação que não serve os interesses da população.

3. Sucede que em geral as reclamações que este estado de coisas provoca vão recair sobre os empregados que não têm qualquer responsabilidade. Também eles estão sujeitos às mais precárias condições de trabalho, tendo ordenados baixíssimos, trabalhando 8 horas por dia num regime irregular e sobrecarregado sendo por vezes obrigados a entrar as 8 da manhã e a sair às 9 horas da noite.

Continua na pág. 11

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

CENTRO DE APERFEIÇOAMENTO PROFISSIONAL

CURSOS EM QUE AINDA SE ACEITAM INSCRIÇÕES

CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS
ESTENOGRAFIA (SPEEDWRITING)
INRODUÇÃO À INFORMÁTICA

INFORMAÇÕES

Av. Duque de Loulé, 83 - 3.º — Telef. 59993
depois das 18h30

A DIRECÇÃO

DL/NACIONAL

RECORDADA EM RIO TINTO UMA SESSÃO REALIZADA EM 1951

Presidiu a esta sessão organizada pela comissão concelhia de Gondomar do movimento democrático do Porto, o democrata dr. Teixiera de Sousa, ladeado por alguns dos candidatos, representantes das freguesias vizinhas, das comissões concelhias, e ainda dos democratas, eng. Virgínia Moura, arq. Lobão Vital, escritor Papiniano Carlos Alexandre Ferreira Barros, Joaquim Felgueiras e D. Francisca Castro, em nome das mulheres democratas do concelho.

Constituida a mesa, foi feito um minuto de silêncio em memória de Salvador Allende e entregue um ramo de flores á «lutadora de sempre eng.ª Virgínia Moura».

Leu-se de seguida um telegrama «do presidente ausente desta sessão». Disse o dr. Teixeira de Sousa, referindo-se ao prof. Ruy Luis Gomes que assinava o referido telegrama, juntamente com o prof. José Morgado. O democrata Alexandre Ferreira Barros leu depois duas cartas

Depois de ler e comentar a carta do presidente da Câmara de Gondomar com um despacho sobre os termos em que a sessão seria autorizada, o dr. Teixeira de Sousa deu a palavra aos candidatos do M. D. P. presentes e não todos estavam dado que alguns falavam, aquela mesma hora, na sessão da Póvoa de Varzim.

Pode dizer-se que todo o rigor da análise em relação aos problemas concretos do direito e do país, feita pelos candidatos contínua a ser em torno das questões incluídas na plataforma mínima aprovada no Porto e no ultimo Congresso de Aveiro.

Assim, falou em primeiro lugar o candidato Celso Lemos Ferreira que abordou as lutas sindicais e reivindicativas, exemplificando, a certa altura, com a «impugnação de várias listas, livremente eleitas pelos trabalhadores, como a impugnação feita às eleições do sindicato textil para o triénio 70/72 e que apesar do dito triénio já ter expirado ainda não foram feitas, depois de sentenças favoráveis na segunda vara do Tribunal de Trabalho do Porto e do Supremo Tribunal Administrativo, tendo sido interposta nova impugnação na quarta Vara do Tribunal do Trabalho do Porto, onde se encontra paralisado vai para dois anos. Impugnação essa feita por um cacique (a soldo do patronato) ee candidato da lista «A» com a acusação de que seis elementos da lista «B» professavam ideologias proibidas no nosso País.»

Citou depois as lutas dos têxteis, metalúrgicos (com paragem parciais ou totais de empresas), dos bancários dos transportes áereos, dos pescadores e dos estudantes, etc. Falou ainda das carências em alimentação, habitação, educação, saúde e assistência.

O dr. Teixeira de Sousa prosseguiu: «Dou agora a palavra ao candidato do povo dr. Nozes Pires» que vei a ser interrompido mais que uma vez pelo oficial da G. N. R. presente na sala.

Ainda se referiu ao facto de o montante dos impostos pagos por cada português ter passado de 800.00 para 400.00 entre 1960 e 1973.

A candidata Berta Monteiro falou ainda dos problemas da carestia da vida, um dos pontos da plataforma mínima, e disse: «Não é verdade que um quilograma de carne custa tanto como o salário diário de um grande número de trabalhadores.? Não é verdade que o peixe está ao preço da carne, chegando até a estar mais caro, por vezes?»

«O Governo tenta convencer-nos que a alta de preços é provocada pelo aumento de salários conseguido pelos trabalhadores criando para isso um Decreto-Lei N.º 196/72 congelando os salários permitindo o ajustamento destes apenas de dois em dois anos. Assim, segundo números oficiais (?), se a vida sobe 15 por cento, em dois anos subirá 30 por cento, qual será o ajustamento de salários?».

E mais adiante: «Os grandes comerciantes intermediários aproveitam-se da situação, ou aumentando os preços conforme lhes dá na cabeça ou armazenando produtos para provocar a sua escassez e poder mais tarde vender mais caro. Assim, a inflação vai aumentar os lucros industriais, comerciais, e usurários», para concluir:

O PAPEL DA TELEVISÃO

Falou depois o candidato jornalista César Príncipe. Abordando a repressão («a classe dominante reprime nas 24 horas exactas») afirmou: «Reprimem a vida política, económica, social, profissional, cultural, a sensibilidade do País».

E mais adiante: «Cometem-se atentados, defraudações contra a economia nacional mas o Governo não julga os traficantes de alvarás, os desviadores de capitais, os especuladores de mercadorias, de acções de empresas ou de taxas de empréstimos.

«O Governo sabe muito bem porque apreende discos de José Afonso e deixa circular o fado da Amália. José Afonso canta para consciencializar o povo e incomodar os ricos, a aAmália canta para divertir os ricos e «entreter» o povo. O Governo sabe perfeitamente porque, na televisão, o povo não aparece a sofrer, a protestar, a exigir mas sempre em romarias ou a bater palmas. A televisão é uma arena de repressão da consciência popular.

O orador seguinte, eng. Sousa Pereira, citou o democrata de Lisboa, Mário Sottomayor Cardia de quem leu uma passagem, afirmou que o Movimento Democrático pretende, nesta campanha, alargar a sua luta, levar a todos os locais a palavra de ordem da unidade

Terminada a sua intervenção, o candidato Sousa Pereira, precedeu de algumas palavras («para que saiamos daqui perfeitamente conscientes da nossa acção») a leitura de um texto sobre uma mesa-redonda acerca de problemas do ensino agora realizada no âmbito das actividades do M. D. P..

Falou a terminar, o candidato estudante Pina Moura, que, lembrou na análise de um ano, os èxitos do Movimento Democrático, dizendo «O M. D. P. não é uma comissão para a farsa eleitoral» e recordou as invasões das sedes democráticas a proibição de sessões Recordou a unidade, referiu-se ao «orgão dos fascistas dissidentes da Sedes o conhecido «Expresso» e concluiu por novo apelo á ampla em torno dos objectivos da plataforma mínima não interessando saber qual o quadrante ideológico donde provêm».

No final da sessão, o democrata Francisco Hortas, candidato a deputado às eleições de 1969, leu um texto para convocação do plenário do concelho de Gondomar, que terá lugar no próximo dia 20, às 21 e 30, na respectiva sede, à Rua de Medancelhe, 128, em Rio Tinto.

Em nome do professor Ruy Luís Gomes, o dr. Teixeira de Sousa deu por encerrada a sessão.

REUNIÃO DE DEMOCRATAS EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO

PORTO — Problemas referentes à situação socio-económica (salários custo de vida, estabilidade no emprego) e a actividade sindical falta de representatividade do sindicato e sua inacção em defesa dos interesses da classe) foram os temas mais importantes abordados numa reunião ampla de empregados de escritório realizada na sede do Movimento Democrático do Port, na Rua de Santa Catarina.

No encontro participaram representantes dos seguintes nuícleos de actividade: comércio armazenista e de importação, comércio de indústria automóvel, comércio retalhista de ferros e ferragens, organização corporativa, comercio retalhista não especificado, indústria têxtil e de vestuário, indústria química e borracha, indústria metalurgica e metalo-mecânica, profissões liberais e indústria e cerâmica e construção civil.

Nova reunião está marcada para a próxima sexta-feira, à mesma hora e no mesmo local, para a continuação dos trabalhos.

REUNIÕES VÁRIAS

Comissões de Freguesia — na sede do M. D. P. da Rua de Júlio Dinis, reuniu-se ontem a comissão das freguesias de Lordelo-Massarelos.

Na sede da Rua de Santa Catarina, houve uma reunião da comissão das freguesias da Sé, Miragaia, Vitória e S. Nicolau.

Esta tarde, na sede da rua de Santa Catarina, às 18 e 30, reunião ampla de bancários.

Na sede de Matosinhos, à rua Godinho, 148, reuniões, às 21 e 30, e de operários têxteis.

PRÓXIMOS COMÍCIOS

Às 21 e 30 — comício de jovens no cinema Carlos Alberto, dia 19, às 21 e 30 — comício em Matosinhos, no teatro Constantino Nery.

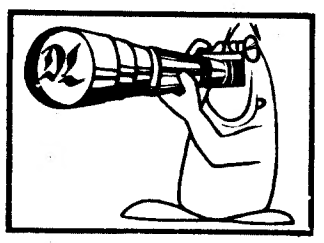
Dia 19, às 21 e 30 — comício em Valadares.

Dia 20, às 15 horas, comício no Coliseu do Porto.

Reuniões amplas — promovida pela comissão de freguesia do Bonfim efectua-se amanhã, às 21 e 30, na sede do M. D. P. à Rua de Santa Catarina, uma reunião ampla de democratas da freguesia do Bonfim.

À mesma hora, mas na sede da Rua Júlio Dinis, realiza-se uma reunião ampla dos democratas das freguesias de Nevogilde, Aldoar e Ramalde.

Custo de vida — o alarmante crescimento do custo de vida e o congelamento dos salários dos trabalhadores serão objecto de uma mesa-redonda a realizar na sede do M. D. P. à Rua Júlio Dinis, amanhã, pelas 21 e 30.



A SITUAÇÃO SANITÁRIA VISTA PELA A.N.P.

DAS COMISSÕES ELEITORAIS DA A. N. P. RECEBEMOS O COMUNICADO SEGUINTE:

«Na Conferência de Imprensa realizada pela Comissão Democrática Eleitoral de Santarém, o Senhor dr. José Manuel Bento Sampaio, afirmou, segundo o relato do vesperpino «A Capital» de 6 do corrente:

«A mortalidade infantil, em 1969, era de 58 crianças em cada mil. A relação médica por habitante, em 1971, cifrava-se em um por 2965, enquanto que a OMS indica, como número limite mínimo, um por mil».

Porque estes números podem originar conclusões que não correspondem à realidade actual, julga-se conveniente fornecer alguns escalrecimentos para elucidação do público e da própria C. D. E. do distrito de Santarém.

Em 1970, a taxa de mortalidade infantil foi, efectivamente, de 58,0 por mil nados vivos para o Continente e Ilhas Adjacentes e de 56,9 para o Continente.

No quadro que se junta, pode apreciar-se a evolução desta taxa, durante o último decénio, no conjunto do País e no distrito de Santarém. Como se vecifica, a taxa de mortalidade infantil em Portugal Continental desceu em 1971 para 48,3 e em 1972 para 39,8. Observe-se que, para o distrito de Santarém, as taxas de mortalidade infantil no referido decénio foram sempre mais favoráveis do que as correspondsntes ao conjunto do País, tendo-se registado em 1972 naquele distrito a taxa de 31,7.

Ainda para elucidação do assunto indicam-se, seguidamente, as taxas de mortalidade infantil referentes a alguns países do Leste e do Sul da Europa fornecidas no Anuário Estatístico da ONU respeitante a 1972:

Polónia 29,5; Checoslováquia 21,6; Hungria 35,1; Roménia 49,4; Bulgária 24,9; Jugoslávia 55,2; Itália 28,3.

Como se verifica, outros países europeus debatem-se também com atrasos maiores ou menores, não obstante os esforços que os respectivos Governos terão, certamente, desenvolvido no domínio da protecção materno-infantil.

Pelo que respeita à «relação médica por habitante», em 1971 havia no Continente e Ilhas Adjacentes 8410 médicos, o que correspondia a 1054 habitantes por médico (no Continente havia 8206 médicos, correspondendo a 1011 habitantes por médico); em 1972, o número de médicos no Continente e Ilhas Adjacentes subiu para 8972, o que corresponde a 950 habitantes por médico (no Continente, 8774 médicos, ou seja, 912 habitantes por médico).

Portanto, para o conjunto do País, o número de habitantes por médico satisfaz ao limite indicado pela OMS. O que se verifica é uma acentuada concentração dos médicos nos grandes centros, em desfavor sobretudo das regiões rurais do interior. Relativamente ao distrito de Santarém, em 1971 a relação era de 2160 habitantes por médico (e não 2965 como, certamente por lapso, afirmou o Senhor Dr. Bento Sampaio) e, em 1972, de 2108 habitantes por médico.

PROCURA-SE CORRIGIR A CONCENTRAÇAO DE MÉDICOS NAS ZONAS URBANAS

O problema da assimetria na distribuição dos médicos rão tem sido descurado, e ainda recentemente, os responsáveis pelo sector da saúde o expuseram publicamente, analisando os factores que têm favorecido a concentração dos médicos nos grandes centros e dificultado a sua fixação fora deles, e apontando as medidas já tomadas ou em curso com vista à melhoria de tal situação, as quais, em resumo, são as seguintes: elaboração dos quadros de pessoal médico dos hospitais centrais; alargamento progressivo do internato, ou de partes deste, aos hospitais distritais; revisão do Regulamento do Internato; coordenação adequada dos serviços de saúde do Estado e da Previdência e estruturação de uma carreira única de medicina social ou comunitária; remodelação e considerável alargamento dos quadros dos hospitais distritais, com saúde e hospitais concelhios; etc..

ALGUNS NÚMEROS A CORRIGIR...

Para finalizar, e, salvo o devido respeito pelo Senhor Dr. Bento Sampaio, tem de se fazer dois reparos à sua comunicação: em primeiro lugar, forneceu números que, como se viu, não estão actualizados; em segundo lugar, indicou a taxa de mortalidade infantil para o Continente e Ilhas Adjacentes (menos favorável que a correspondente ao distrioo de Santarém), mas mencionou (aliás, exagerando) o número de habitantes por médico no distrito de Santarém (menos favorável do que o respeitante ao conjunto do País) isto, sem indicar expressamente a área geográfica a que se refecia, o que, evidentemente, não é correcto.

TAXAS DE MORTALIDADE INFANTIL (POR 1000 NADOS-VIVOS) NO DECENIO 1963-1972, SEGUNDO A RESIDENCIA

ANOS	Portugal Continental	Distrito de Santarém
1963	72,5	50,8
1964	68,4	52,4
1965	64,4	44,2
1966	65,0	43,6
1967	58,9	43,6
1968	60,2	38,5
1969	55,4	35,7
1970	56,9	35,3
1971	48,3	35,3
1972	39,8	31,7

Fonte: I. N. E. — Anuários Demográficos e Estatísticas Demográficas

CARTA DOS SOLOS DO MUNDO

Seguiu para Roma em missão oficial, o eng. Luis Bramão, investigador da Estação Agronómica Nacional convidado pela FAO para fazer parte da equipa de peritos conselheiros científicos dos serviços que têm a seu cargo a elaboração da Carta dos Solos do Mundo.

DL /NACIONAL

LOTARIA DE HOJE

NUMEROS PREMIADOS EM CADA SÉRIE

19.474 — 2.555.000$00
26.131 — 245.000$00
551 — 140.000$00

APROXIMAÇÕES AOS 1.ºs PRÉMIOS

19.473 — 7.717$50
19.475 — 7.717$50

PREMIOS DE 14 CONTOS

1.579; 10.617; 24.093; 30.575; 39.231 e 43.716

PREMIOS DE 7 CONTOS

3.163; 4.310; 6.656; 9.082; 13.019; 13.685; 14.729; 15.296; 15.344; 18.744; 18.954; 20.659; 21.299; 21.445; 21.978; 22.369; 24.102; 26.347; 30.029; 31.499; 31.750; 37.692; 40.620; 43.786; 44.482; 44.728; 45.998; 46.533; 47.328; 50.645; 52.302 e 52.663

PREMIOS DE 280$00 (CENTENAS)

501 a 600; 19.401 a 19.500 e 26.101 a 26.200.

PREMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três últimos algarismos sejam 604 ou 784 são contemplados com 735$00, no bilhete de cada uma das duas séries da emissão. Os terminados em 290, 578, 585 ou 813 são contemplados com 560$00. Por sua vez, os números cujos dois algarismos finais sejam 25, 66 ou 71 são premiados com 350$00. Os restantes números cujo último algarismo — terminação — seja 4, são contemplados com 175$00, também no bilhete de cada série.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

Os 280 contos dos dois 3.ºs prémios foram distribuídos aos balcões da Casa da Sorte.

INAUGURADA A CASA DE SAÚDE DA FAMÍLIA MILITAR

A Casa de Saúde Militar, um moderno edifício de 12 pisos, foi esta manhã inaugurada pelo ministro da Defesa e Exército, general Sá Viana Rebelo que apontou o empreendimento como um reflexo da política governamental que no seu entender se faz «**através de factos e não de palavras, de realizações firmes e não de pensamentos inexequíveis, de propósitos claros e não de ideias demagógicas**».

À cerimónia estiveram presentes o ministro da Marinha, o secretário de Estado da Aeronáutica e muitos oficiais generais.

O coronel médico João Corte Real, director do Hospital Militar Principal, revelou que a casa de saúde importara em 53 mil contos e que começou a ser construída em 26 de Janeiro de 1970. O general Sá Viana Rebelo viria a afirmar que na edificação da obra «**poderia ter sido levado menos tempo**» mas «**verificaram-se hoje, em muitas obras militares, grandes demoras na entrega dos equipamentos**».

De acordo com as informações contidas no discurso do director do H.M.P. a Casa de Saúde beneficiará sobretudo os sargentos e as suas famílias.

A SITUAÇÃO DOS TRANSPORTES COLECTIVOS DE COIMBRA

Continuação da pag. 9

De maneira nenhuma podemos aceitar que se venha justificar o aumento de tarifas com um justo aumento de salários do pessoal dos S.M.C. nem com o melhoramento dos transportes (este mesmo melhoramento está prometido desde o último aumento de bilhetes de $80 para 1$00 e nós ainda não vimos nada).

Os serviços de transportes colectivos devem ser serviços não lucrativos que procurem unicamente a satisfação das necessidades do público e onde até será normal verificar-se um excesso de despesas sobre as receitas. Suprir este excesso compete ao Estado através da atribuição das verbas necessárias e não à população através de mais um agravamento do custo de vida.

4. Pensamos que servir a população seria assegurar carreiras regulares, em número suficiente, material em bom estado de conservação, tarifas o mais baixo possível e condições de trabalho condignas ao seu pessoal.

Ora os S.M.C. não asseguram nada disto e nem sequer garantem que os trabalhadores se possam deslocar dos locais onde vivem para os locais onde vão trabalhar e dar o lucro diário do seu esforço ao patronato.

5. Este aumento dos preços dos bilhetes, que terá ainda que ser aprovado superiormente vem agravar mais uma situação dolorosamente conhecida do desenfreado aumento do custo de vida. A população trabalhadora que ganha os salários mais baixos e tem que ir à procura das rendas menos caras na periferia da cidade, é mais prejudicada, pois sendo a que mais necessidade tem dos transportes é também a que paga tarifas mais altas.

É fácil calcular o que para estas pessoas representa pagar 5 escudos por viagem (Dianteiro, por exemplo). Só com duas viagens por dia gastarão 300 escudos por mês. Com as novas tarifas passarão a gastar 360$00. A situação é de tal ordem que um jovem estudante nestas condições gasta com os transportes mais do que em propinas, livros e demais material escolar.

6. Nós, habitantes de Coimbra, não podemos encarar este aumento como um facto inevitável. Vemos nele e, duma maneira geral, na subida do custo de vida, a consequência inevitável da ganância dos monopólios nacionais e estrangeiros. Protestemos contra a subida das tarifas. Exijamos melhores transportes! **Comissões de Freguesia do Movimento Democrático de Coimbra**»

Via-rápida de Alcantara ao Calhariz de Benfica

Terá características de «via rápida urbana» o prolongamento da Avenida de Ceuta até ao Calhariz de Benfica e daqui até à Avenida Marechal Carmona e de auto-estrada urbana» o eixo rodoviário sul-norte entre esta última artéria e Campolide, segundo o estudo que vai ser submetido à apreciação do Governo, de acordo com a de liberação tomada na reunião da Câmara.

Segundo a memória descritiva e justificativa que acompanha a proposta, o conjunto das obras destina-se a cobrir as lacunas existentes adentro do espaço concelhio de Lisboa e permitir que a Junta Autónoma de Estradas o complete na porção arrabaldina imediata.

O empreendimento orça em 775 mil contos, tendo sido deliberado pedir a comparticipação financeira do Governo.

RESTAURANTE DE MONSANTO

O coronel Silva Sebastião anunciou, ainda, a revogação do despacho de adjudicação proferido em 1968 para exploração do restaurante de Monsanto, dado que, decorridos cinco anos, a exploração se mostrava impossível por deficiência das obras realizadas. Vai ser aberto concurso com vista a nova adjudicação, tendo sido fixado que o adjudicante se comprometerá a abrir o restaurante ao público no prazo improrrogável de um ano.

Ainda em Monsanto, segundo anunciou o coronel Silva Sebastião, não será implantado o hotel cuja construção estava prevista, pois a sua exploração não se apresentava rentável, a menos que prejudicasse as vistas panorâmicas.

Na sessão camarária desta manhã, em que foi nota dominante a ausência de vários vereadores, falou ainda Leopoldo Nunes, que se referiu ao «direito» e ao **abuso» das críticas à administração municipal e à ausência do «reconhecimento» das boas obras, terminando por manifestar estranheza pelo facto de não se ter falado na libertação da Avenida 28 de Maio do trânsito de carga (passou a efectuar-se pela Rua da Cruz Vermelha) e à reorganização do mercado abastecedor.**

Subsídios para aquisição de máquinas agrícolas

Um despacho do ministro da Economia e do Secretário de Estado da Agricultura tendente a facilitar a renovação do parque de equipamento concede subsídios até 30 por cento para aquisição de máquinas agrícolas.

Afirma-se no preâmbulo do despacho que «foi reconhecida a indispensabilidade do uso do equipamento mecânico face a uma conjuntura da vida rural que impõe uma decisiva viragem no nosso sector agrícola com vista a melhorar a eficácia económica e social das explorações.»

Procura-se que a mecanização «contribua para a redução dos custos de produção, o aproveitamento das potencialidades agro-florestais de cada região, a maior produtividade do trabalho e utilização colectiva do equipamento, como uma das formas de obviar à reduzida dimensão das explorações.»

Comunicado do Movimento Democrático de Coimbra

A Comissão de Imprensa do Movimento Democrático de Coimbra enviou-nos o seguinte comunicado:

«À sede do Movimento Democrático de Coimbra continuam a acorrer dezenas de democratas do distrito, para obterem informações mais detalhadas dos motivos da proibição, pelo Governo Civil de Coimbra, da 1.ª sessão de propaganda eleitoral, sessão que se deveria ter realizado no Teatro Avenida, no sábado último, e que era especialmente dedicada à Juventude.

Não obstante a sua proibição, o M.D.C. marcou já novos comícios de propaganda eleitoral: dia 20, em Ceira, no Clube de Instrução e Recreio de Ceira, pelas 21 e 30, presidida pelo democrata José Fernandes Borges.

Entretanto, está a ultimar-se a realização de outras sessões: hoje, na Lousã; amanhã, em Cantanhede, e ainda, sem data confirmada, em Mira e Soure.

Como tem vindo a ser anunciado, realizar-se-á em Coimbra, no Teatro Avenida, no dia 24, uma sessão dirigida a toda a população.»

Actividades da A.N.P.

. . . A A. N. P. realizou ontem as seguintes sessões de esclarecimento: em Viana do Castelo, tendo usado da palavra o dr. Júlio Evangelista. Em Ponte da Barca, onde foi orador o dr. António Brochado. Em Guimarães, em que falaram os drs. Luís de Oliveira Ramos, Fernando Dias de Carvalho Conceição, António Alberto Meireles e eng. Duarte do Amaral.

Também em Moscavide alguns dos candidatos a deputados tiveram um encontro com eleitores das freguesias do concelho de Loures, durante o qual usaram da palavra João Manuel Raposo Abrantes, dr. Boavida Portugal, eng. Alarcão e Silva e dra. Maria Clementina Vasconcelos.

Três candidatos a deputados da A. N. P. visitaram as localidades de Alcoutim, Martim Longo e Castro Marim, onde participaram em reuniões.

"DEIXAR AOS NOSSOS FILHOS UM PAÍS DIFERENTE"

— voto expresso na sessão da Oposição em Évora

ÉVORA — Grande entusiasmo popular caracterizou a sessão de propaganda eleitoral levada a cabo, no Salão Central desta cidade, pelo Movimento Democrático do distrito. Presidiu Filipe Benjamim dos Santos, tendo usado da palavra apenas (em obediência a determinação da autoridade) os quatro candidatos: dr.ª Ana Maria Alves, Fernando Iglésias, Manuel João Passão e eng. António Areosa Feio.

A abrir os trabalhos, o presidente da mesa criticou veementemente as graves declarações feitas no último fim-de-semana em Faro pelo ministro do Interior, tendo posto em destaque as várias contradições do discurso do dr. Rapazote.

A terminar, teve palavras de incitamento para os democratas.

Frequentemente interrompida por prolongados aplausos da assistência, a dr.ª Ana Maria Alves sublinhou que as eleições são mais uma das pseudo legalidades do Governo e que, antes de mais nada, é obrigação do Movimento Democrático desmascarar todas estas manobras demagógicas. A candidata dedicou parte do seu discurso «aos pais e às mães presentes», uma vez que afirmou «são as mulheres e as crianças, sobretudo dos meios rurais, as maiores vítimas. Abordou, então, pormenorizadamente, as flagrantes carências registadas, em Portugal e concretamente no distrito de Évora nos campos da assistência materno-infantil e da assistência aos velhos e aos deficientes, vindo a concluir a sua interbenção com um apelo para que «as nossas reivindicações se transformem em luta», pois só através da luta poderemos «deixar aos nossos filhos um país dife-

O candidato Fernando Iglésias na sua intervenção, perguntou qual fora a acção que os deputados da União Nacional A. N. P. haviam tido na última legislatura em defesa dos interesses do distrito de Évora. Depois, fez uma análise sócio-económica da situação do povo português, salientando sobremaneira as repercussões do actual sistema da vida do povo do distrito eborense.

A terminar, leu algumas passagens de discursos de Salazar e Marcello Caetano.

O candidato Manuel Passão, trabalhador rural, analisou diversos passos no IV Plano de Fomento, nomeadamente os que têm a ver com a classe camponesa. Antes, foi guardado um minuto de silêncio em memória do trabalhador alentejano Adriano Neto.

O último orador, eng. Areosa Feio, não terminou a sua intervenção, por exigência da autoridade, com base no facto de já ser meia-noite. Teve, todavia, ainda tempo de incitar a juventude a prosseguir a luta em prol da Democracia. A sessão terminou com a assistência entoando, em coro, o Hino Nacional.

Jornadas de documentação e informação

Acaba de ser divulgado o programa das «I Jornadas de Documentação e Informação para o Desenvolvimento» que decorrerão nas instalações da Fundação Calouste Gulbenkian nos dias 13, 14, 15 e 16 de Novembro.

As jornadas são promovidas pelo Grupo de Trabalho Permanente para a Documentação e Informação Económica-Social.

O programa prevê conferências e sessões de trabalho sobre problemas de informação, documentação, automatização, legislação da informação, investimento na informação, normalização, informação e desenvolvimento, cooperação, estatística e informática documentária.

Arterias reabertas ao transito em Moscavide

Em Moscavide, reabiram ao trânsito as Ruas Francisco Marques Beatro e dr. João Gomes Patacão, que durante cerca de três meses estiveram interditas para a execução das reparações no respectivo pavimento. A assinalar o facto houve uma inauguração simbólica pelo presidente do Município que era acompanhado pelo vice-presidente, administrador do bairro administrativo da vila e demais entidades do concelho.

Simultâneamente entrou novamente em funcionamento a sinalização automática luminosa do trânsito que se processa tal como em Lisboa, após ter estado 48 horas intermitente.

Realizada a cerimónia o presidente da Câmara dirigiu-se para Sacavém onde verificou na Rua Auta da Palma Carlos, a abertura de mais um parque infantil dentro da política de reapetrechamento de equipamento infantil em que aquele Município se encontra empenhado.

Federações dos países da EFTA

As Federações Industriais dos países da EFTA vão reunir-se em Genebra. Para participarem nos debates seguiram para aquela cidade o director-geral da Associação Industrial Portuguesa, dr. Pedro de Vasconcelos, e o economista daquela Associação, dr. Abraão de Carvalho. Um dos temas a tratar relaciona-se com a integração económica europeia.

O dr. Pedro de Vasconcelos seguirá depois para Paris com objectivo de participar numa reunião do Comité Executivo do Conselho das Federações Europeias.

DL NACIONAL

SESSÕES DE PROPAGANDA

OPOSIÇÃO

ALFERRAREDE hoje às 21 horas no cinema local.
MAFRA hoje às 21 horas
PORTO hoje às 21 e 30 no cinema Carlos Alberto
ODIVELAS hoje às 21 horas na sede da CDE, colóquio sobre liberdade de expressão.
TOJAL hoje às 21 horas
MOSCAVIDE hoje às 21 horas
MATOSINHOS amanhã às 21 e 30 no cinema Constantino Nery
LOUSÃ amanhã às 21 e 30 no Império Cine
TORRES VEDRAS amanhã às 21 horas
ALHANDRA amanhã às 21 horas
BOBADELA amanhã às 21 horas
PAREDE amanhã às 21 horas
LISBOA amanhã às 21 horas no Centro Republicano José Estevão, na Alameda das Linhas de Torres.
MINDE amanhã às 21 horas.

ANP

CASCAIS hoje às 21 e 30 na Sociedade Musical Esportiva Alvidense.
ABRANTES hoje às 21 e 30 no Cine Teatro São Pedro.
BEJA hoje às 21 e 30 no Cine Teatro Pax Julia
CHAVES hoje às 21 e 30 no Cine Teatro local
LOUSADA hoje às 21 horas no salão dos Bombeiros Voluntários
FUNCHAL hoje às 21 horas no Cinema JoãmJardim
MAÇÃO hoje às 21 e 30
VILA FRANCA DE XIRA amanhã às 21 e 30
GOLEGÃ amanhã às 18 e 30
VILA NOVA DE OURÉM amanhã às 21 e 30
ALANDROAL amanhã às 18 e 30
VILA VIÇOSA amanha às 21 e 30

Candidatos da A.N.P. apresentados no Bombarral

Os candidatos da A.N.P. pelo círculo de Leiria foram ontem à noite apresentados ao eleitorado do Bombarral.

O primeiro orador foi o dr. Valente Sanches, o qual, ao abordar os princípios que todo o eleitor deve ter presente no dia 28, disse:

. «São inaceitáveis as teses postas quer ao dever de amar o seu país, quer ao dever de cooperação internacional.

«São inaceitáveis os esquemas totalitários com referência aos de inspiração marxistas que se traduzem na negação de Deus que procuram cerciar a liberdade da Igreja e que desrespeitam as convicções religiosas da consciência individual e colectiva.»

. Seguiu-se no uso da palavra o dr. Joaquim Faria, que afirmou, nomeadamente:

. «O Estado Social, representado pelo Governo de Marcello Caetano, caracteriza-se pois por uma capacidade de resposta às múltiplas exigências da nossa época e é garantido o acesso equitativo de todos os portugueses aos benefícios da vida moderna, à valorização do indivíduo e à justa repartição das riquezas, como um direito emanente da pessoa humana.»

O dr. Henrique de Lacerda referiu-se às realidades socio-económicas da região, merecendo-lhe especial atenção o progresso educativo e cultural das populações.

Falou por último o dr. Silva Pinto que de improviso teceu largas considerações sobre o actual momento político pondo em destaque não só a diferença de concepções e de objectivos que existe entre a A.N.P. e as C.D.E., mas também a forma distinta como os candidatos por uma e por outra têm desenvolvido a sua campanha.

Os da A.N.P., segundo disse, no firme propósito de esclarecer serenamente o eleitorado não se furtando, em amor à verdade, a apontar carências e insatisfatórias soluções.

Os da C.D.E. sempre agitados e buscando a agitação, tantas vezes menos conhecedores da verdade dos factos ou interessados em não a revelar, quase sempre injustos para com a política prosseguida nos últimos anos em ordem a assegurar o maior desenvolvimento económico e social do País.

BRILHANTES
De qualquer tamanho e preço, compramos. Pagamos muito bem.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

VIOLENTOS ATAQ NA SESSÃO DA

O anti-comunismo, o ataque à Oposição Democrática e a denúncia da aliança entre comunistas e socialistas que estaria na origem das suas listas e da sua campanha foram ontem à noite, mais uma vez, os temas dominantes nos discursos de todos os candidatos da ANP de Lisboa que intervieram na sessão do Teatro Monumental.

Do teor das afirmações produzidas, deduz-se o propósito de inculcar às votações do próximo dia 28 um significado plebiscitário quanto à política africana do Governo, pelo que mereceu especial insistência por parte dos oradores «a necessidade de votar», superando «a tendência comodista da abstenção».

Dirigiu-se contra as posições democráticas sobre a Guiné, Angola e Moçambique o fundamental do discurso do ministro dos Negócios Estrangeiros, principal orador da noite. Como candidata pelo Estado da Índia, falou a dr.ª Maria Teresa Lobo. O sr. Francisco do Cazal-Ribeiro e o dr. Augusto Salazar Leite foram os outros oradores da sessão, presidida pelo dr. Justino Mendes de Almeida.

Na sala, que conta cerca de mil lugares, destacavam-se muitas figuras conhecidas do Regime, do Estado e da Organização Corporativa, elementos da administração pública e representantes da zona rural do distrito, que se deslocaram a Lisboa especialmente para o efeito.

«POBRE ALLENDE!»

Do discurso do ministro Ruy Patrício deve notar-se a posição que assumiu quanto à fase actual do conflito israelo-árabe. Sobre a campanha eleitoral começou por dizer o chefe da diplomacia portuguesa: «O que se passa neste momento em Portugal não é fenómeno específico do nosso País. Por toda a parte no mundo existem minorias revolucionárias e activistas que se arrogam o direito de interpretarem e exprimirem a seu modo os interesses do povo e de sobreporem os seus critérios e os seus clamores à expressão serena e consciente do voto popular. O desenvolvimento económico e o progresso social, a adopção pelos Governos responsáveis e inspirados no interesse nacional das técnicas de programação e das preocupações sociais, nas condições e com o sistema mais adequado às características, às necessidades e ao espírito de cada povo, retirou sentido e apoio de massas aos partidos revolucionários. Os partidos socialistas ou se aburguesam ou, se pretendem aliar-se aos comunistas em frentes populares como aconteceu com o português, reduzem-se a um papel insignificante e subalterno. Os partidos comunistas, como o português que domina agora a Oposição Democrática, fazem parte de uma organização internacional, são orientados por programas vindos do estrangeiro e opõem-se à política nacional que tem sempre o apoio da maioria do povo.

«Quem temos a disputar estas eleições? Uma frente nacional constituída pelos candidatos da Acção Nacional Popular que apoiam a política de defesa do interesse nacional, de progresso económico em todas as frentes e de justiça social do Governo de Marcello Caetano. Estes candidatos pretendem e pedem o voto da maioria do povo português. E do outro lado, quem está? Uma frente revolucionária, dominada e dirigida pelo Partido Comunista, que está consciente da sua falta de apoio popular e da sua fraqueza eleitoral».

O ministro qualificou a propaganda oposicionista de «frases feitas», «injunções verbais criadas por uma técnica publicitária apurada», «inventário delirante», «quadro fantasmagórico de negações e de carências», «slogans emocionais», etc., procurando filiá-la nas «palavras e frases dos manifestantes extremostas antiportugueses de Estocolmo ou de Amsterdão», agora «despejadas na oratória das sessões eleitorais ou nos escritos da propaganda revolucionária». Logo a seguir, exclamaria: «Que símbolo mais eloquente deste tipo de propaganda do que as sessões eleitorais em que os minutos de silêncio em memória de Salvador Allende têm como quadro ou pano de fundo os cartazes em que se prometem a alta dos salários e a baixa dos preços? Pobre presidente Allende! Vítima das contradições, da hipocrisia e do cinismo do mundo contemporâneo. Dos que aproveitam as instituições democráticas e reclamam em altos berros todas as liberdades para prepararem friamente os golpes de Estado e para armarem os grupos de choque revolucionários, com a experiência dos golpes de Praga e das carnificínas da Polónia».

O dr. Ruy Patrício comentou depois a alta de preços com que as organizações patronais, os proprietários e industriais chilenos pretenderam lançar o Governo socialista na crise que antecedeu o golpe militar: «Pobre presidente Allende! repetiu

. Que pensaria ele destes seus celebrantes revolucionários portugueses que invocam a fidelidade à sua memória e aos seus programas e métodos para prometerem a baixa dos preços. Alta de salários e baixa de preços como no Chile revolucionário em que os preços subiram 300 por cento num ano e nos últimos dias do regime pré-marxista quase dobravam de dia para dia perante a raiva impotente das donas de casa, como aquelas que os nossos oposicionistas querem cativar com as suas mistificações, e o desespero dos trabalhadores, iguais àqueles cujos interesses os nossos comunistas dizem representar».

FUGA «EXPRESSO»

Traçando «o quadro do que aconteceria a Portugal se fosse ainda de considerar como tal a Pátria destroçada e em ruínas que resultaria da cedência suicida aos apelos dos revolucionários marxistas que se intitulam de Oposição Democrática», o dr. Ruy Patrício fez uma primeira e expressa referência ao sector liberal ou desenvolvimentista, em que se contam muitos dissidentes das fileiras nacionalistas e que não concorreu às eleições, dizendo a certa altura: «O que sucederia à parte europeia de Portugal, submetida à ditadura do Partido Comunista, se esta se conseguisse estabelecer sobre as ruínas da implacável guerra civil entre os moscovitas, mais ou menos revisionistas, os leninistas puros, os maoistas e socialistas de outros matizes que nem sequer nas tarefas negativas da destruição conseguem estabelecer uma trégua provisória? Seria a destruição sistemática de todas as instituições existentes, a derrocada de todas as estruturas do País que se faria, não tenhamos ilusões, sobre os cadáveres da burguesia «europeísta» e derrotista que, absorvida nos seus colóquios e nas suas lucubrações especulativas sobre o futuro, com que justifica o comodismo passivo da sua abstenção, nem sequer teria tempo de programar a fuga em «expresso» dos seus capitais e dos seus egoísmos. Não é preciso ser muito pessimista para prever que a sinistra perspectiva de futuro que a Oposição Revolucionária, que se chama de Democrática, nos oferece é a de um Portugal transformado em Cuba ou no Vietname da Europa pois os que não hesitam já hoje em apelar para o estrangeiro para lhes fornecer alento e apoio, também não hesitariam amanhã em envolvê-lo em lutas fratricidas. Na melhor, e na menos provável das hipóteses, teríamos um Portugal europeu, reduzido, frustrado e estagnado, nova Albânia isolada do resto da Europa a que chamam dos monopólios».

O ministro passou a tratar do «problema mais importante e grave da actual vida nacional e talvez da história de Portugal — o problema do Ultramar português». Sem referir os condicionamentos temáticos à actual campanha eleitoral, o ministro afirmou ter de «denunciar uma das mentiras mais grosseiras que tem aparecido proclamada neste País pelos adversários do Regime: a de que o Governo tem escondido à Nação os problemas do Ultramar e fugido ao seu debate e discussão. Há que desmistificar o slogan de que o Ultramar tem sido um tema «tabu» para os eleitores portugueses». Nestes termos, o dr. Ruy Patrício declarou que: «A informação mais completa, mais actualizada, mais pormenorizada tem sido proporcionada a todos os portugueses pelo Governo em matéria ultramarina. Temos, em primeiro lugar, problemas de defesa e qual a dos movimentos terroristas e onde estes têm as suas bases ou por quem são apoiados de operações mostram onde estas se desenrolam, qual a natureza e âmbito da nossa acção de defesa e qual os motivos terroristas e onde estes têm as suas bases ou por quem são apoiados. Que queriam mais os candidatos oposicionistas? Que o Governo ou as autoridades militares também lhes revelassem os pormenores das operações planeadas para que os comunicassem aos movimentos terroristas de quem são agentes?»

O ministro atacou então o dirigente socialista Mário Soares, a quem chamou de «traidor», apresentando o resumo dum trecho do seu mais recente livro, que seria exemplo «da mais espessa e crassa ignorância em relação ao Ultramar».

«Se a Oposição portuguesa quer discutir os problemas do nosso Ultramar ... que comece por estudá-lo», **afirmou, considerando que são de origem estrangeira todos os argumentos que os democratas têm alinhado contra a guerra.** «Um único argumento contra a defesa do Ultramar consegue a Oposição apresentar com base em realidades portuguesas. O da que aquela defesa custa vidas, esforço e dinheiros», **disse o ministro. No seu entender, porém, também este argumento é «infame e infamante» por «especular com a dor dos portugueses, com o luto dos pais ou das viúvas dos que perderam a vida pela Pátria,**

Proibida no Chile a actividade política

SANTIAGO, 18 (R) — O regime militar chileno proibiu ontem toda a actividade política e ordenou a todos os movimentos políticos para suspenderem as actividades.

A ordem incluie a suspensão dos partidos políticos que se opuseram ao governo da extrema esquerda do antigo presidente Salvador Allende.

A junta governativa, que se apoderou do poder durante um violento golpe militar em Setembro, havia já posto à margem da lei os partidos comunistas, socialista e outros da estrema esquerda.

Abrigão
VINHO DE MESA

...UES À OPOSIÇÃO ...ANP EM LISBOA

O prof. Salazar Leite no uso da palavra

com o sofrimento dos que ficaram mutilados, com as angústias dos que têm parentes nas linhas de combate».

ÁRABES E ISRAELITAS

Dizendo que «as leis dos Estados não consentem o suicídio e, às vezes, até mandam fuzilar os traidores», o ministro fez a seguinte referência ao conflito no Médio Oriente: «Arabes e israelitas batem-se de novo sangrentamente perante uma organização internacional cuja passividade e ineficácia já ultrapassou todas as marcas. De ambos os lados da contenda, os povos e os seus dirigentes pensarão, com idêntica convicção, terem por si a justiça, o direito e o interesse nacional. Mas para ambos os lados também, a defesa do seu direito, da sua justiça e do seu interesse nacional será tanto mais forte e eficaz quanto mais unidos e solidários se mantenham. E que pensarão dos compatriotas, sejam árabes ou judeus, que forem sensíveis aos apelos da propaganda do adversário? Propaganda que usa sempre os mesmos lemas como os do apelo recentemente dirigido aos cidadãos israelitas e cujos termos textuais, por terem tanta semelhança com os dos comícios da nossa Oposição Democrática, julgo curioso citar: «Cidadão israelita, que te deixaram os teus dirigentes para alimentar as tuas crianças? Levam os teus filhos para a guerra, e tens penúria de géneros. Os preços dos alimentos são superiores ao teu poder de compra. A política expansionista dos teus dirigentes condena-te à miséria e à foma. Friedmann, Moshe Dayan e os outros enriquecem graças à política de anexação e ocupação. Mas a ti, cidadão inocente que te deixam?» E não fala outra linguagem a rádio israelita quando se dirige aos árabas».

«Mas com que desprezo pelos seus destinatários são redigidas estas mensagens. O mesmo desprezo que sentem, no íntimo, pelos oposicionistas portugueses, os terroristas que recebem os seus telegramas de felicitações ou de condolências!», concluíu o ministro.

CERTA BURGUESIA

Retomando um tema que já aflorara ao referir os «europeístas», o dr. Ruy Patrício revelou que «No fundo, estes argumentos contra a defesa do Ultramar não são muito diferentes quando expostos com crueza e violência nas sessões eleitoraus oposicionistas ou quando sussurados, com mais elegância de gestos e discrição de palavras, à volta das mesas das salas luxuosas de alguns conselhos de administração.

«Sim. Porque quem é que está em Portugal contra a defesa do Ultramar? De certo o Partido Comunista e a minoria activa, bem organizada e ruidosa que se tem manifestado em público nesta campanha eleitoral. Mas esta é uma posição meramente oportunista de fidelidade burocrática de um partido a directivas exteriores que em todos os países do mundo são no sentido de apoiar ou de combater a política dos Governos, conforme as flutuações tácticas do Governo de Moscovo»

E a seguir: «Ao lado do Partido Comunista, e de muito poucos fracos e transviados, está também e apenas uma certa burguesia. Uma certa burguesia, entorpecida e anestesiada pelos frutos do desenvolvimento económico, em cuja partilha a respectiva fracção talvez possa e deva ser ainda mais moderada, entorpecida e anestesiada pelas casas no Algarve e pelos cruzeiros de luxo no Mediterrâneo. Que pensa que todas as grandes «opções nacionais» se reduzem a planos de rendibilidade e que a liquidação do Ultramar pode reduzir custos, aliviar impostos e sobretudo libertar os filhos do dever sagrado de defender a Pátria. Pois não são os filhos dessa burguesia os que nas escolas e universidades mais activamente fazem a propaganda dos movimentos terroristas?»

O ministro terminou e discurso com um apelo aos votos pela «política de defesa do Ultramar», afirmando: «Haverá quem se sinta inclinado, dada a evidente falta de apoio popular da Oposição e a convicção da vitória da ANP, à tendência comodista pela abstenção. É uma atitude errada e perigosa. O Governo precisa de sentir o apoio do País, traduzido em votos, para prosseguir a política nacional de Marcello Caetano».

DR.ª TERESA LOBO

O primeiro orador da noite foi a dr.ª Teresa Lobo, que se candidata à representação parlamentar do Estado da Índia, «**para defender, na Comunidade portuguesa, a identidade dos portugueses de Goa, Damão e Diu**», segundo a expressão que usou.

A dr.ª Teresa Lobo concedeu a maior parte do seu tempo à denúncia «da natureza marxista e revolucionária» subjacente às teses oposicionistas sobre os problemas sociais, assistenciais e escolares.

A agitação universitária, por exemplo, mereceu-lhe a seguinte reflexão: «**Poder-se-á perguntar se tais movimentos contestatários são dominados apenas por ideologias contrárias e portanto, um fenómeno de nítida e exclusiva oposição a um regime, ou se traduzirão também estados de frustração, insatisfação, marginalização, por qualquer dos seus mecanismos: insularização, privação, e autonomização.**

«**Temos que ter sempre presente que produzir a agitação na Universidade é perturbar um dos sectores vitais da economia: a formação de técnicos necessários ao desenvolvimento. E neste quadro já de si complexo surge uma entidade nova e significativa: o não-aluno, o vagabundo universitário**».

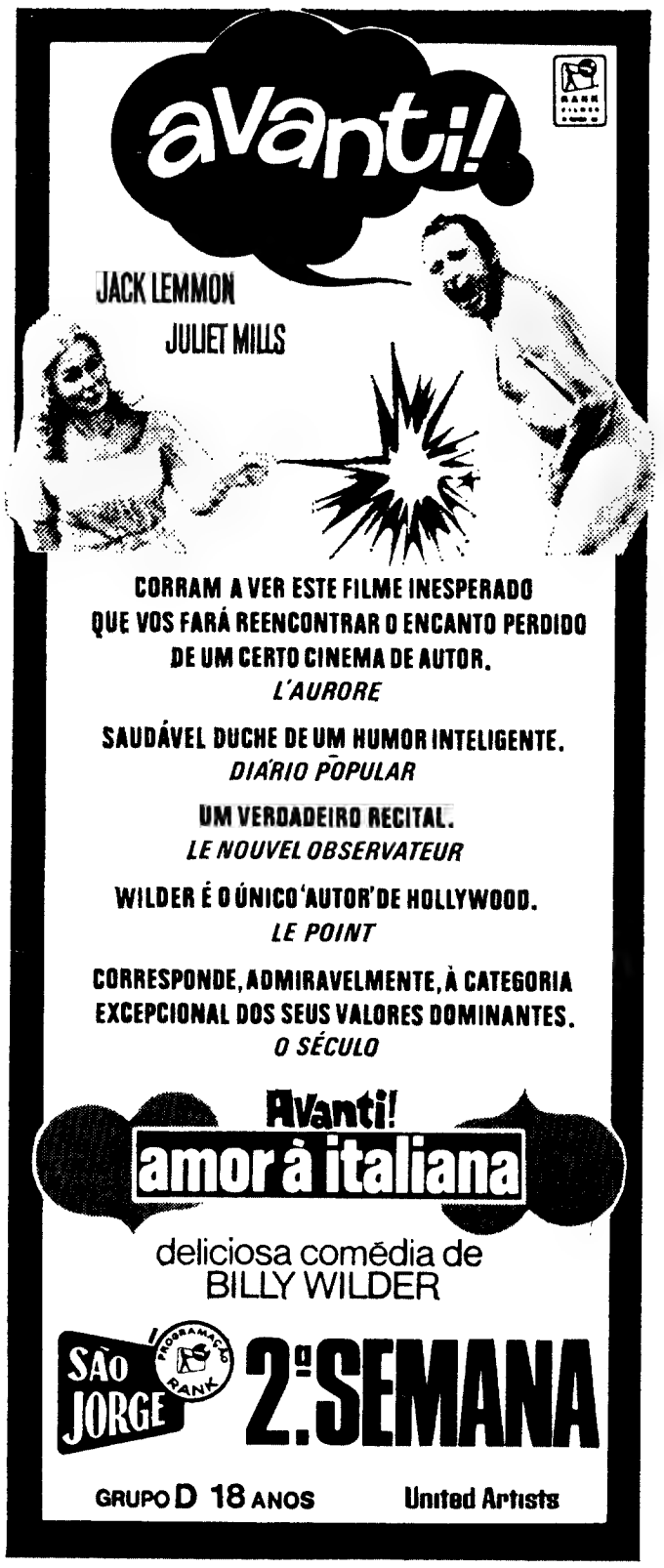
Citando frequentemente Lenine e autores soviéticos, referindo determinadas carências sociais dos países de Leste, definindo o conceito e condições do que chamou: «**Revolução socialisto-proletária**», a dr.ª Teresa Lobo acabaria por formular a alternativa «**Reforma/Revolução**», afirmando que a Oposição, «**infelizmente, propõe a Revolução em vez da Reforma, a Violência em vez da Participação**».

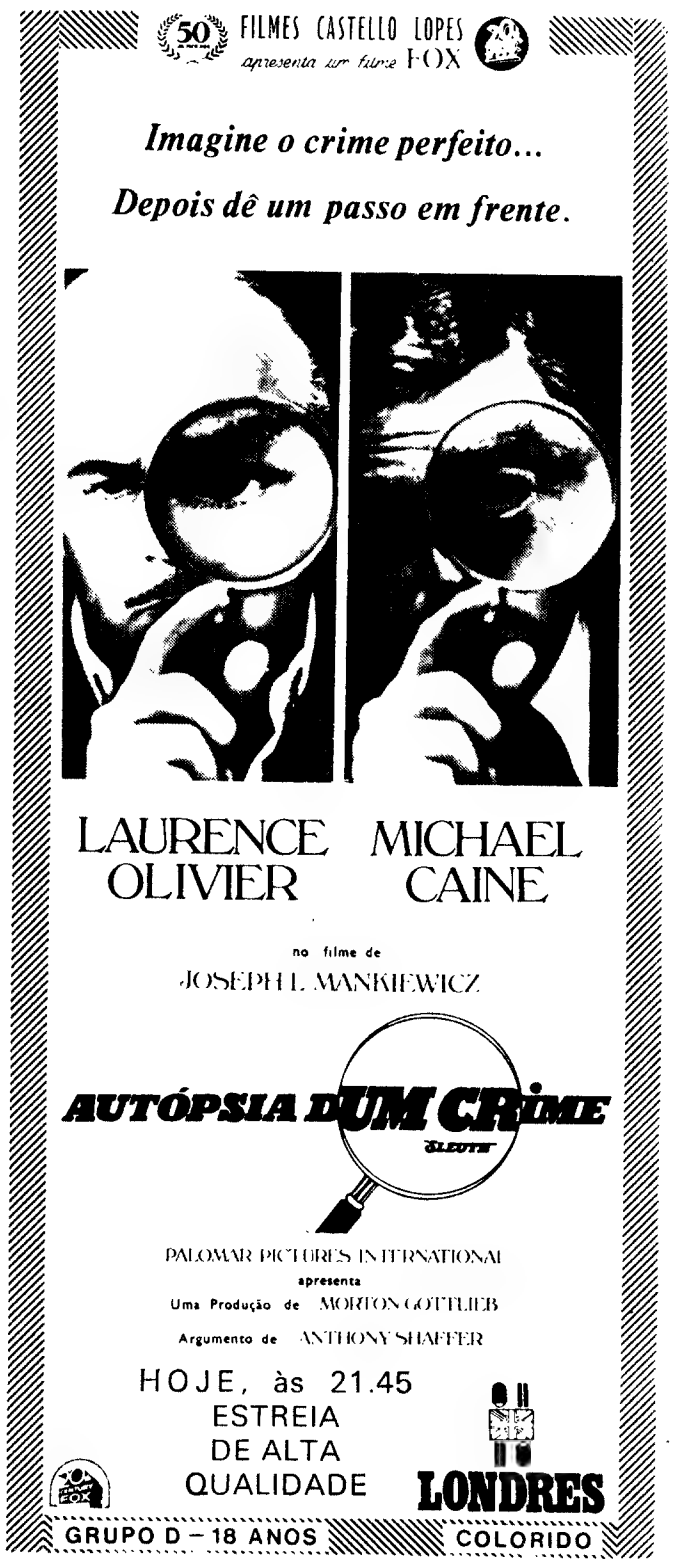
SAUDADE

O dr. Augusto Salazar Leite, discursando a seguir, disse que «**No campo internacional, temos os nossos problemas que se procurarão resolver. Mas isso não impede que, internamente se procure caminhar, com fé, na senda do progresso; verifica-se, no entanto, que elementos de uma sociedade comum, procuram impedir essa evolução criando uma atmosfera de incompreensão e de ódio, mais lembrando, pelas suas atitudes, elementos educados, ou melhor, preparados noutros ambientes**».

«Sob a égide do Governo de Marcello Caetano, estamos no bom caminho para aproximar os alvos que estão no nosso espírito», e que enunciou: nível de vida mais elevado, condições sanitárias melhoradas, educação para todo o português, consciência cívica. «Os alvos que apontei constituem um ideal», afirmou. «Como todo o ideal, ele é inatingível e foge à nossa frente, mas impõe-se que lutemos, lutemos em paz, para o aproximar».

O sr. Francisco do Cazal-Ribeiro, por seu lado, afirmaria: «**Haverá quem, com independência e senhor do seu juízo, possa hesitar entre os cadidatos apresentados pela ANP, que com todos os seus naturais defeitos humanos por certo sabem o que querem, o que representam e a causa que servem; e os da chamada Oposição, quase todos marcados pelo ferrete de, na melhor hipótese, um socialismo internacionalista, revolucionário por princípio e violentamente contestatário por natureza?**» E mais adiante: «**Não me importo de ser apodado de reaccionário, de ultra, de fascista (termo em que actualmente se englobam todos quantos se batem contra o caos). Até de saudosista, mas isso apenas no bom sentido da palavra e no sentimento que a saudade realmente pode exprimir!**»





A TRADIÇÃO DA OURIVESARIA NACIONAL É DE PROBIDADE E DE COMPETÊNCIA

A Ourivesaria da GUIA

FUNDADA EM 1870

EM QUASE CEM ANOS DE EXISTÊNCIA AJUDOU A CONSTRUIR E A MANTER ESTA TRADIÇÃO

RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

DL NACIONAL

SESSÃO DA CDE NO CACÉM

"QUE DIZEM OS SENHORES DA ANP À EXPLORAÇÃO DO TRABALHO INFANTIL?"

Um aspecto da Sessão

. **«Amigos, isto vai com eleições»** assim começou por dizer o candidato pela CDE de Lisboa, João Sequeira Branco, na sessão de propaganda eleitoral ontem realizada no cinema do Cacém.

Numa sala cheia, falaram ainda os candidatos Luísa Amorim, Arons de Carvalho e Gonçalves André, tendo presidido à sessão Luís Cartaxo. O candidato José Tangarrinha não esteve presente devido a uma reunião de última hora, da máxima importância, da Comissão Executiva da CDE.

Antes de se começar propriamente na propaganda eleitoral foi respeitado um minuto de silêncio por Salvador Allende e por todos os democratas vítimas no Chile.

O tom irónico foi a nota dominante da intervenção de Sequeira Branco, que exclamou: o governo esforça-se por mostrar que tem o apoio popular. É vê-los a passear e a discursar.

No resto da sua alocução referiu ainda o custo de vida, que o Governo decidira combater criando o Conselho Nacional de Preços, «como se com conselhos os preços deixassem de subir!»

EM RESPOSTA À ANP

Luísa Amorim, a segunda oradora, viria a ser interrompida em virtude de um dos assistentes ter adoecido subitamente e, como depois de ter pedido a comparência de um médico, verificasse que não existia nenhum na sala prontificou-se, como estudante de medicina, a prestar os primeiros socorros.

A intervenção da candidata focou essencialmente a situação da mulher em Portugal bem como o domínio do grande capital em relação aos trabalhadores, apresentando como exemplos as indústrias fabris da zona do Cacém, acrescentando: «Todos conhecem concerteza a Melka, a Cambournac e a Cacém Industrial. A primeira é uma empresa sueca de confecções, a segunda é uma fábrica têxtil e a terceira é uma indústria metalúrgica».

Comparemos então os salários pagos em Portugal com os recebidos pelos operários de outros países a trabalharem em sectores industriais iguais. Em 1971, um operário a trabalhar na indústria de confecções ganhava, por dia 555$00 nos Estados Unidos, 535$00 na Suécia, 402$00 na Alemanha e apenas 65$00 em Portugal. Na indústria têxtil, a relação era a seguinte: 573$00 nos Estados Unidos, 538$00 na Suécia e apenas 60$00 em Portugal. Na metalúrgica, um operário ganhava, por dia, 921$00 nos Estados Unidos, 603$00 na Suécia, 474$00 na Alemanha e apenas 120$00 em Portugal».

«Mas esta situação não se reduz apenas a esta classe de trabalhadores. É uma situação generalizada». analisou a situação da criança no no sosso País:

. «Os senhores da ANP, num comunicado que publicaram no «Diário de Lisboa», com o título «ANP responde a mulheres democratas», afirmam que a situação em Portugal neste campo é boa pois até a mortalidadeinfantil em 1972 foi, no distrito de Lisboa, de 29,6».

«Eu quero apenas pôr duas questões a estes senhores:

. 1.º . desconhecem, porventura, os senhores da ANP que o distrito de Lisboa, apesar de tudo, é uma região privilegiada quer nestes como em outros aspectos em relação ao conjunto do País?»

. «Por exemplo, em 1971, enquanto a mortalidade infantil em Lisboa atingia 34,8, no conjunto do País alcançava 58.

2.º se compararmos mesmo os valores apresentados por estes senhores com os de outros países, então a situação do nosso País toma a sua verdadeira dimensão. Já em 1970, a mortalidade infantil na Suécia e na Holanda, por exemplo, era apenas de 12,3 e 13,9 por mil, respectivamente».

«Os senhores da ANP afirmam também no mesmo comunicado, com ar eufórico, que em 1971 havia no distrito de Lisboa 142 parteiras... 246 enfermeiras-parteiras... 35 puericultores... e 159 auxiliares de enfermagem parteiras, o que dá um total de 580 profissionais para o distrito. Eu pergunto agora: Saberão, porventura, os senhores da ANP qual é a população do distrito de Lisboa»

. «De acordo com o Instituto Nacional de Estatística, que é um órgão deles, em 1970 habitavam o distrito 1 600 000 portugueses».

«As principais causas desta elevada taxa de mortalidade reside justamente na falta de assistência à mãe durante a gravidez e no parto e na subalimentação da mãe e da criança».

«Também a falta de dispensários, creches e jardins de infância são exemplo de como o nosso Governo se preocupa com o destino das crianças. Em todo o país há apenas 268 dispensários, sendo 70 em Lisboa e havendo distritos como o de Bragança e o de Viana que têm dois. Na cidade de Lisboa havia em 1971 apenas 15 creches e 16 jardins de infância».

«E que dizer da exploração do trabalho infantil? Já em 1919, a Organização Internacional do Trabalho fixou a idade mínima paraa admissão de crianças no trabalho em 14 anos. No entanto, em Portugal, no ano de 1970 e de acordo com o Instituto Nacional de Estatística existiam entre os 10 e os 14 anos, 168 383 crianças com profissão, 13 833 que procuravam emprego pela primeira vez e 411 que procuravam novo emprego. Ainda de acordo com o INE, havia naquele ano 192 432 crianças dos 10 aos 14 anos com ocupação».

«Que dizem os senhores da ANP a esta exploração em massa do trabalho infantil?»

«SOMOS ENTÃO VIOLENTOS?»

Referindo a acusação de violência de que a oposição é acusada, de não querer o progresso e não poder assegurar o aumento de nível de vida, Arons de Carvalho, o terceiro orador da sessão de ontem à noite, perguntou: «Somos então violentos?», para responder a seguir com as seguintes interrogações: Seremos nós então contra o progresso? Quem então fecha as portas à promoção cultural das populações e expulsa do País dezenas de intelectuais que são hoje deputados professores em Universidades estrangeiras? Temos então nós a mania de criticar tudo e todos? Quem então atirou o País para os últimos lugares nas estatísticas europeias sobre consumo de electricidade per habitante, número de calorias, condições de habitação, mortalidade infantil, analfabetismo, despesas com a educação, assistência médica e hospitalar e tantas outras? Estaremos nós de facto dependentes do estrangeiro? Quem então é que escancara as portas às grandes empresas capitalistas internacionais que aqui vem aproveitar-se dos baixos salários, dos desumanos ritmos e horários de trabalho impostos aos trabalhadores para conseguirem lucros escandalosos? Não conseguiriamos então nós promover o aumento dos salários sem subida dos preços? Quem é então responsável pela anedota dramaticamente verdadeira dizendo que não se trata mais de no fim do mês sobrar pouco ordenado mas sim no fim do ordenado sobrar ainda muito mês?»

. E prosseguiu: «O Governo não pode obrigar a Oposição a fazer o que ele quer. Cabe à Oposição decidir.

«DESGOVERNAR»

«Não é por incompetência que o Governo que nos desgoverna não procura resolver os mais elementares problemas da população» afirmou Gonçalves André, que depois referiu toda a penetração dos grandes capitais e a protecção que é feita pelo Governo aos grandes monopólios. E acrescentou:

«Se o governo quisesse verdadeiramente governar Portugal não teria uma censura que não deixa os jornalistas dizerem as verdades, não determinaria que houvesse questões de tabus, deixaria que houvesse verdadeiras eleições em Portugal.

Se o Governo quisesse verdadeiramente governar Portugal todos os dias nós poderíamos discutir os nossos problemas e decidir o que melhor nos convém.

«Mas o Governon sabe que não tem o apoio do Povo e sabe também que nunca o poderá ter pois que não é o interesse do Povo que ele defende.

Por isso cerca de 15 000 habitantes daqui vivem em três mil barracas espalhadas pela Estrada Militar, pelos bairros do Pendão, Pego Longo, Monte Abraão e Carenque. Por isso aqui o mercado é muito velho, sem higiene nem condições, as ruas estão todas esburacadas, sem luz nem indicação de nome, com montões de lixo por todos os lados e todas conhecem o problema da falta de água».

Passando depois a falar de improviso, Gonçalves André focou alguns problemas do sindicalismo e do papel dos trabalhadores,

Terminou por afirmar que nada temos a esperar do Governo e que tudo o que aspiramos temos de o conquistar,

A CDE de Santarém lamenta limitações impostas pelas autoridades

A Comissão Executiva da C.D.E. de Santarém enviou-nos, para divulgação, o seguinte comunicado:

«O Movimento Democrático no Distrito tem-se desenvolvido com êxito sendo de notar o largo apoio à C.D.E. por parte de Democratas dos vários sectores de opinião.

As sessões de propaganda já realizadas em Tomar, Santarém e Torres Novas, bem como os colóquios com os temas «Juventude, Educação e Trabalho», «Estrutura e Transformação das Relações do Trabalho» interessaram vivamente todos quantos assistiram e participaram, tendo sido importantes jornadas de esclarecimento, enriquecimento e dinamização do Movimento Democrático no Distrito.

As Sedes Concelhias de Alpiarça, Torres Novas e Almeirim têm acorrido Democratas oferecendo a sua ajuda ao Movimento que se vai engrossando.

Há grande expectativa pela abertura das Sedes de Entroncamento e Tomar que aguardam, para entrar em funcionamento formalidades e exigências legais.

Lamenta a C.D.E. de Santarém através desta sua Comissão Executiva as limitações de toda a ordem impostas pelas autoridades e que têm obstado a um diálogo e contacto mais directo entre os Candidatos e a própria Comissão Democrática Eleitoral e o Povo do Distrito.

Esta Comissão Executiva apela por último para todo o Povo do Distrito no sentido de ser alargada a Campanha de Fundos de molde a fazer-se face às elevadas despesas inerentes à actual Campanha de dinamização Democrática».

A Comissão de Imprensa informa ainda o Calendário das próximas sessões de propaganda:

18 Alferrarede, no cinema local, pelas 21 horas

19 Minde, numa garagem situada na Rua Emídio da Silva Raposo, n.º 20, pelas 21 horas.

20 Almeirim, no cinema local, pelas 21 horas

21 . Alpiarça, em local a designar, pelas 21 horas

22 Pernes, em local a designar, pelas 21 horas

Chama-se a atenção para a alteração da data que se verificou na sessão a realizar em Alpiarça, anteriormente anunciada para 25, e que terá lugar no dia 21.

Brevemente será noticiada a realização de sessões noutras localidades, que procuram locais adequados.

Condecorações para funcionários do Ministério da Educação Nacional

O ministro da Educação Nacional entregou ontem, no seu gabinete, condecorações a 23 antigos e actuais funcionários do seu ministério as quais foram atribuidas pelo Chefe do Estado. O prof Veiga Simão saudou os galardoados com palavras de muito apreço para o esforço que desenvolveram a favor da reforma do ensino em curso. Foram agraciados:

Com o grande oficilato da Ordem da Benemerência, os drs. João de Almeida e Leopoldino de Almeida; com o grande oficilato da Ordem da Instrução Pública, os profs. Maria de Lurdes Belchior, Vítor Crespo e Frausto da Silva, drs. Joaquim Sabino Costa, Maria Ana da Luz Silva, José Gomes Branco, Joaquim Gomes Belo e Armando Rocha, dr. Bessa e dr. António Carlos Leónidas; e com a comenda da Instrução Pública os drs. Artur Lopes Sequeira, Carlos Silva Gonçalves, Fernando Teixeira de Matos, Artur de Almeida Carneiro, Manuel Tavares Emídio, Manuel Joaquim Sousa Ventura, João Manuel Bairrão Oleiro, Alberto Machado; Adelino Casado e João Ataíde e o sr. Matos e Silva.

Agradeceu em nome dos condecorados o dr. João de Almeida, antigo director-geral do Ensino Superior e das Belas-Artes e actual presidente da Junta Nacional da Educação.

Após a cerimónia o ministro Veiga Simão reuniu-se num jantar com todos os agraciados e com os dois secretários de Estado e outras individualidades especialmente convidadas.

TIROTEIO NUM BANCO AMERICANO NO LÍBANO

Fontes policiais disseram que os homens armados que se encontravam dentro do edifício mantinham como reféns número indeterminado de empregados bancários.

Dois empregados incluindo uma rapariga, ficaram feridos ejulgava-se que havia outras vítimas acrescentaram.

Desconhece-se o objectivo dos homens armados.

Guardas da Polícia ocuparam posições nos telhados defronte do prédio.

BEIRUTE, 18 (R.) Registou-se hoje tiroteio no edifício onde está instalado o Banco da América, no centro comercial de Beirute.

Testemunhas oculares viram pessoas feridas a tiro, escorrendo sangue, a fugir do edifício enquanto no interior do banco soavam mais detonações.

As forças de segurança libanesas cercaram imediatamente o Banco desconhecendo-se por enquanto qual a origem dos disparos.

INCREMENTAR AS RELAÇÕES LUSO-NIPÓNICAS

Importadores e exportadores nacionais tiveram a oportunidade de contactar, no decurso de um «cocktail», com H. Etoh, «general-manager» para a Europa da Mitsui O. S. K. Lines.

Encontravam-se presentes o embaixador do Japão, administradores da Companhia Nacional de Navegação (representantes da Mitsui em Portugal), etc..

H. Etoh afirmou que interessava muito «incrementar as boas relações luso-nipónicas.»

DL/ESTRANGEIRO

O chefe de Estado-Maior israelita, general David Elazar, que ontem visitou a frente do Sinai. (Telefotó U.P.I.-Telimprensa-D.L.).

Poderá ser decisiva a batalha de tanques em curso no Sinai

CAIRO, 18 (R) — Decorre há três dias consecutivos no Sinai a mais violenta vatalha de tanques travada nesta guerra israelo-árabe e o Egipto afirma que as suas forças têm causado pesadas baixas em homens e material aos israelitas.

O sector central da frente do Sinai está transformado no verdadeiro inferno de ferro, fogo e poeira, que envolve centenas de tanques apoiados por artilharia pesada, aviões e mísseis, segundo revela esta manhã o autorizado jornal «Al Ahram» através dos seus correspondentes de guerra colocados no Sinai.

O resultado desta batalha poderá ser decisivo pois quem dominar a região central do Sinai fica a dominar as principais vias de acesso ao coração da península.

O informador militar egípcio, general Mokhtar, disse ontem à noite na televisão que os israelitas estão a enviar mais homens para o Sinai para compensar as baixas que têm sofrido, mas salientou que os egípcios estão a repelir todos os contra-ataques inimigos.

O general disse que até agora as forças egípcias já abateram no total 269 aviões israelitas. Quanto aos tanques, antes de começar esta grande batalha, já tinham sido postos fora de combate 150, pelo que o número de tanques israelitas destruídos deve ser neste momento muito mais elevado, embora não haja ainda estimativas oficiais.

O general Mokhtar salientou ainda que uma força israelita constituída por tanques anfíbios, que atravessou o Canal na zona dos Lagos Salgados para atacar posições egípcias na margem ocidental, foi inteiramente destrída e disse que no sector sul do Sinai os israelitas também foram repelidos mais para leste.

Referindo-se à grande batalha que se trava na região central, o informador acrexcentou: «Os israelitas tentam sem descanso bloquear o avanço no Sinai empregando para isso a sua força aérea. Com os seus constantes ataques aéreos eles procuram alcançar alguns resultados, mas o avanço egípcio prossegue apesar de tudo».

Mokhtar salientou que as forças egípcias dispõem de mísseis capazes de alvejar os aviões israelitas a baixa, média e grande atitude e estão agora a por em prática a segunda fase da sua operação de reconquista do Sinai, depois de uma primeira fase em que penetraram 15 quilómetros para lá do Canal e fortificaram as suas posições na rectaguarda.

Por outro lado, a força aérea egípcia também passou ao ataque, bombardeando concentrações de tropas inimigas, aeródromos, estações de radar e rampas de mísseis.

«Os israelitas foram apanhados de surpresa devido à eficiência combativa da nossa força aérea» — disse o informador, salientando que a aviação egípcia tem desempenhado de relevo na destruição de grade parte dos 269 aviões israelitas abatidos até agora.

As forças egípcias penetraram no Sinai entre 12 e 16 Km.

CAIRO, 18 — (FP) O porta voz militar egipcio declarou ontem na televisão que as perdas israelitas na frente egípcia se elevam até agora a 269 aviões, 492 carros e 18 embarcações e helicópteros.

Atinge cifra «respeitável» o número de prisioneiros israelitas capturados pelos egípcios.

Quanto as perdas egípcias, são baixas em comparação com as infligidas aos israelitas e não vão além do quinto em comparação com as perdas sorfidas pelos israelitas no que se refere aos aviões.

Por outro lado, o porta voz militar egípcio declarou «que os Estados Unidos forneceram foguetões Shrike» com radares a Israel

E prestou homenagem à defesa antiaérea agípcia, constituída por mísseis, radares, centros de almrme, qua abateram 90 por cento dos aviões israelitas derrubados nesta batalha.

Por fim, disse que «o êxito das forças egípcias é devido a quatro factores: estratégia, treino, paciência e fé».

As forças egípcias penetraram entre 12 a 16 km no Sinai e continuam a executar as missões que lhes são ordenadas — concluiu.

O Egipto não dispõe de mísseis terra-terra - segundo Israel

TELAVIVE, 18 (R) — Rádio Israel afirmou hoje que o Egipto não possuía em estado operacional mísseis terra-terra, fabricados no país, mas que poderia obter alguns, de fabrico soviético, manejados por tripulações soviéticas.

Citando o que descreveu como fontes bem informadas, a rádio desmentiu a afirmação feita anteontem pelo presidente Anwar Sadat de que mísseis de fabrico egipcio estavam prontos a atacar alvos situados profundamente dentro de Israel.

Rádio Israel citou essas fontes como dizendo que o míssil de fabrico soviético, que poderia encontrar-se no Egipro, era conhecido como o Skad pelas forças da NATO e tinha um alcance entre 300 a 400 quilómetros.

Acrescentou que o míssil não era muito preciso visto destinar-se a ser utilizado com uma encontra-se nonEgipto, era coportaria provavelmente uma ogiva convencional de cerca de uma tonelada.

PROMESSA JUDAICA DE REVIRAVOLTA NA FRENTE SUL

TELAVIVE, 18 (UPI-ANI), R. e F.P.) — «O Exército israelita tem agora possibilidades de controlar a natureza da luta em ambas as margens do Canal do Suez e esta capacidade contém em si a promessa de uma reviravolta na frente sul» — declarou em entrevista à Rádio Israelita o chefe do Estado-Maior das Forças Armadas de Israel, general David Elazar.

«Mesmo assim — acrescentou — o exército israelita ainda não desencadeou a sua grande ofensiva na frente egípcia.»

Entretanto, Israel anunciou hoje que a sua Marinha estivera em acção durante a noite no Mediterrâneo e no Golfo do Suez, quando as atenções na guerra no Medio Oriente revelavam indícios de mudar para a frente do Sinai.

A guerra terrestre nas frentes do Sinai e da Síria foi calma, naopinião de um informador do na opinião de um informador do Estado-Maior israelita disseram durante as ultimas 24 horas que algumas das maiores batalhas de tanques da história se estavam a travar no deserto do Sinai.

O informador comunicou, clarou que navios hebraicos atacaram durante a noite instalações e alvos militares costeiros em Port Said e em Ras Záfarana e regressaram depois a salvo à base.

Revelou que forças especiais da Marinha tinham realizado operações de sabotagem de bases navais no Mediterrâneo e no Golfo do Suez, especialmente em Port Said e Ghardaka, e conseguiram «vários impactos» em barcos egípcios — prosseguiu o informador.

Caíram várias bombas durante a noite nas áreas de Gadot e Ramat Magshimim, no norte de Israel, anunciou o informador, que não forneceu detalhes sobre esses incidentes, limitando-se a dizer que tinham ocorrido no «teatro de guerra sírio» e que não se registaram vítimas ou estragos materiais.

Na fronteira libanesa, foram mortos dois guerrilheiros árabes num recontro com soldados israelitas perto da localidade de Metulla. Um civil ficou ferido quando guerrilheiros dispararam contra o colonato de Shlomi. Várias granadas caíram em outros colonatos na área, mas não causaram vítimas ou estragos.

jo informador comunicou, ainda, que aviões sírios bombardearam ontem, à tarde, a aldeia druza de Majdal Shams, nos Montes Golan, matando duas pessoas, uma delas uma garota de três anos, e ferindo mais 15.

CANAL — O MAIOR ESFORÇO

«O maior esforço neste momento está a registar-se no Canal de Suez», declarou o general David Elazar, durante uma visita que efectuou ontem à frente.

Tanto o general Elazar como o ministro da Defesa, Moshe Dayan, visitaram a área do Sinai durante o dia de ontem, a seguir a batalhas de blindados em grande escala durante as quais os israelitas asseveraram ter destruído entre 90 a 100 tanques egípcios.

Com a atenção focada agora nos campos de batalha do Sinai, a frente síria esteve relativamente calma.

Contudo, num incidente que lá ocorreu, o jornalista britânico Nicholas Tomalin, de 42 anos, do «Sunday Times», foi morto quando um foguetão sírio atingiu o seu automóvel. Foi o primeiro correspondente estrangeiro a perder a vida nesta guerra do Médio Oriente, que entrou hoje no 13.º dia.

Três outras pessoas que acompanhavam Tomalin, incluíndo um fotógrafo até agora não identificado da revista alemã «Stern», ficaram feridas.

PRISIONEIROS

Segundo um comunicado oficial militar israelita, publicado na quarta-feira, o número de prisioneiros egípcios e sírios eleva-se a 832, entre os quais 96 oficiais.

O número de aviões abatidos pelos israelitas nas duas frentes ultrapassa já os 300 concluí o comunicado.

Entretanto, a rádio israelita anunciou que a Cruz Vermelha Internacional informou Israel de que o Egipto lhe tinha entregue uma lista de 37 presos israelitas, assim como de seis feridos hospitalizados no Cairo. O delegado da C.R.I. declarou que o Egipto prometera entregar-lhe em breve uma outra lista de prisioneiros de guerra israelitas.

Aparente recuo israelita no sexto dia de luta pela estrada de Damasco

DAMASCO, 18 (R.) — A Síria afirma ter destruído, pelo menos, mais 40 tanques israelitas na batalha pela estrada de Damasco, que entrou hoje no sexto dia.

Uma fonte independente bem informada disse julgar que os israelitas tinham recuado um pouco mais em relação à capital síria e que não havia provas que corroborassem notícias de que os judeus tinham alcançado Saasaa, a 32 quilómetros desta cidade.

Com a batalha entrando no sexto dia, a frente síria parecia estar a transformar-se numa guerra de atrito, com nenhum dos beligerantes desencadeando novas grandes ofensivas.

Analisando a luta de ontem, um informador militar sírio declarou que, pelo menos, 40 tanques, 30 veículos de vários tipos, quatro baterias de artilharia e três bases de lançamento de foguetões inimigos foram destruídos.

Um helicoptero e cinco jactos foram abatidos sobre alvos civis — prosseguiu.

Passou o terceiro dia sem que se efectuassem ataques aéreos contra Damasco, mas os feridos de guerra continuavam a chegar em grande número aos hospitais desta cidade, vindos de áreas próximas.

Um médico sisse que 172 civis feridos tinham sido internados somente num hospital de Damasco durante os últimos quatro dias. Trinta e oito deles tinham morrido.

Funcionários comunicaram que 10 civis perderam a vida devido a novos ataques aéreos contra os portos de Latakia e Tartous.

Instalações costeiras têm sido submetidas a bombardeamentos navais e aéreos constantes, em virtude de Israel tentar cortar a chegada de abastecimentos por mar. Num dos ataques, jactos foram tão longe como a estrada entre Latakia e Aleppo, a segunda cidade da Síria, perto da Turquia, ao Norte.

O informador militar declarou que três dos cinco aviões atacantes foram abatidos durante o dia quando participavam em missões contra a costa.

Uma visita oficial de correspondentes estrangeiros, a fim de verificarem os estragos causados em Latakia, foi cancelada a noite passada.

O informador acrescentou que algumas bombas de acção retardada tinham sido largadas por aviões israelitas e teriam de ser despoletadas antes de a área ser considerada segura para os jornalistas.

ATAQUE REPELIDO

AMAN, 18 (R.) — Tropas jordanas estacionadas na frente síria repeliram ontem um ataque de cerca de 40 tanques israelitas, anunciou a noite passada a rádio de Aman.

A rádio disse também que o contingente jordano tem levado a cabo com pleno êxito as suas missões em todos os sectores da frente.

"Moderação"

WASHINGTON, (UPI-ANI) O secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, declarou ontem à noite que a guerra do Médio Oriente põe à prova a «moderação» recentemente acordada entre os Estados Unidos e a URSS.

Dirigindo-se a mais de 3 000 elementos da associação do Exército norte-americano, Kissinger disse ainda: «A guerra no Médio Oriente está a causar grande tensão entre Washington e Moscovo, mas as nossas relações com a União Soviética, apesar das dificuldades do momento, permitem-nos ter a esperança de que a ameaça de guerra retrocedeu.»

Morto a tiro o anticastrista que reteve dois diplomatas

HAVANA, 18 (R) O anticastrista armado que manteve como reféns, durante cerca de 24 horas, os embaixadores belga e francês, respectivamente Jean Somerhausen e Pierre Anthonioz, morreu em consequência dos ferimentos recebidos durante um tiroteio com forças de segurança cubanas, seguando anunciou o Ministério cubano dos Negócios Estrangeiros.

O raptor foi preso e os dois diplomatas libertados ilesos durante uma operação de salvamento levada a cabo ontem e dirigida pessoalmente pelo primeiro ministro cubano, Fidel Castro.

O anticastrista, um cubano com cerca de 30 anos, foi conduzido a um hospital, onde morreu ontem à tarde, na mesa de operações, segundo revela o comunicado, lido aos microfones de Rádio Havana.

O raptor ameaçara suicidar-se, matando antes os dois diplomatas, se não lhe fosse concedido um salvo-conduto para partir de avião de Cuba.

O primeiro ministro Fidel Castro esteve sentado num jipe fora do edifício da Embaixada Francesa, fortemente guardada, durante a operação de salvamento, que durou apenas alguns minutos.

O raptor, ao que parece um mulato bem vestido que se indentificou como Miguel de La Paz, mantinha os dois diplomatas como reféns na Embaixada desde terça-feira à tarde.

FATSA - 73 - SANTARÉM

SULZER

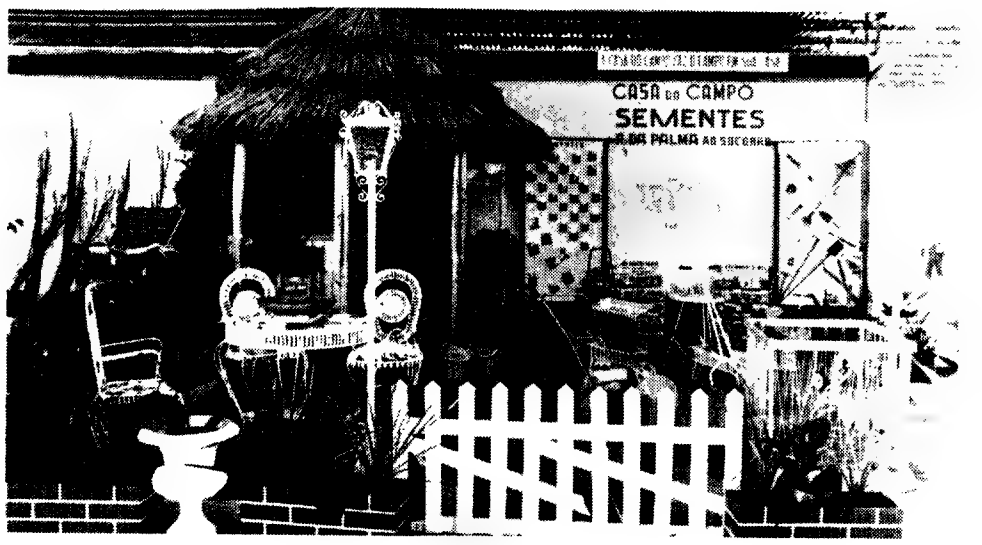
EXPÕE NA FEIRA AGRÍCOLA TÉCNICA DE SANTARÉM NO STAND N.º 6

Algum equipamento das suas instalações de conservação de Frutas em atmosfera normal e atmosfera controlada SULZER e ESCHER WYSS

Tendo construído alguns dos mais importantes entrepostos frigoríficos portugueses, orgulha-se de estar contribuindo para o desenvolvimento da fruticultura em Portugal

SULZER IRMÃOS, LDA.

RUA CASTILHO, 1-6.º-Dt.º
Telefone 53 11 24 LISBOA



SEMENTES SELECCIONADAS PARA TODAS AS CULTURAS

CASA DO CAMPO

SEMENTES AVICULTURA · APICULTURA
RUA DA PALMA, 208-A - LISBOA - PORTUGAL - TELEF. 86 37 68
Telegr. TUDAGRO

A **SUMOL** ESTA PRESENTE NA FEIRA AGRÍCOLA TÉCNICA DE SANTARÉM COM OS SEUS SUMOS DE FRUTOS E O NOVO SUMOL DE MAÇÃ

FLORES NATURAIS E PLANTAS ORNAMENTAIS

CLAUS MEIER

PORTO ALTO
Tel. 0013 - 23269
VILA FRANCA DE XIRA

Antigo Jardim de S. Filipe Néri

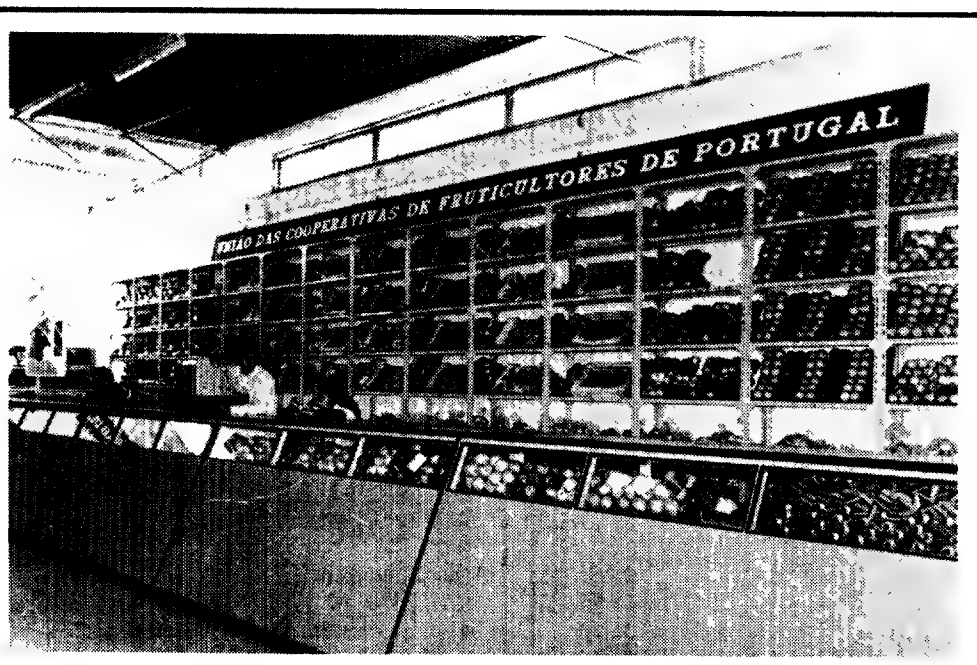
decorações · projectos · materiais para jardins

RUA DE CAMPOLIDE, 270 A - 295 A
TEL. 680625 - 688658 — LISBOA-1

José Afonso Duarte, Lda

Rua de S. Mamede ao Caldas, 29 — Rua de S. Nicolau 24 — Avenida Paris, 22-B
LISBOA — Telefones: 863426 - 866754 - 869007 - 869046
REPRESENTANTES DA **PETOSEED**

Quality PS PETOSEED



A **União das Cooperativas de Fruticultores de Portugal** colabora com a **Junta Nacional das Frutas** na «FATSA-73», vendendo fruta a preços iguais aos praticados nos Postos Regularizadores.

O CASO DOS LICEAIS DE SINTRA TRANSFERIDOS PARA A AMADORA

Não teve qualquer evolução o caso dos alunos do Liceu Nacional de Sintra forçados a frequentar os Liceus da Amadora e de Queluz. Não surtiram qualquer efeito, portanto, pelo menos quanto a este ano lectivo, os pedidos de pais e encarregados de educação no sentido de se encontrar solução satisfatória para o problema.

Em carta que nos enviou, e que abaixo transcrevemos, o nosso leitor sr. tenente-coronel Pedroso Gonçalves traça um panorama pormenorizado da situação, bem como de algumas injustiças que paralelamente se verificam.

Parece-nos haver um aspecto que o nosso leitor esqueceu e que é este: os alunos saem de Sintra por volta das 7 e meia da manhã e só voltam a casa às 14 e 30 da tarde. Estão, portanto, no mímino, sete horas sem comer. Se nos lembrarmos que a lei impede o trabalho consecutivo de mais de cinco horas sem intervalo para refeição, teremos uma ideia do esforço pedido aos adolescentes e dos prejuízos que a situação lhes traz.

Mas passemos à carta do sr. tenente-coronel Manuel Pedroso Gonçalves:

«Em 12 de Setembro, o «Diário de Lisboa» e outros jornais fizeram-se eco de um anseio, expresso pelos pais e encarregados de educação de algumas centenas de alunos que haviam sido excluídos da frequência do Liceu Nacional de Sintra, sem outra explicação além da alegada falta de capacidade daquele liceu, para os da Amadora ou de Queluz. A medida tomada desagradou às famílias e à maioria dos alunos, por representar um aumento de encargos, um desperdício de tempo que parecia evitável, um incómodo por serem os horários daqueles liceus menos ajustáveis à vida de quem habita no concelho de Sintra, a perspectiva de algumas bátegas de água e de algumas doses de frio suplementares, pois a distância entre as estações de caminho-de-ferro da Amadora ou de Queluz e os liceus daquelas localidades é maior do que a que medeia entre a da Portela de Sintra e o respectivo liceu. Ainda sem prever outro inconveniente (as lentes de um par de óculos de minha filha mais velha, partidas na sofreguidão de alguns passageiros em tomarem lugares sentados, pois há muito mais pessoas que na estação de Algueirão, à hora de se dirigirem para os empregos tomam o comboio para Lisboa do que para Sintra) dirigi, com muitos outros pais e encarregados de educação, uma petição ao ministro da Educação Nacional. Infelizmente, as prementes ocupações que os assoberbam não permitiram, nem ao sr. ministro, nem ao sr. subsecretário, nem aos srs. directores-gerais do Ensino Secundário ou da Administração Escolar eceberem uma comissão de pais e encarregados de educação que se propunha apresentar algumas propostas concretas.

PROPOSTAS

«Essas propostas concretas eram: — a disponibilidade de salas no Palácio Valenças, nos dois clubes recreativos de Mem Martins, de um andar situado em prédio próximo do Liceu de Sintra e que podia ser alugado por 8000$00 mensais, ou mesmo um pleno aproveitamento de salas do Liceu de Sintra, escassamente utilizadas, como as dos anfiteatros de Física e de Química, a sala de Ciências destinada às aulas práticas, uma sala de Desenho, a Biblioteca onde, até há pouco tempo pelo menos, nem livros havia, a sala restritamente utilizada para convívio e algumas outras salas que, tanto quanto sei, têm servido para arrecadar materiais de construção.

Nada disto foi possível transmitir, por não ter havido oportunidade de sermos recebidos. Porque não é meu hábito enredar-me em polémicas que possam ser evitadas, abstive-me até agora de comentar publicamente algumas afirmações atribuídas ao sr. vice-reitor do Liceu de Sintra, dr. João Lisboa, num vespertino da capital. A mais importante refere-se ao pretenso aviso aos pais e encarregados de educação de que os alunos não teriam vaga no Liceu de Sintra. Tal aviso não foi feito. As matrículas fizeram-se no prazo normal e foram aceites. Posteriormente, foi imposta a transferência das minhas filhas para o Liceu da Amadora, sem que me haja sido pedida sequer qualquer opinião (por exemplo se preferia a matrícula em Queluz) e tendo sido admitidos novos alunos para o Liceu de Sintra, à custa da exclusão dos antigos que, em muitos casos, como nos que me dizem respeito, são alunos com médias anuais superiores a 16 valores».

«CUNHAS»

«A razão que me leva agora a quebrar o silêncio que me tinha proposto manter sobre este assunto, em que não faltam aspectos chocantes e desagradáveis, surgiu agora quando, decorridos já alguns dias do mês de Outubro, foram publicadas as composições das turmas no Liceu de Sintra.

Desde o início que muitos pais e encarregados de educação entenderam dever manter uma atitude de isenção, excluindo expressamente nas cartas enviadas ao Ministério e à Reitoria qualquer intenção de obter a resolução de casos pessoais. Fi-lo, em carta entregue na Reitoria de Sintra; fê-lo o sr. dr. Moralinho; fizeram-no, como nós, muitos pais. E isto pela convicção de que só se dignifica a vida do País quando dele não puder mais dizer-se que é o «País das cunhas e dos tratamentos de excepção». Quem quer que me conheça sabe bem que nunca subi um degrau na minha vida graças às «cunhas» (talvez por isso tenha subido pouco e devagar) e que não sou permeável às que procure alguém obter por resolução minha. Nem todos os pais, porém, quiseram aproveitar o ensejo que se lhes oferecia agora de darem a seus filhos uma lição de civismo, mesmo à custa da sua bolsa e da incomodidade dos filhos. Não quiseram e não estou certo de que mais tarde os filhos lho venham a agradecer. Entre outros casos de excepção, foi possível ler, nas vitrinas do Liceu Nacional de Sintra, os seguintes nomes e números de alunos, nas turmas que se indicam: 2.º ano, turma B, C. Complementar (antigo 7.º ano), n.º 25, Pedro Maria António de Sousa Marques; 1.º ano, turma D, C. Complementar (antigo 6.º ano), n.º 27, Ana Cristina Ferreira Pecante; e 2.º ano, turma A, C. Geral (antigo 4.º ano), n.º 26, Maria Manuela Barroso Mendes de Morais.

Como observação, ocorre-me assinalar que o aluno indicado reside em Mem Martins, como as centenas de alunos transferidos. A aluna Ana Cristina, filha duma professora do Liceu de Sintra, tem residido em Benfica. A aluna Maria Manuela, filha do reitor do Liceu de Sintra, tem residido em Oeiras. Não sou capaz de compreender o estranho critério selectivo que pode ter justificado estas excepções flagrantes.

Tenho a esperança de que, por intermédio das colunas do jornal que V. dirige, possa o sr. ministro tomar conhecimento desta carta, que outra coisa não pretende traduzir, nem traduz, além da profunda decepção que sinto, como a sentem centenas de outros pais e, o que é mais grave, como sentem centenas de adolescentes, em cujo espírito nos esforçamos, sei lá com que êxito, por inculcar o amor à verdade e à justiça e o horror a todo o privilégio injusto e a toda a discriminação. Ao menos assim será informado — e só assim eu poderei manter o respeito que necessito ter por mim próprio e que ficaria muito seriamente abalado se perante estes factos me mantivesse num reprovável silêncio».

FALTAM TÁXIS NO PORTO

PORTO — Na última sessão da Câmara Municipal do Porto, o vereador Hugo Rocha preconizou o embelezamento da cidade com a colocação de floreiras onde o espaço o permitisse e salientou que o número de táxis aqui existente não satisfaz as necessidades, sendo acrescentado que se trata «de um serviço público e há que criar mais daqueles veículos».

A seguir o vereador Oliveira e Sousa referiu-se à urbanização da Praça da República, sobretudo no que se refere a edifícios com mais de cinquenta anos. Falou sobre estacionamento de camiões junto à Alfândega, que considerou incómodo para o trânsito e lamentou a morosidade com que estão a decorrer as obras na Avenida Marginal.

Falou depois o vereador dr. Abílio Aranha, que se ocupou do problema da Orquestra Sinfónica do Porto, lamentando a desigualdade de tratamento entre os músicos da Orquestra Sinfónica do Porto e a Orquestra Sinfónica Nacional. Este vereador fez depois várias considerações sobre o projectado parque da cidade.

EXCURSÕES C. P.

«PONTE» DE NOVEMBRO EM MADRID

- PARTIDAS: EM 31/10 E 1/11, À NOITE, NO «LUSITÂNIA-EXPRESSO»; REGRESSO: COMBOIO «TER» OU «LUSITANIA-EXPRESSO» DE 4 11.
- DOIS DIAS EM MADRID ÚTEIS PARA COMPRAS (ESTABELECIMENTOS ABERTOS).
  - Assistência e transferência de autocarro, à chegada, para os hotéis e vice-versa.
  - Hotéis situados em plena Gran Via, de 1.ª e 2.ª categorias (todos com casa de banho privativa).
  - Reservas asseguradas em regime de pensão completa e residencial.

PREÇOS (TUDO INCLUÍDO) DESDE:

LISBOA ..... 1.280$00
PORTO ..... 1.430$00

Suplementos previstos para ocupação de «couchettes» e camas, e espectáculo de flamengo e «music-hall» em famoso «cabaret».

REDUÇÃO PARA GRUPOS DE 10 OU MAIS PESSOAS E PARA CRIANÇAS

INFORMAÇÕES E PROGRAMAS COMPLETOS:

— Estação de Lisboa-Rossio, Santa Apolónia e Terreiro do Paço.
— Rua do Arsenal, 124; e Centrais do Caminho de Ferro de Lisboa.

RESERVAS RÁPIDAS — TELEF. 36 75 29

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

MARGA

O oftalmologista fará muito pelos seus olhos...

...MARGA OCULISTA fará o resto!

FORNECEDOR DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA

OCULISTA MARGA | AV DUQUE DE LOULÉ, 97-1 LISBOA | TEL 55 38 49

LUSTRES

de brilho inexcedível, modelos diferentes, ambiente acolhedor. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39..

VENDA AO PÚBLICO

Abegão

VINHO DE MESA

PRESER diz Quem é Quem

AV. INFANTE SANTO, 65, 6.º ESQ. - LISBOA 3 - TELEF. 674191/2/3

MOCAR
S. A. R. L.

DEPARTAMENTO
DE VIATURAS USADAS

R. D. Luis de Noronha, 26
LISBOA

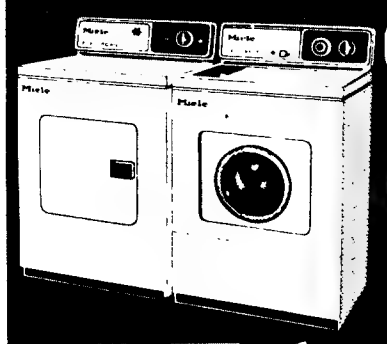
Veículos usados provenientes de trocas:

Peugeot 404-Coupé	de 1968
Peugeot 304	de 1970
Peugeot 204	de 1969
Peugeot 204 Breack Diesel	de 1971
2 Alfa Romeo 1300-GT Júnior	de 1968
Honda N 360	de 1969
Honda 600-E	de 1973
2 Honda 600 (serviço)	de 1972
Sunbeam Tiger-H tope	de 1966
Renault 4 L (s/averb.)	de 1972
Fiat 124-Spyder 1800	de 1973
Rover 3500 (ex. autom.)	de 1970

E MUITOS OUTROS
MODELOS
TODOS REVISTOS

Aceitam-se trocas.
Facilidades de pagamento

Conjunto de máquina de lavar roupa automática e secador electrónico



Uma união perfeita
de duas máquinas excepcionais da MIELE.
Máquina de lavar roupa automática 421-S e o Secador Electrónico 460.

Miele

Agente Oficial:
J. F. S. ROMEIRAS PALMA
RUA DA ESCOLA POLITÉCNICA, 27 — TELEF.: 370806 — LISBOA
PREÇOS ESPECIAIS PARA MODELOS EXCLUSIVOS

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Manuel Ferreira, «Tabacaria da Estação de Oeiras» OEIRAS

OFERECEMOS-LHE

testes e inscrições grátis
um ambiente moderno, acolhedor
eficiência, sentido da responsabilidade
e RESULTADOS

Inscrições agora para cursos rapidos de
INGLÊS, FRANCÊS, ALEMÃO e PORTUGUÊS

CENTRO AUDIO-VISUAL DE LÍNGUAS

Praça Luís de Camões, 36-3.º, Esq.
LISBOA — Chiado Tel.: 3 49 88

J. LUÍS PINHEIRO

ELECTRODOMÉSTICOS

PARTICIPA AOS SEUS CLIENTES E AMIGOS,
A REABERTURA DA SUA LOJA NA

AV. DA IGREJA, Nº 25 - A

COMPLETAMENTE REMODELADA,
ONDE APRESENTA
AS ÚLTIMAS LINHAS DE ELETRODOMÉSTICOS
DAS MAIS CONSAGRADAS MARCAS

DIVULGADORES / AS

PRETENDEMOS:

Vontade de trabalhar.
Facilidade de expressão.
Boa presença e nível médio de cultura.

OFERECEMOS:

Comissões altas.
Prémios semestrais.
Bom ambiente de trabalho.
Contacte connosco pelo telefone 77 89 89.

Federação Nacional dos Electricistas

ATENÇÃO

ELECTRICISTAS DA CP (ENTRONCAMENTO)

A fim de serem prestadas informações acerca da revisão das tabelas salariais do A. C. T. em vigor, realiza-se na próxima sexta-feira, dia 19, pelas 19 horas, uma reunião no Centro Paroquial do Entroncamento.

TODOS À REUNIÃO.

A DIRECÇÃO

HÁ MUITAS MANEIRAS DE

SUBIR

É?... NÃO É?
POIS É!

PRAIA GRANDE
(COLARES)

Passe os seus fins de semana no agradável e tranquilo Outono da Praia.

Hotel — Motel

Piscina — Restaurante — Selfe-Service — Bars — Sauna

Preços especiais do jantar de 6.ª feira ao almoço de domingo, tudo incluído, desde 360$00 para uma pessoa e 580$00 para duas pessoas.

Suites familiares até cinco pessoas.

Marque pelo telefone 29 02 76 — 29 02 77.

DL/NACIONAL

SEMANA DE TRABALHO DE 55 HORAS NAS OBRAS DA REFINARIA DO NORTE

Está fixada em 55 horas a semana de trabalho dos operários ao serviço dos subempreiteiros portugueses que participam nas obras de ampliação da refinaria do Norte, cuja empreitada foi entregue a empresas francesas, entre as quais a Secometal. O trabalho violento imposto aos operários deve-se ao facto de os empreiteiros quererem terminar a obra antes do prazo a fim de ganharem os prémios previstos, bastante altos.

A forma de conseguirem mão-de-obra nestas condições foi estipularem altos salários à hora (de 50 a 65$00) Mas os trabalhadores só depois de completarem as 55 horas semanais é que passam a ganhar horas extraordinárias, e estas apenas com um acréscimo fixo de 25 por cento. Por outro lado, ganham só as horas que trabalham, não havendo lugar a pagamento de faltas devidamente justificadas nem dos domingos, apesar dos pagamentos serem feitos quinzenalmente.

Uma das formas pelas quais os trabalhadores consideram estarem a ser também prejudicados refere-se aos descontos obrigatórios: estes estão a ser feitos, em muitos casos, à base do salário horário (irreal) de 20$00, o que se reflecte directamente nas regalias dos trabalhadores ao nivel de assistência.

Aproveitando a situação de eventuais em que os operários se encontram, os empreiteiros estrangeiros e subempreiteiros portugueses recusam o pagamento dos dias em que a obra está parada, assim como negam aos trabalhadores o dia de descanso obrigatório que deveria ter após oito horas consecutivas de trabalho extraordinário.

Foi já chamada a atenção do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência para a situação daqueles trabalhadores, bem como da administração da Sacor, a que pertence a refinaria, de forma a que terminem as situações anómalas que se estão a verificar.

SUBSÍDIOS A EMPREGADAS

Por despacho do ministro das Corporações e Previdência Social foi fixado o salário de 4000$00 mensais, a que corresponde o subsídio diário de 80$00, para as beneficiárias da Previdência impedidas de comparecer ao trabalho por necessidade inadiável de prestar assistência aos filhos doentes.

durma bem durma com CALOR

COBERTORES ELÉCTRICOS

CALOR

2 ANOS DE GARANTIA

EXCLUSIVO IBEREX LISBOA

SABA

A MARCA ALEMÃ Nº 1

Rádio-TV-Gravadores-Estéreo-Hi Fi

representantes exclusivos:

ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S.A.R.L.

RUA DOS DOURADORES, 43 - TEL. 361763 - LISBOA

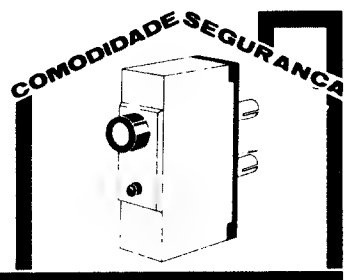
RUA SANTO ANTÓNIO, 208 - TEL. 25581 - PORTO

BBC BROWN BOVERI

utilize na sua casa ...

... OS INFUSÍVEIS pico-STOTZ

Substituem os fusíveis comuns SEM QUALQUER ALTERAÇÃO DO QUADRO

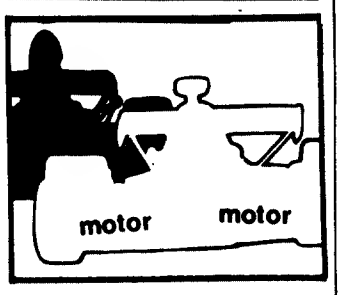


PARA OS ADQUIRIR DIRIJA-SE ÀS BOAS CASAS DE ARTIGOS ELÉCTRICOS

Distribuidores:

Fernando S. Amaranto, Lª - R. Cidade de Horta, 54 - Lisboa

Soc. Rep. Hotel Sheraton (Lisboa), Lª - Av. 5 Outº, 29 A - Lisboa



O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Francisco Marques GOLEGÃ

o melhor aquecimento do mundo

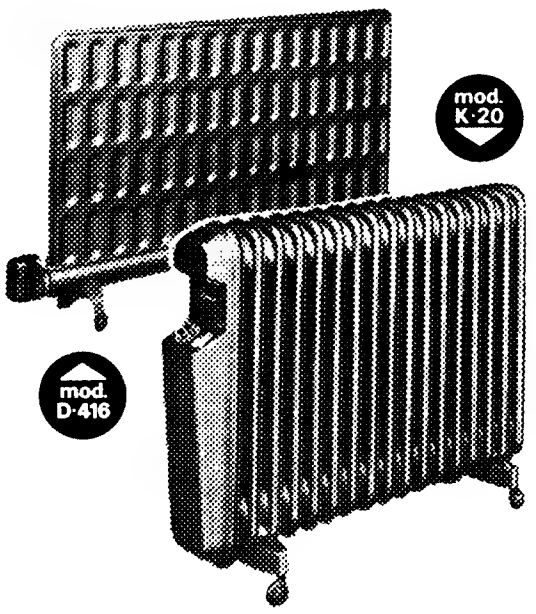
PUBLIARTE

Dimplex

Radiadores eléctricos Dimplex em banho de óleo

Guarde um pouco do Verão em sua casa, durante todo o ano.

Os radiadores eléctricos Dimplex a óleo, controlados termostaticamente, podem ser usados sempre e onde quer que precise deles. A grande variedade de diferentes tamanhos e estilos dá-lhe a possibilidade de escolher não somente o tamanho do radiador adequado para cada divisão, mas também o modelo e cor do radiador que melhor se adaptar à decoração da sua casa. Os radiadores Dimplex vão de encontro a todas as suas exigências de aquecimento



DIMPLEX — MAIS DE 12 MILHÕES DE CLIENTES SATISFEITOS!

À VENDA NAS BOAS CASAS DE ELECTRODOMÉSTICOS

Representantes Exclusivos:

RAFAEL BURGUETE, LDA.

R. ANTÓNIO ENES, 20-1º-TEL. 563416 - LISBOA

R. DR. ALFREDO DE MAGALHÃES, 99 - PORTO

Agradeço o envio GRÁTIS, pelo correio, de um catálogo ilustrado DIMPLEX.

Nome_____

Morada_____

DL/DESPORTOS

Enquanto Sergio não chega (o que deve acontecer no próximo sábado), Luís António está já a ambientar-se ao clima de Alvalade. Segundo as suas próprias palavras, fará apenas dois treinos para que o tecnico Mário Lino avalie as suas qualidades. Se servir, fica; se não interessar, volta para onclube que o deixou vir à experiência: o Juventus, de S. Paulo...

TOTOBOLA

Aposte por tendências, com «DOMINGO 13» (obra em dois volumes, contendo 45 esquemas do sistema «G. A. B.», totalmente desenvolvidos).

1.º Volume (De 7 a 10 triplas — 18 esquemas) — 75$00
2.º Volume (11, 12 e 13 triplas — 27 esquemas) — 125$00

Os dois volumes conjuntamente — 175$00

Envios à cobrança. PEDIDOS A: Dr. J. M. Soares
Apartado 5083 — Lisboa-5

A PEDIDO DE VÁRIAS FAMÍLIAS

AS RESERVAS ESTÃO DE RESERVA

Têm chovido na nossa redacção as perguntas de adeptos do futebol interessadíssimos em saber a data de realização da fase final da competição de reservas da AFL. Este certame futebolistico «apaixona» o país e deixa as gentes em suspenso. Simplesmente ainda não podemos, hoje, dar resposta às repetidas perguntas, nem podemos contribuir para que, finalmente, possam dormir libertos do problema...

É que a Associação de Futebol de Lisboa adiou, uma vez mais, a data da final, primitivamente fixada para 14 deste mês. Andamos nisto desde o ano passado, pois, se bem se lembram, a competição de reservas diz respeito à época de 1972/73. No seu comunicado de 12 de Outubro a Associação justifica o adiamento nos seguintes termos: **«Em virtude da manifesta impossibilidade do Atlético Clube de Portugal apresentar a sua equipa, dada a realização, na mesma data, de jogos do Campeonato Nacional da II Divisão, foi resolvido anular a marcação da segunda jornada da segunda fase do Campeonato Distrital de Reservas (da época de 1972/73).**

Como, no mesmo comunicado, se diz ainda que: «A designação da data para efectivação da jornada agora desmarcada, será divulgada oportunamente, depois de considerados os compromissos do Sport Lisboa e Benfica e do Sporting Clube de Portugal inerentes à sua participação em provas oficiais europeias e de acordo com os condicionalismos postos pelo Clube de Futebol «Os Belenenses». É de crer que só lá para as Calendras de Março teremos a final (entre o Sporting e o Belenenses) e o jogo para o terceiro lugar (entre Benfica e Atlético) no torneio lisboeta de futebol de reservas do ano passado.

Também por este motivo os estádios continuarão vazios pois o público vê-se, assim,, privado da possibilidade de aplaudir os seus ídolos de momento: Manecas, Pombo, Lopes, Lagartinho, Cabral, Júlio e C.ª Lda.

A equipa do Sporting: Palhares, Bastos José Carlos, Paulo Rocha, Duarte e Valter (de pé); Manecas, Vagner, Moniz, Cabral e Baltasar (na primeira fila).

A equipa do Belenenses: Júlio Ramalho, Melo, Cardoso, Sambinha e Pereira (de pé); Tozé, Lagartinho, Pombo, Lopes e Pincho (em primeiro plano).

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇAO PARA O CONCURSO Nº 7 DE 21 DE OUTUBRO DE 1973

	R E S U M O			B O L A S			(a)
	1	X	2	1	X	2	
1. GUIMARAES-MONTIJO	110	8	2	10	1	1	
2. BENFICA-CUF	106	13	1	10	1	1	
3. SPORTING-FARENSE	110	9	1	10	1	1	
4. ACADÉMICA-ORIENTAL	84	24	12	9	2	1	
5. OLHANENSE-BELENENSES	14	47	59	1	5	6	
6. VILANOVENSE-VARZIM	54	52	14	5	5	2	
7. SANJOANENSE-ESPINHO	71	34	15	7	3	2	
8. FAFE-SALGUEIROS	66	34	20	7	3	2	
9. FEIRENSE-PENAFIEL	81	28	11	8	3	1	
10. ALHANDRA-UNIAO LEIRIA	37	25	58	4	2	6	
11. PENICHE-ATLÉTICO	84	26	10	9	2	1	
12. SESIMBRA-ALMADA	79	29	12	8	3	1	
13. SINTRENSE-LUSITANO	80	26	14	8	2	2	

a) Nos termos do Artº. 10º. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

A chave lógica será:

111 121 111 2111

Açores, 111 1xx xx1 2x11; Folha de Tondela, 111 121 111 2111; O Algarve, 111 121 1x1 x11x; Auto Rádio, 111 12x x1x x1x1; Beira Baixa, 111 122 121 1x11; Boa Nova, 111 1xx 111 111x; Boletim Desportivo, 1xx 21x xx1 2122; Cavalgada do Ritmo, 111 121 111 1111; Jornal O Benfica, 111 1xx 111 x111; A Comarca de Arganil, 111 121 111 21x1; O Comércio de Leixões, 111 12x 111 x111; Comércio de Portimão, 111 12x 111 211x; O Comércio do Porto, 111 1x1 xx2 1111; O Concelho de Estarreja, 111 12x 1x1 2x11; Correio dos Açores, 111 x2x 111 2x11; Correio de Coimbra, 111 12x 111 1111; Correio do Vouga, 111 1x1 111 2111; A Defesa, 111 12x 12x, 2x11; Às 10 espere por nós, 1x2 x2x xx2 x11x; Diário dos Açores, 111 1x1 11x 211x; Diário do Alentejo, 111 1x2 1xx 2xx1; Diário do Minho, 111 12x 111 2111; Eco de Estremoz, 111 xx1 x11 2211; Ecos de Cacia, 111 12x 11x 2111; Ecos do Desporto, 1x1 1xx 111 x111; Época, 111 12x 11x 211x; Estrela da Manhã, 111 12x 11x 2111; Estúdio 64, 111 1xx 211 211x; Eu Sei Tudo, 111 12x x11 211x; Folha do Domingo, 111 x11 111 21xx; Dos Fracos não reza a História, 12x 2x1 2x1 1112; Gazeta das Caldas, 111 12x 11x 2111; Gazeta do Sul, x11 x22 x12 xxx1; A Ilha, 111 1xx 1x1 1111; Imagens Piedenses, 111 1xx 111 x1x1; Novidades, 1x1 1x2 2x1 2121; Jornal do Barreiro, 111 122 x1x x212; Jornal da Beira, 111 xx1 x1x 211x; O Jornal de Felgueiras, 111 121 1xx 2x11; Jornal da Graça, 111 111 111 1111; O Jornal da Lixa, 111 x12 2xx 1111; Jornal de Notícias, 111 1x1 xx1 1xx1; Jornal de Santo Tirso, 111 x22 1x2 x12x; Jornal de Sintra, 111 xx2 x1x 2x11; Jornal do Sul, 111 12x 1x1 1211; Jornal de Viseu, 111 12x 12x x12x; O Mensageiro, 111 121 111 2111; Linhas de Elvas, 111 xx1 111 11x1; Litoral, 111 12x 111 2111; Manchete Desportiva, 111 1x1 111 11x1; Maria da Fonte, 111 1x1 21x 1111; Miscelânia Musical, x1x 121 211 1xx1; Montra do Êxito, 211 122 1x1 2x1x; Mosaico, 111 1x1 211 1111; Mundo Desportivo, 111 1x1 1x1 1111; Música e Desporto, 1xx 221 x21 1x22; O Norte Desportivo, 111 12x 1x1 x211; Notícias de Chaves, 111 1xx 112 2111; Notícias do Douro, 111 1x1 121 12x1; Notícias de Flegueiras, 111 1xx x1x 2x1x; Notícias de Gouveia 1x1 12x 1x1 2xx2; Notícias de Guimarães, 111 1xx 112 21x2; Peça que não maça, x11 x2x xxx 21x1; Penalti, 111 121 1x1 11xx; Placard Desportivo, 111 1x1 21x 2xx2; Placard Desportivo-Açores, 111 121 x12 x12x; Povo Algarvio, 111 11x 111 21x1; Presença Coimbrã, 111 12x 111 2111; Programa da Manhã, x11 1xx 121 22x1; Rádio Altitude, 111 1x1 111 xx11; Rádio Oceano, 111 xx1 xxx 2111; Rádio Placard, 111 111 111 1111; Rádio Sports, 111 121 111 1111; Reconquista, 111 1x1 111 2111; Renovação, 111 111 22x 1x11; Repórter do Dia-Angola, 111 1x1 1x1 x11x; República, 111 121 x11 x111; Revista de Som, 1x1 121 1x1 211x; Só Rádio, 111 222 x11 11x2; O Sorriso da hora do almoço, 111 1x2 x1x 2xx1; O Telégrafo, 111 1x1 x11 2x1x; O Templário, 1x1 111 111 2111; Gazeta do Zêzere, 111 x2x xx1 1x11; A Voz Desportiva, 111 12x x11 x1x2; A Voz do Domingo 111 x11 x11 2x11; Voz de Lamego, 111 x22 111 2211; A Voz dos Ridículos, 111 111 21x 1111; Ultimo Palpite, 111 21x 2x1 1122; Notícias do Totobola, xx1 xx1 111 21x1; Fórmula Jota, 1x1 121 211 1111.

BOLETIM Desportivo, 1xx 21x xx1 2122; Diário do Porto, 111 1x1 x2x 1112; Programa Sem Nome, 111 1x2 111 1121; Quadrante Desportivo, 111 x2x 121 x111; Quadrante Norte, 1x1 x21 1xx 112x; Rádio Sports, 111 121 111 1111; Resenna Desportiva, 111 121 xx1 11x1; Ritmo e Amizade, x11 2x2 2xx 1x1x; Bondiazinho, x1x 2x1 221 x111; Brado Africano Desporto, 111 x11 x1x 2111; Brado Africano Ronga, 111 xxx 122 21x1; Cabine 2, 111 xx1 1xx 21x1; Domingo Alegre, 21x 22x x11 211x; Onda Desportiva, 111 12x 111 x1x1; Passatempo, x11 221 221 2112; Rádio Desporto, 111 11x 111 2x21; Revista Desportiva, 111 12x 12x x211; Roteiro Sonoro, 1xx 22x x21 211x; Terceiro Programa, 11x 221 x21 11x1; 20 Ponto D, 111 x2x x21 21x1; Globo Desportivo, 111 121 111 1111; Notícias da Beira, 111 12x 122 22xx; Diário, 111 1xx 122 xx11; Ponto Treze, 111 12x 1x2 x111; Nova Onda Clinar, 111 x11 1x1 x111; Noticiário Desportivo, 111 1xx 111 2111; Notícias de Évora, 111 12x 1x1 x11x; Diário de Lisboa, 111 1x1 x21 2x2x; Voz do Casa Pia, 111 1xx 111 2111.

MUNDIAL-74

Inglaterra afastada da fase final

A Polónia, campeã olímpica de futebol, qualificou-se ontem para as finais do mundial de 1974, em Munique, o que acontece pela primeira vez desde 1938, ao resistir ao assalto da poderosa equipa inglesa, que não conseguiu ir além de um empate a uma bola, num desafio crucial que se realizou no Estádio de Wembley, em Lobndres, mais conhecido como «A Catedral do Futebol».

O Estádio de Wembley, cenário do triunfo da selecção inglesa no mundial de 1966, transformou-se no cemitério das esperanças inglesas para 1974 quando a Polónia, através do resultado obtido, se qualificou à frente do grupo 5 da zona europeia.

A Polónia colocou-se em vencedora aos 57 minutos com um golo de Jan Domarski, e logo um calafrio passou pela multidão que assistia ao encontro. Contudo, sete minutos depois, numa grande penalidade, Allan Clarke igualou de novo.

Mas a Inglaterra não foi mais longe, não obstante ter tentado tudo quanto lhe foi possível: a barreira defensiva polaca tornou-se impenetrável e os ingleses não conseguiram qualificar-se.

A primeira parte do encontro foi de constante ataque da Inglaterra e de profiada defesa da Polónia, que raramente conseguiu sair do seu meio-campo.

Mas, na segunda parte, logo aos 57 minutos, a Polónia marcou um tento devido a uma falha de Norman Hunter, o fogoso defesa inglês, que não conseguiu segurar o extremo polaco Lato que, infiltrando-se, centrou excelentemente para Dormarski não perdoar com um pontapé colocado a 15 metros da baliza.

Os ingleses voltaram ao ataque e aos 64 minutos estabeleceram o empate por Clarke, depois do capitão Martin Peters ter sido travado irregularmente por um defesa adversário dentro da grande área. Clarke fez uma finta de corpo e enviou a bola para um lado enquanto o guarda-redes polaco se atirava para o outro.

Depois do golo inglês assistiu-se a um futebol incaracterístico, com força, mas sem discernimento, em que os ingleses não foram capazes de levar de vencida a bem escalonada defesa da Polónia.

De facto, nesse período, o domínio inglês foi mais consentido do que conquistado, tendo a sorte de não sofrerem novo golo (nos últimos 10 minutos) quando o habilidoso Lato passou duas vezes pela defesa inglesa como faca quente por manteiga. Da primeira vez Lato foi placado, fora da área pelo defesa central Roy McFarland.

Momentos depois, o rapidíssimo extremo, sozinho em frente do guarda-redes Peter Shilton, tanto quis colocar o remate que acabou por perder o ângulo e a oportunidade.

Ao soar o apito final do árbitro, o guarda-redes polaco Jan Tomaszewski, que teve uma actuação impecável durante todo o encontro, salvou de maneira incrível a possibilidade de um golo certo com uma extraordinária defesa a remate de Clarke, atirando a bola por cima da barra.

A Polónia é o sexto país a conquistar o direito a estar presente na fase final na Alemanha Ocidental. O Brasil (detentor do título), e a Alemanha Ocidental, (como país organizador), são equipas automaticamente qualificadas, ao passo que a Argentina, o Uurguai e a Escócia conquistaram o direito às finais ao vencerem os seus respectivos grupos.

ANDEBOL

O Sporting vai propor ao Cervena de Bratislava, a troca da ordem dos jogos da Taça dos Campeões Europeus de Andebol, assim como o adiamento da segunda «mão», em virtude da participação de selecção nacional no campeonato do mundo.

Se as pretensões do Sporting forem bem aceites pelos checoslovacos, os dois jogos da segunda eliminatória disputar-se-ão em Bratislava a 28 de Outubro e em Lisboa a 22 de Novembro. Assim, não seria prejudicado o estágio da selecção nacional, pois nesse intervalo de tempo Portugal joga com a Espanha, (em Cádiz) e com a Áustria (no Porto).

Cão Perdigueiro

Cor castanho-claro. Nome Lasi. Perdeu-se no dia 15-10-73, junto a Monforte.

Agradeço e gratifico. Tel 39 30 03—Porto.

ZÉLIA MANUEL

Inicia os seus cursos de massagens manuais.

Conhecimentos de massagem do Oriente. Ginástica passiva, respiração e regime alimentar.

Passa Diploma.

Tel. 67 67 46

estádio do Benfica

BENFICA * UJPESTI DÓZSA S.C.

Grupo B/10 anos

CAMPEÃO DA HUNGRIA

TAÇA DOS CAMPEÕES EUROPEUS

DIA 24 DE OUTUBRO ÀS 21,45 H.

PREÇOS DOS BILHETES

SÓCIOS	25$00	SENHAS DE CAMAROTE	180$00
GERAL	50$00	BANCADA CENTRAL	180$00
SUPERIOR SUL	60$00	TRIBUNA CENTRAL	
SUPERIOR CENTRAL	70$00	(Sectores 31-32-33-34)	200$00
BANCADA LATERAL	120$00	TRIBUNA CENTRAL	
TRIBUNA LATERAL	140$00	(Sectores CS-CS 29-CS 30)	250$00

SENHORAS ACOMPANHADAS DE SÓCIOS — 1 BILHETE DE GERAL

Bilhetes à venda na Secretaria do Clube — 1.ª Abdar — todos os dias úteis das 10.00 às 12.00 e das 14.00 às 17.30 horas, aos sábados das 10.00 às 14.30 horas e nas Agências habituais.

uma história com a idade do mundo... jovem como a humanidade... eterna como a esperança...

GODSPELL

GODSPELL • Argumento de DAVID GREENE e JOHN-MICHAEL TEBELAK
Música e poemas de STEPHEN SCHWARTZ • CHOREOGRAPHY BY SAVOY BAYES • ASSOCIATE PRODUCER KENNETH UTT
CINEMATOGRAPHY BY RICHARD HEIMANN • Produção de EDGAR LANSBURY • Realização de DAVID GREENE

SELECCIONADO PARA INAUGURAR O FESTIVAL DE CANNES DESTE ANO

GRUPO C/14 Anos © Distribuido por COLUMBIA & WARNER

HOJE — Estreia às 21.30 no **MONUMENTAL**

Banda sonora gravada em discos BELL distribuidos por PHONOGRAM

Fazer equilíbrio ou brincar com vedantes não é razoável...

PARA TRATAR "A SÉRIO" DO ASSUNTO **SIMRIT**

FAG PORTUGUESA, L.DA | PORTO – R. DELFIM FERREIRA, 719 a 739 - TEL. 64141 | LISBOA – R. DO TELHAL, 8 - C - TEL. 35620

TEM MUITO GOSTO EM ATENDÊ-LO.

ESPERE

PELO

FILEME 3

3|8 NOVEMBRO 73

SALÃO INTERNACIONAL DE EQUIPAMENTO E MOBILIÁRIO DE ESCRITÓRIO

PARA OS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO,
OS ESPECIALISTAS DE GESTÃO,
O FILEME É A OPORTUNIDADE DE REMODELAÇÃO
DAS ESTRUTURAS ADMINISTRATIVAS DAS EMPRESAS

UNIVERSITÁRIOS

— Quer vender um produto agradável?
— Durante um Part-Time agradável?
— Obtendo um lucro agradável?

Então compareça na **SINASE** — Rua Braamcamp, 9-7.° andar no dia 19 pelas 18 horas.

arcádia

EDITORA ARCÁDIA, S. A. R. L.
Campo de Santa Clara, 160-C — LISBOA

UTILIZE OS SERVIÇOS RODOVIÁRIOS DA C. P.

HORÁRIO DA CARREIRA

CASTELO BRANCO-FUNDÃO-COVILHÃ

A			A				A		A	
	8-30	10-30		16-00	P. Castelo Branco C.	A 9-55	11-35		18-50	
	8-54	10-54		16-24	Alcains (cruz.)	9-31	11-11		18-26	
	9-10	11-10		16-40	Lardosa (cruz.)	9-15	10-55		18-10	
	9-21	11-21		16-51	Soalheira	9-04	10-44		17-59	
	9-30	11-30		17-00	Cast. Novo (cruz.)	8-55	10-35		17-50	
	9-38	11-38		17-08	Alpedrinha	8-47	10-27		17-42	
7-10	10-00	12-00	12-00	17-30	Fundão	8-25	10-05	14-15	17-20	19-15
7-22	10-14	12-14	12-12	17-44	Alcaria (cruz.)	8-11	9-51	14-03	17-06	19-03
7-34	10-29	12-29	12-24	17-50	Tortosendo	7-56	9-36	13-51	16-56	18-51
7-45	10-45	12-45	12-35	18-15	C. Covilhã P.	7-40	9-20	13-40	16-35	18-40

A Excepto aos domingos e feriados equiparados.

televisão

MADEIRA SIEMENS
ISLAND
O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados «Pica-Pau»
13.00 Da saúde e da vida
13.15 «Doris em Apuros»
13.45 Telejornal 1.ª edição
14.00 Um dia com Bessone Bastos
14.20 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo preparatório TV
19.00 TV educativa Educação Musical (crianças)
19.25 Filme infantil «O Diário das Fábulas»
19.30 Telejornal 2.ª edição
19.50 Povo que canta
20.40 Inquérito
21.00 Cinemateca
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.00 Noite de cinema «Jornada de Heróis»
23.45 Telejornal 4.ª edição
23.50 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e um dia com Bessone Bastos
20.40 Um dia com
21.05 «Doris em Apuros»
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.00 Foi êxito na TV «As 6 Mulheres de Henrique VIII»
23.30 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados «Roman Holl1days»
13.00 Saber não faz mal
13.15 «Um Ano sem Domingos»
13.45 Telejornal 1.ª edição
14.00 Fim-de-semana
14.20 Logo à noite

2..º Período

14.40 Ciclo preparatório TV
19.00 TV educativa a coeducação
19.25 Filme infantil «O Diário das Fábulas»
19.30 Telejornal 2.ª edição
19.45 TV infantil
20.00 Cartaz TV
20.30 A marcha do mundo
21.00 Expedição o mundo animal
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.00 «Minha Mulher Mora ao Lado»
22.35 Portugal no século XX
23.30 Telejornal 4.ª edição
23.40 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 Saber não faz mal
21.00 «Um Ano sem Domingos»
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.00 Museu do cinema «Love» (Ana Karenina)
23.3o Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. Josè	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado o vento era fraco e havia neblina ou nevoeiro em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	13º
P. DOURADAS	6º
COIMBRA	13º
PORTALEGRE	12º
LISBOA	12º
FARO	19º
FUNCHAL	19º

TEMPERATURAS EXTREMAS

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	15,5º
Atmosfera	18º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
8.13	3,5 m	1.24	1,4 m
21.04	3,3 m	14.14	1,4 m
Dia 19			
9.34	3,4 m	2.40	1,7 m
22.31	3,2 m	15.45	1,3 m
Dia 20			
11.02	3,4 m	4.16	1,7 m
23.52	3,5 m	17.17	1,5 m

PREVISÃO GERAL
ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Periodos de céu muito nublado; vento fraco ou moderado de Norte e Centro; descida de temperatura.

AMANHÃ

NASCER ÀS — 7.49
OCASO AS — 18.55

DIA 18 DIA 26 DIA DIA 2 DIA 10

rádio

EMISSORA 1. PROGRAMA

16.00 Noticiário ao encontro da melodia
16.30 Convívio, programa da Juventude
18.05 O convidado de hoje: Julien Clerc
18.20 Espectáculo/Teatro, por Figueiredo de Barros
18.40 Música portuguesa
19.10 Zarzuela: Don Manolito, de P. Sorozabal
20.00 Diário sonoro onconjunto Grand Funk Railroal
20.30 16.º episódio do folhetim «poema para uma grande orquestra»
20.50 Melodias
21.00 Momento 73
21.20 Música só música
21.30 Variedades no estúdio
21.50 O homem e a natureza, pelo Dr. Almeida Fernandes e Gil Montalverne
22.10 Fados, por Rodrigo
22.30 Ritmos de todo o mundo
23.05 De um dia para o outro, por Armando Correia
00.00 Fecho

2.º PROGRAMA

16.00 Quequer ouvir? Programa coordenado por Margarida Brandão
18.00 Música portuguesa:
19.00 O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas
20.00 Diário sonoro
20.30 Música de câmara
21.00 A Arte de Feodor Chaliapin (3.º programa)
21.20 Tempo literário
21.45 Música sinfónica
22.00 Teatro dos nossos dias, pelo Dr. Leopoldo de Araújo
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

PROGRAMA ESTEREOFÓNICO MF2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Intercâmbio musical
23.00 Os pianistas Alicia de Larrocha e Wilhelm Kempff:
23.55 Obras de Mozart e Beethoven, para Agrupamentos de Câmara, da Orquestra do «Gewandhaus»
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE ONDA MÉDIA

16.00 Programa CDC
18.00 Movimento
21.03 Diálogo
21.10 Serão musical
21.30 Quando o telefone toca
22.03 Antiquário
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens bíblicas
23.20 Grandes Orquestras
23.30 No mundo aconteceu
24.00 PBX
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário Rural
07.00 Talismã

MODULAÇÃO DE FREQUÊNCIA

16.05 Programa CDC
18.00 O nosso programa
19.05 Vertice
21.00 Boa noite em FM
22.00 Programa à Gó-Gó
24.00 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Noticiário
16.05 Radiorama
18.00 Tonicha canta folclore
18.20 Boletim litúrgico
18.25 Terço e benção da Basílica dos Mártires
19.00 (Jornal do serviço de noticiário e reportagens de R. Renascença)
19.30 Página 1
21.04 Meditando
21.07 Poesia é dialogo
21.15 Poente
21.30 Fados na noite
21.45 Pentagrama
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema, 13
23.05 A 23.ª Hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofonico de Portugal
Das 06 00 às 0 00 e das 22 00 as 02 00

Radio Voz de Lisboa
Das 0 00 às 2 00 e das 9 30 as 22 00

Radio Graça
Das 4 30 as 9 30

Radio Peninsular
Das 2 00 as 4 30

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO D-1
Até às 22 horas

AJUDA
Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222 (Tel. 638256); **Tapada**, Calçada da Tapada, 83-A (Tel. 634721)
ALMIRANTE REIS
Lusa, Avenida Almirante Reis, 199-A (Tel. 41269)
ALTO DE S. JOÃO
Dalton, Av. Mouzinho de Albuquerque, 7 (Tel. 843571)
ALVALADE
Nova Iorque, Av. Estados Unidos da América, 140-B (Tel. 760658); **Marbel**, Av. de Roma, 131-A (Tel. 776235); **Chinde**, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Tel. 710331)
AVENIDAS NOVAS
Lungenit, Avenida da República, 55 (Tel. 772132); **Sá da Bandeira**, Rua Marquês Sá da Bandeira, 42 (Tel. 54672)
BAIRRO ACTORES
Lusa, Av. Almirante Reis, 199-A (Tel. 41269)
BAIRRO DA LIBERDADE
Zenal, Rua A. 182 (Tel. 651840)
BAIXA
Simões Pires, Rua da Prata, 115 (Tel. 362350)
BENFICA
Banfiluz, Estrada de Benfica, 444 (Tel. 782606)
CAMPO DE OURIQUE
Firdor, Rua D. Maria Pia, 514 (Tel. 687949)
CASTELO
Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-A (Tel. 869831)
CONDE BARÃO
Marcos do Nascimento, Calçada Marquês de Abrantes, 36-A (Tel. 664238)
ENTRECAMPOS
Nova Iorque, Av. Estados Unidos da América, 140-B (Tel. 760658)
ESTEFÂNIA
Romano Baptista, Rua Passos Manuel, 6-10 (Tel. 50593)
ESTRADA DA DAMAIA
Progresso, Estrada A-da-Maia, 64-C (Tel 702226)
GRILO
Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B (ao Bairro do Grilo) (Tel. 382470)
LAPA
Alba, Rua de Santana à Lapa, 156 (Tel. 663562)
LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93-A/B (Tel. 791131)
OLIVAIS
Simão, R Cidade de Cabinda, 16-A (junto à piscina) (Tel. 310581)
PENHA DE FRANÇA
Zema, Rua General Justiniano Padrel, 21 (à Calçada dos Barbadinhos) (Tel 832580)
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Pichelaria, 140-B (Tel. 720703-728395)

TURNO D-2
Toda a noite

ALCÂNTARA
Ester Nogueira, R. de Alcântara, 5-A (Tel. 637563)
ALFAMA
Cruz de Malta, Largo do Chafariz de Dentro, 36 (Tel 866126)
AMOREIRAS
Amoreiras, Praça das Águas Livres, 8-D (Tel. 681515).
ALVALADE
Líbia, Av da Igreja, 4-B (Tel. 711681); **Celta**, Rua Moura Girão, 3-B (Tel. 710621)
ANJOS
Magalhães, Av. Almirante Reis, 4-D (Tel. 49479)
ARCO DO CEGO
Providência, Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (Tel. 770324)
AREEIRO
Lusitana, Avenida de Roma, 18-A (Tel. 725443).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, Praça das Casas Novas, Lote 66 (Tel. 310172)
BELÉM
Botânica, Rua da Junqueira, 38 (Tel. 638132)
BENFICA
Macedo, Estrada do Poço do Chão, 69-C (Tel 703697)
CAMPOLIDE
Nova, R. de Campolide, 297-C (Tel. 687475); **Ronil**, Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (Tel. 683438)
CAMPO DE OURIQUE
Linaide, Rua Ferreira Borges, 30 (Tel. 660955)
ESTEFÂNIA
Morgado Lourenço, Largo D. Estefânia, 4-5 (Tel. 54808)
GRAÇA
Almeida Dias, Largo da Graça, 38-A (Tel. 862909); **Higiénica**, Rua Heliodoro Salgado, 20-A (Tel. 844361)
JUNQUEIRA
Botânica, Rua da Junqueira, 38 (Tel. 638132)
LAPA
E. Silva, Filhos, Rua S. João da Mata, 74 (Tel. 661010)
LUMIAR
Patuleia, Rua do Lumiar, 122 (Tel. 790332)
MOURARIA
Ferrão, Rua da Mouraria, 12 (Tel. 860464)
PEDROUÇOS
Higilux, Rua de Pedrouços, 52 (Tel. 610280)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Oliveira Viegas, Rua do Viriato, 29-A (Tel 48966-553601)
SETE RIOS
Canto, Estrada das Laranjeiras, 202-B (Tel. 780841)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores, R. António Granja, 2 (Telef. 213161)
CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Telef. 2432034)
OEIRAS
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (Telef. 2430090)
PAREDE
Aisir, Av. Gago Coutinho-B.º das Caixas de Previdência (Telef. 2472948)
S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, (Telef 263052)
MONTE ESTORIL
Lopes, R. Hangar, 3 (Telef. 260008)
CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Telef. 280078), **A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (Telef 280214)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, Av Marquês de Pombal, lote 9 (Telef. 934589), **Campos**, R. Elias Garcia, 185-B (Telef. 930072), **Clabel**, R. António Sardinha, 23-D (Telef. 938551)
DAMAIA
Confiança, Est. Militar, lote D (Telef. 9710231).
VENDA NOVA
Girassol, R. Elias Garcia, 17-C (Telef. 974161)
QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Telef. 950117); **Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (Telef. 950123)
CACÉM
Araújo e Sá
MEM MARTINS
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Telef. 980456)
SINTRA
Misericórdia, L. dr. Gregório de Almeida, 2 (Telef. 980391)
COLARES
Abreja, (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef 234100)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av da Bela Rosa, 8 (Telef. 224250)
ALMADA
Castro Rodrigues, R Capitão Leitão, 21-A (Telef 270076)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est Nacional, 221-B (Telef 224141)
BARREIRO
Central, Av. Alfredo da Silva, 48 (Telef. 2073207)
COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, Est das Barrocas, 50-A (Telef. 2760182)
MOITA
União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga (Telef. 239025)
MONTIJO
Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (Telef. 230008)
SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Telef. 229028)
SETÚBAL
Lisboa, R dr Paulo Borba (Telef. 22248), **Saião**, Av. Portela (Telef 22709)
SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Telef. 2218560)

PORTO

7.º TURNO

SUB-TURNO A

Alírio de Barros, Suc., R. de Costa Cabral, 240. **Central**, R. Santo António, 203 **Gomes Carneiro**, Rua de Cedofeita, 348. **Magalhães**, R. de Serralves, 566. **Nova de Monsanto**, Rua de Monsanto **Ribeiro Júnior, Suca**, R Firmeza, 99 A

SUB-TURNO B

Correia, P. M de Albuquerque, 50 **Corujeira (da)**, R.S Roque Lameira, 1473. **Couto**, L.S. Domingos, 106. **Lapa (da)**, R Antero Quental, 211. **Luso-Francesa**, R Sá da Bandeira, 140

COIMBRA

TURNO E

Cruz Viegas, Rua do Brasil, 154 (Tel 22961) **Donato**, Rua Ferreira Borges, 2 e 6 (Tel 22603); **Rainha Santa**, R Figueira da Foz, 11-B (Tel 24737)

cinemas

ROXY (Tel 48560)
14.00 - 16.30 - 19.00 e 21.45
Grupo D (18 anos)
1.ª semana! Technicolor Dustin Hoffman «ALFREDO ALFREDO» um filme de Pietro Germi (Metro Intendente)

CONDES (Tel 322523-326710)
4 sessões diárias, 14.30 - 16.30 - 18.45 e 21.45 4.ª semana
Colorido Grupo B (10 anos). Chegou a hora da «barracada». «TRINITA E SARTANA CONTRA TODOS». Com Robert Widmark e Harry Baiard.

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos) 2.ª Semana!
Technicolor. um filme de Kenneth Loach «VIDA EM FAMÍLIA»
Amanhã e sábado às 00.30
Grupo D (18 anos)
Cinema fora de horas. «VIDA EM FAMÍLIA»

ROMA (Tel. 727778
15.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Eastmancolor. Terry Tarday Glenn Saxton. «A BELA CASTA SUSANA»

BERNA (Tel. 776098)
15.15 - 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Technicolor - Panavision
Um filme de Franco Zeffirelli «S FRANCISCO DE ASSIS»

VOX (T 720808)
15.15 - 18.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
2.ª Semana
Technicolor
Jean-Michel Vincent em «NANU O FILHO DA SELVA» Walt Disney Productions

ESTÚDIO (Tel. 55310)
15.30 - 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos). 3.ª Semana
A obra-prima de Nagisa Oshima «O ENFORCAMENTO»
Amanhã e sábado às 00.15 H
Grupo D (18 anos) «O ENFORCAMENTO»
(Metro: Alameda)

SATÉLITE (Tel. 50595)
15.30-18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos). 4.ª semana
Um filme de Alain Tanner (realizador de «O último a rir») «REGRESSO DE AFRICA»
Amanhã e sábado às 00.15
Grupo D (18 anos)
«REGRESSO DE AFRICA»

CINEMA CASTIL (Tel 630194)
14.30 - 16.45 - 19.00 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Technicolor Grande Prémio do Festival de Cannes Gian Maria Volonte «O CASO MATTEI». Um filme de Francesco Rosi (Estacionamento Parque Castil)

IMPÉRIO (Tel 555135)
15.00 - 18.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
Panavision Technicolor. Um filme de Luchino Visconti «LUÍS DA BAVIERA». Com Romy Schneider e Helmut Berger. 3 sessões diárias 15.00 1 18.15 e 21.30
(Metro: Alameda)

MONUMENTAL (Tel. 551310)
Estreia às 21.30
Grupo C (14 anos)
Technicolor. «GODSPELL»
Às 15.15 H. Grupo D (18 anos)
«O POÇO DO ÓDIO»

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 e 21.00
Grupo D (18 anos)
«A TURMA DAS BARRACADAS» Em complemento: «VERDADE AMARGA»

S. JORGE (Tel. 54154/54153)
15.00 - 18.15 - 21.30 2.ª semana!
(Grupo D - 18 anos)
«AVANTI» AMOR À ITALIANA. Deliciosa comédia de Billy Wilder com Jack Lemmon e Juliet Mills.

EUROPA (Tel. 651016)
21.30
Grupo D (18 anos)
Metricolor Panavision 4.ª semana! Massie Smith e Alec McCawen «VIAGENS COM A MINHA TIA»
As 15.15 H. (Grupo D - 18 anos)
«O CARDEAL»

LONDRES (Tel. 731318)
21.45
Grupo D (18 anos)
Estreia de alta classe. Colorido. Laurence Olivier e Michael Caine no filme de Joseph L. Mankiewicz «AUTÓPSIA DUM CRIME»
14.15 - 16.30 e 18.45
Ultimas de «A CASA DA BONECA»

MUNDIAL (Tel. 538473)
15.15 - 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos) 3.ª semana
Eastmancolor A denúncia de uma sociedade corrompida «O SINAL VERMELHO» com António Vilar Maria Cruz, Paul Naschi e Hellen Harp.

CASINO ESTORIL (Tel 46264862)
15.30 - 18.30 e 21.30
Grupo D (18 anos)
Agoscope Eastmancolor «CURTO E O VERAO» Com Liv Ullmann e Bibi Anderson

RESTELO (Tel 610375)
21.40
Grupo C (14 anos)
Technicolor «O SELO DOURADO» com James Booth e Francesca Anuis

EDEN (Tel 320768)
15.30 - 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Eastmancolor. Jane Birkin - Serge Gainsbourg. «BONITAS DEMAIS PARA SEREM HONESTAS»

ODEON (Tel. 32623)
15.15 - 18.15 e 21.30
Grupo C (14 anos) 3.ª semana
Color «SIMPLESMENTE MARIA» Com Saby Kamalich e Braulio Castillo.

AVIZ (Tel. 47163)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Color. 3.ª semana!
Saby Kamalich, Baulio Castillo «SIMPLESMENTE MARIA»

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15 - 18.15 e 21.45
Grupo C (14 anos) 2.ª semana!
Eastmancolor Franco Nero, Eli Wallach e Lyn Redgrave «3 BONS INIMIGOS»
As 00.30 H Grupo D (18 anos)
Ciclo «TERROR À MEIA-NOITE». Amanhã: «VOLUPIA DO CRIME». Sábado «A DAMA VERMELHA MATA 7 VEZES»

TIVOLI (Tel 50595)
15.15 - 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos) 2.ª semana!
A preparação do crime político do século «CHACAL». O filme de Fred Zinnemann.

ESTÚDIO APOLO 70 (Tel. 73318)
15.15-18.30 e 21.45. 10.ª semana
Grupo D (18 anos). Technicolor
Um filme de Hal Ashby «ENSINA-ME A VIVER», com Ruth Gordon e Bud Cart
Hoje às 24.00 Grupo D (18 anos) Clássicos à meia-noite «AWEXANDRE NEVSKI» de Sergi Eisenstein.

CINEARTE (Tel 660446)
21.30
Grupo D (18 anos)
Panavision. Technicolor George C Scott, Faye Durraway, John Mills, e Jack Palance «O POÇO DO ODIO»

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Ver, ouvir e...calar»

VILLARET
21.00 e 23.00 (18 anos)
«O ovo»

LAURA ALVES
21.45 (14 anos)
«O Misantropo»

VASCO SANTANA
21.45 (18 anos)
«Cândido»

CASA DA COMÉDIA
22.00 (18 anos)
«Oh papá pobre papá»

A. B.C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«TUDO A NU»

MONUMENTAL
21.15 (18 anos)
«Que medo senhor Alfredo

VARIEDADES
21.45 (18 anos)
«Um padre à italiana»

COMUNA
22.00 (18 anos)
«Brincadeira»

LISBOA/Cinemas

OLIMPIA
19 (14 anos)
«Um a Um Sem Piedade»

PARIS
21.00 (18 anos)
«Um dia em cheio»

JARDIM CINEMA
21.30 (18 anos)
«Os longos dias de Junho»

CINE-MOSCAVIDE
21.00 (14 anos)
«A Farça do Sexo fraco»

ODIVELAS
Soc. Odivelense
21.30 (18 anos)
«A GAIVOTA»

SACAVEM
S. José
21.00 (18 anos)
«O Padrinho»

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«Nas malhas da rede»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
2 30 (4 anos)
O Canalha

OEIRAS
Oeiras-cine
2 (8 anos)
O Obsessão de Joe Delaney

PAREDE
Royal-cine
2 5 (8 anos)
Ele não bebe, não fuma, ma

ESTORIL
Casino
7 e 2 30 (8 anos)
Curto e o Verão

Palacio
2 30 (8 anos)
À espera do julgamento

Estoril
Esplanada
2 30 (8 anos)
Dívida de ódio

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«A Espada invencível»

LINHA DE SINTRA

QUELUZ
Queluz Cinema
2 5 (8 anos)
A mulher e o desejo

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«A Mão de ferro»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrivel
2 5 (0 anos)
Com os olhos tortos de medo

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
2 5 (8 anos)
Sexta-feira sangrenta

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
2 30 (0 anos)
Adeus Mr Chips

PORTO/Teatros

SA DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«Dois num Guarda Vestidos»

PORTO/Cinemas

OLIMPIA
21.30 (14 anos)
«Só o Colt era Sagrado»

JÚLIO DINIS
21.30 (6 anos)
«Os Malucos do Estádio»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«A lição particular»

S. JOÃO
15.30 (18 anos)
«A Casa dos desejos»

COLISEU
21.30 (10 anos)
«A noiva»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Mulher á deriva»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (18 anos)
«Barba azul»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Getaway»

CARLOS ALBERTO
21.30 (18 anos)
«Destinos nas trevas» e «Will Penny»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Paris manicómio do amor»

VALE FORMOSO
15.30 (14 anos)
«O Direito de nascer»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«O charme discreto da burguesia»

COIMBRA

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«Um Verão para matar»

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«Alfredo, Alfredo»

GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«O Charme discreto da burguesia»

SOUSA BASTOS
21.30 (18 anos)
«Os Insaciáveis»

BARS BOITES

DANCINGS

NINA __ **Dancing** com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. Tel. 34859-365167.**

CASINO ESTORIL __ Jogo autorizado. Variedades internacionais. **Tel.s 26461-264526-264596-264821-264946.**

HIPOPÓTAMO __ Com Helder Reis. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Tel. 48384.**

SOLAR DA HERMÍNIA __ Hermínia Silva, hoje e sempre. **Largo Trindade Coelho, n.º 10-11.** Encerra aos domingos. **Tel. 320164.**

TAMILA __ Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias, Encerra aos domingos. **Av. Duque de Loulé, 69. Tel. 534117.**

SAN-PAYO __ Bar-boite c/ música constante Aberto até às 5 h. da madrugada. **Rua Rodrigues Sampaio, 34. Tel. 561422** (Ar condicionado).

CACO __ **Dancing** com música ambiente, com singular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

EXPOSIÇÕES

ARCADAS DO PARQUE Pinturas de Maria Fernanda Amado (das 10 às 22 h.)

BELAS ARTES Pinturas de Matos Portugal e Carlos Saldanha (das 14 às 20 h.)

CASINO ESTORIL Trabalhos de Olabarrieta, Ana Vaz e Clemen Bello (das 15 às 3 h.)

DIPROVE Xilogravuras de Salvador Dali (das 10 às 13 e das 15 às 19 h). Fecha aps domingos.

FUNDAÇAO GULBENKIAN Trabalhos de Manesier (das 10 às 19 h.)

PALACIO FOZ Retrospectiva de pintura de Fausto Sampaio e trabalhos de Capita (das 15 às 19h.)

PALÁCIO VALENÇAS (Sintra) Trabalhos de Domingos Saraiva e Pedro Saraiva (das 14 às 20 h.)

PRISMA-73 Pinturas de Lisa Chaves Ferreira (das 10 às 13 e das 15 às 19h.)

S. FRANCISCO Gravuras de Miro, Tapies e Millars (das 10 às 13 e das 15 às 19h.)

S. MAMEDE Desenhos de Amadeo de Souza Cardoso (das 10 às 13 e das 15 às 19h.)

YELA Oleos da pintora americana Nadine Hoskins (das 10 às 13 e das 15 às 19h.)

JUDITE DACRUZ Tapeçarias de Kroner (das 10 às 13 e das 15 às 19h.)

DL /ÚLTIMAS

DL

RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIO DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF 654531/2 3 4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

Julgado no Porto por distribuir panfletos

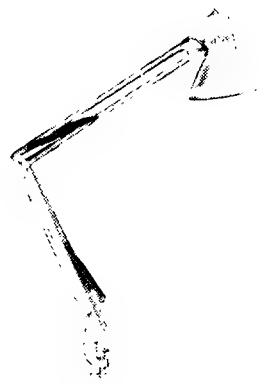
PORTO, 18 — Prossegue hoje, no Tribunal de Polícia, o julgamento do chefe de controle de uma unidade industrial, Raul Martins Ribeiro, de 33 anos, solteiro, morador no Lugar da Capela, S. Mamede de Negrelos, concelho de Santo Tirso.

O réu começou ontem a ser julgado, sob a acusação de distribuir panfletos subversivos, no passado dia 24 de Junho, pelas 2 horas da madrugada, na Avenida dos Aliados.

Foi ouvido o guarda autuante e as testemunhas de acusação, cujos depoimentos são idênticos, visando, portanto, a acusação: «o réu foi visto a distribuir panfletos. Havia andado, pouco antes, à frente de um grupo, descendo a Avenida dos Aliados, na noite de S. João. Esses panfletos foram distribuídos a um outro grupo de pessoas».

Depuseram, depois, as testemunhas de defesa e as instâncias do patrono do réu e do delegado do Ministério Público, afirmaram que Raul Martins Ribeiro era efectivamente componente de um grupo que estava junto da estátua, à espera de outras pessoas. Entretanto surgia um outro grupo que começou a distribuir os panfletos. O réu abeirou-se desse grupo, apanhou alguns dos papéis e quando regressou junto do seu grupo começou a distribuir, sem saber o seu conteúdo.

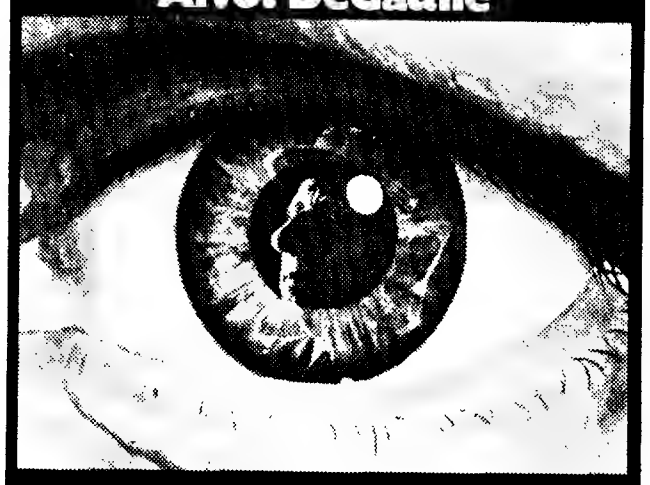
L E D U



CANDEEIROS DE TRABALHO
(SUECOS)
Distribuidores exclusivos
E M E L L I
Rua de Santa Justa, 99
Tel. 32 72 10 — LISBOA

VIAGENS
EXCURSÕES
CRUZEIROS
paneuropa
Braamcamp, 11/Telef. 563401/Lisboa
obtenção urgente de passaportes

Nome: Chacal
Profissão: Assassino
Alvo: DeGaulle
Filmes Lusomundo



CHACAL
The day of the jackal
o filme de Fred Zinnemann
GRUPO D 18 anos
3.ª SEMANA TIVOLI
O livro é editado em Portugal por "arcádia"

Continuação da primeira pagina

A escassez do petróleo

aquecimento, depois de terem passado um Verão a braços com o racionamento da gasolina, que subiu de preço.

Os Estados Unidos importam diáriamente 1.200.000 barris de petróleo árabe, o que representa apenas uma pequena percentagem do consumo nacional, mas o corte desses abastecimentos poderá ter consequências graves a longo prazo, pois a tendência é para um aumento das necessidades de combustível e os árabes são os únicos produtores que poderiam acompanhar esse aumento com um aumento da sua produção.

O Governo não fez ainda qualquer comentário á ameaça posta pelos árabes mas no congresso, onde a maioria é pró-israelita, não se pensa abandonar Israel para contentar os árabes e os congressistas propõem antes medidas de racionamentos e defesa das resergas existentes nos Estados Unidos bem como outras medidas para a utilização de combustíveis tais como o carvão no aquecimento.

Entretanto a ameaça árabe provoca receios noutros países, nomeadamente no Japão, que recebe 88 por cento do seu petróleo do Médio Oriente.

Em Paris, funcionários das companhias petroliferas também prevêem um drástico aumento do preço da gasolina. Segundo uma fonte fidedigna o preço de venda ao público da gasolina poderá aumentar entre 60 e 65 por cento.

ABU DHABI SUSPENDE

KOWEIT, 18 (R.) — O Estado de Abu Dhabi no Golfo Pérsico anunciou hoje a suspensão das exportações de petróleo para os Estados Unidos, avisando que a mesma acção seria tomada contra qualquer outro país que, de futuro, desse apoio a Israel.

Cerca de 12 por cento da produção diária de 1.500.000 tambores de petróleo de Abu Dhabi destinavam-se aos Estados Unidos. O Japão é o mercado principal deste Estado.

CAMINHO ABERTO

NOVA IORQUE, 18 (UPI-ANI) — «Os árabes puseram em jogo o seu petróleo como arma na guerra do Médio Oriente, mas fazem-no cautelosamente e de modo a deixar ainda o caminho aberto para uma cooperação diplomática escreve o «New York Times».

APROVADO O ESTATUTO DO PESSOAL DE SERVICO SOCIAL DAS CAIXAS DE PREVIDENCIA

Ouvido o Sindicato dos Profissionais do Serviço Social e a Comissão Permanente Interministerial para o Desenvolvimento Social, foi agora aprovado o Estatuto do Pessoal do Serviço Social, que se aplica aos profissionais do serviço social das caixas sindicais de previdência e das caixas de reforma ou de previdência, da Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família e do Instituto de Obras Sociais, da Caixa Nacional de Seguros de Doenças Profissionais e da Caixa Central de Segurança ocial dos TRabalhadores Migrantes. Por despacho do ministro das Corporações, o Estatuto poderá ser mandado aplicar a idêntico pessoal das Casas do Povo e das Casas dos Pescadores, com as modificações julgadas indispensáveis.

Determina a Portaria ministerial, hoje publicada, que são aplicáveis às relações contratuais de trabalho entre as instituições de previdência e o seu pessoal social as disposições dos diplomas reguladores do contrato individual de trabalho em tudo o que não se encontre especialmente regulado no Estatuto.

Refere o preâmbulo da Portaria que o Estatuto se destina a **«imprimir à actuação destes profissionais uma orientação mais definida em termos de contribuir para uma melhoria de actuação do serviço social dentro das caixas de previdência. Nele se procurou estabelecer, a par dos direitos e obrigações do pessoal da administração. das instituições de previdência, a melhoria das condições de acesso na carreira profissional, criando-se categorias profissionais, de chefia técnica, regulando-se o enquadramento das diversas categorias pela definição da respectiva subordinação hierárquica, além de se proporcionar melhores meios de valorização profissional».**

As categorias profissionais que passam a existir são as de técnico coordenador-chefe e técnico coordenador (na Federação das Caixas de Previdência), técnico superintendente, técnico-chefe, técnico, técnico auxiliar (no Instituto de Obras Sociais e instituições não federadas nacionais), técnico-chefe, técnico e técnico auxiliar (restantes instituições).

As remunerações estabelecidas são as seguintes:
técnico auxiliar, de 4 255$ a 6 084$ (dependente de anos e qualidade de serviço); técnicos, de 6 084 a 8 596$; técnico CHEFE, 10-316$; técnico superintendente, 12 903$; técnico coordenador, 12 679$; e técnico coordenador-chefe, 12 903$.

Além de gratificações por funções de chefia e serviço externo, os profissionais de serviço social poderão ter prémios pecuniários, designados «prémios de rendimento», destinados a **«incentivar a produtividade no trabalho»**. Ao pessoal que apresente estudos ou sugestões **«que possam contribuir para assegurar o aumento de eficiência e produtividade dos serviços»** podem ser atribuídos, entre outros, prémios pecuniários, bolsas de estudo ou licenças para frequência de cursos de especialização ou aperfeiçoamento, bem como prémios especiais designados «Prémios de Segurança Social».

NOVOS CURSOS
cial
CENTRO DE LÍNGUAS
LISBOA * COIMBRA
T. 533733 T. 23173

BILHETEIRA 538586 TEATRO VILLARET
RAUL SOLNADO (EMPRESÁRIO TEATRAL)

(Ainda fresquinho com o carimbo desta semana)
TODAS AS NOITES 2 SESSÕES
AS 21 HORAS E AS 22 HORAS
RAUL SOLNADO
O OVO
ENCENAÇÃO DE PAULO RENATO
Elenco por ordem de entrada em cena:
Artur Duarte * Gilberto Gonçalves * Manuel Cavaco * Lila Oliveira * Cristina Cassola * Madalena Braga * Cláudia Martins * Fernanda Borsatte * José Amaro * Maria José * Luís Alberto * Nina Flores * Amílcar Botica * Costa Ferreira * Catarina Avelar * Joaquim Miranda * Georgina Cordeiro * Cândido Mota
UMA COMÉDIA EM FORMA DE SUPÔNHAMOS

DR. JOSÉ JOAQUIM TAVARES DA SILVA

Mandada rezar pela viúva, celebra-se amanhã, pelas 12 e 30, na Igreja dos Mártires, missa por alma deste nosso saudoso camarada de Redacção

A deserção de um dirigente da "Frelimo"

DAR ES SALAM, 18 (FP) — Um informador da Frente de Libertação de Moçambique anunciou aqui na quarta-feira a «deserção», no princípio do mês, de José Alves Dias Mucanga, um dos 30 membros da Direcção Central da FRELIMO.

O informador, Jorge Rebelo, secretário para a informação da FRELIMO, declarou que a defecção de Mucanga surpreendeu e que não lhe encontrava explicação. Contudo, juntou, «as guerras de guerrilhas são longas e alguns desmoralizam-se».

Jorge Rebelo tomou uma atitude filosófica a respeito da partida de Mucanga, precisando que, embora Mucanga fosse membro da direcção central, «não era elemento importante».

É possível, todavia, que seja possuidor de informações que comprometam a segurança da FRELIMO, mas os portugueses só as poderão utilizar durante breve espaço de tempo. A FRELIMO tomou as suas precauções.

Mucanga aderiu à FRELIMO em 1965 e tornou-se membro da direcção central em 1968. Era responsável pelo recrutamento em Moçambique.

NOTAS VÁRIAS

O GENERAL SPÍNOLA COM TORRE E ESPADA

O Presidente da República impôs esta tarde ao general António de Spínola, antigo governador da Guiné e ex-comandante das Forças Armadas na mesma província, o grande oficialato, com palma, da Ordem Militar da Torre e Espada, de Valor, Lealdade e Mérito. A cerimónia, com tropas em formatura, decorreu no Colégio Militar, antecedendo a tradicional sessão de abertura do ano lectivo.

FUNDO DE EXPORTAÇÃO

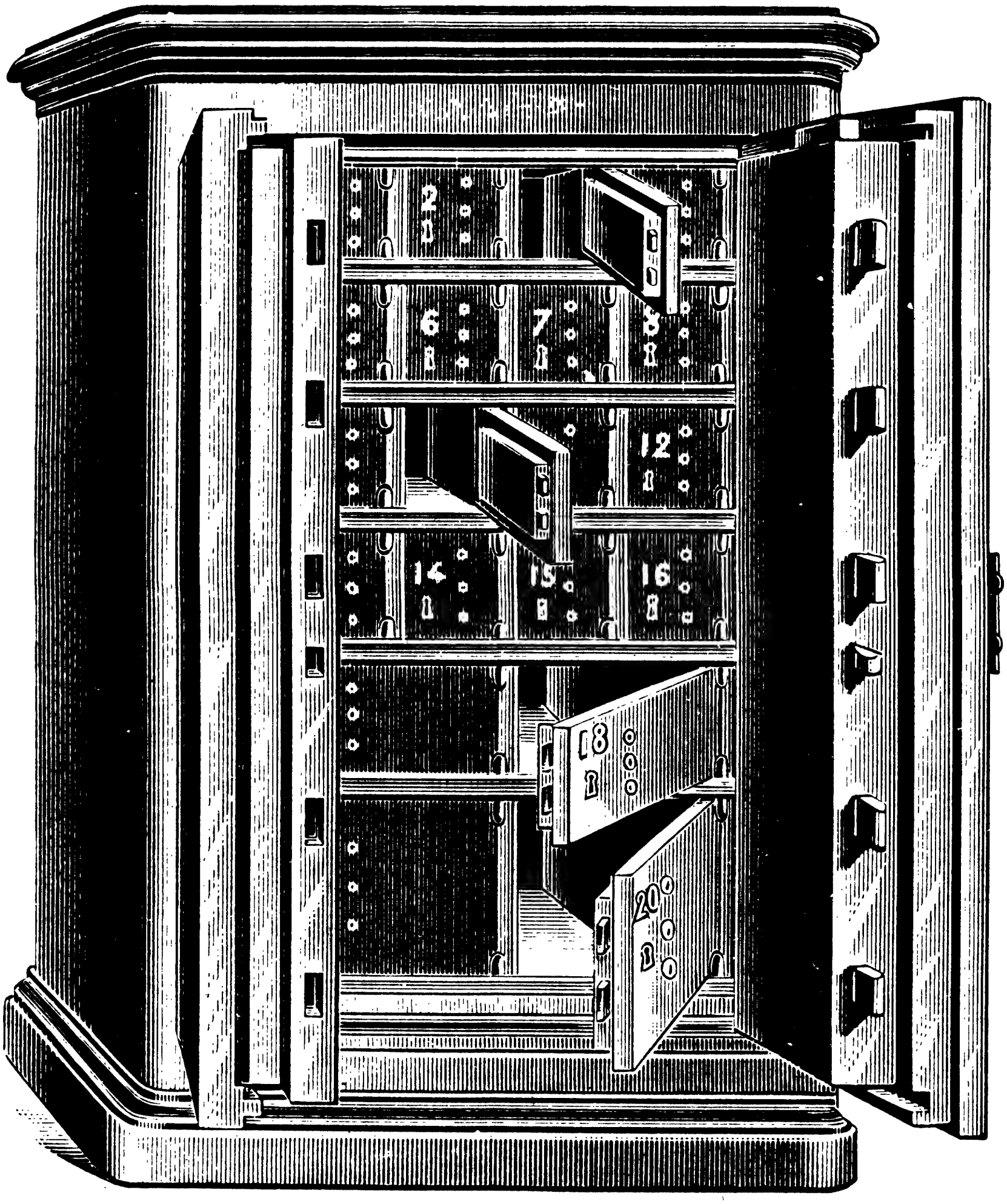
O planeamento geral do Fundo de Fomento de Exportação para o próximo ano vai ser estudado nos próximos dias 23 e 24, não só pelos directores e técnicos daquele organismo, mas também pelos delegados que o Fundo mantém no estrangeiro e por representantes dos diversos sectores económicos. Entretanto, por iniciativa da delegação em Nova Iorque do FFE, desloca-se ao nosso País um representante da firma de arquitectos Edward Durell Stone, o qual contactará os sectores de mármores e azulejos portugueses, a fim de estudar o incremento da sua utilização nas indústrias de construção dos EUA.

INSTRUÇÃO PÚBLICA

Vinte e três antigos e actuais colaboradores do ministro Veiga Simão foram agraciados com as Ordens da Benemerência e da Instrução Pública: drs. João de Almeida, Leopoldino de Almeida, Sabino Costa, Maria Ana Luz Silva, Gomes Branco, Armando Rocha, Lopes Sequeira, Silva Gonçalves, Teixeira de Matos, Almeida Carneiro, Tavares Emídio, Sousa Ventura, Bairrão Oleiro, Carlos Leónidas, Alberto Machado, Adelino Caiado, João Ataíde e Matos e Silva; profs. Lurdes Belchior, Vítor Crespo e Frausto da Silva; e o coronel Carlos Gomes Bessa.

MITRA

O ministro do Interior inaugurou o novo refeitório do Albergue Distrital de Lisboa (Mitra). Mil e seiscentas pessoas fazem daquele estabelecimento «a sua morada», pessoas (afirmou-se) «a reintegrar na sociedade.»



SUPLEMENTO LITERÁRIO

INTERVENÇÃO CRÍTICA

FERNANDO LUSO SOARES

"SOLO PARA GRAVADOR", de Isabel da Nóbrega

Do ponto de vista do seu processo literário reconheço que entre Isabel da Nóbrega autora dos contos deste *«Solo para Gravador»* e a romancista laureada de *«Viver com os Outros»* se mantém um extremo parentesco. Bem fácil é verificar porquê. Em ambas as facetas identificam-se os caracteres específicos de uma significativa semelhança.

Por um lado, detecta-se essa mesma linearidade quase ingénua (quase pura) da narrativa, a que aludiria Eduardo Prado Coelho (em «Colóquio» a propósito daquele seu romance) — mas uma linearidade fragmentada, organizada por segmentos que se conjugam e estruturam complexivamente (logo uma mon gem complexa de segmentos lineares). Por outro, um idêntico modo de recorte psicológico das suas personagens, as quais — quer enquanto monologantes quer enquanto participam em diálogos de simples conversa ou de polémica — dão libérrimo curso às correntes das suas consciências. Por outro ainda, uma análoga presença de vários enquadramentos sociais e de uma singular «casuística familiar», como aquela a que aludiu Oscar Lopes a propósito de *«Viver com os Outros»*. E, por cima de tudo isto, um fertilíssimo conhecimento material dos factos do quotidiano, de acidentes vividos, e uma notável prática cultural do nosso tempo.

Reparo, entretanto, nalgumas das palavras que vêm escritas na margem de *«Solo para Gravador»*: «A expressão narrativa de Isabel da Nóbrega diz-se aí — liga-se de preferência às *raízes tradicionais* (sublinhado meu), mas de maneira extremamente dúctil, por assim dizer serpeante, que toma das formas consagradas a sua capacidade de significar, mas que penetra, sempre tendo em vista o *fim último da comunicação* (também sublinhado meu), em processos de tipo que se poderia classificar de virtuosístico e de que o seu romance *«Viver com os Outros»* é exemplo acabado». Ora, com efeito, semelhante observação crítica parece-me exacta, como procurei analisar na sequência destas linhas.

Rejeito, evidentemente, aquela ideia bem pouco realista de Alvaro Ribeiro, nos termos da qual o teórico da «filosofia portuguesa» nos tentava ensinar (a págs. 246 de *«A Razão Animada»*) que «o conto caracteriza-se pela presença colaborante ou neutralizante de seres sobrenaturais» (sic). Os contos de Isabel da Nóbrega (que é também uma subtil e insinuante cronista) nada têm a ver com esta pretensão, que raia a metafísica e o irrealismo. Não quero afirmar que o conto não possa ter, integrados na sua estrutura, elementos adjutórios de natureza fantástica. Ainda há dias, na minha crítica da semana anterior, referia este mesmo caso, invocando uma passagem de um ensaio de Lukács — «Introdução aos Escritos Estéticos de Marx e Engels» — em que se justifica a incursão de adjuvantes fantásticos em novelas realistas. Porém, de modo nenhum isso significa que tais elementos sejam os característicos essenciais do género «conto».

Tendo como objectivo um «fim último de comunicação», os textos de *«Solo para Gravador»* — na linha antes marcada pelo romance *«Viver com os Outros»* — mostram a faceta primeira do tradicionalismo narrativo da escritora, eloquentemente, no facto de os seus textos condizerem com aquele sentido atribuído pelos dicionaristas portugueses à palavra «conto». Trata-se de significado vizinho do de «fábula», narrativa que encerra uma lição — assim no dizer, por exemplo, de Andrée Cabbré Rocha enquanto desenvolve o tema da respectiva rubrica no *«Dicionário de Literatura»* (Livraria Figueirinhas, do Porto, 1.º volume, 1969, págs. 213). Ou, melhor do que «uma lição», antes uma «comunicação» de coisas acontecidas, «uma mensagem» para outrém.

Mas o tradicionalismo narrativo de Isabel da Nóbrega — diga-se, desde já, que sem prejuízo algum da sua específica e inequívoca originalidade — liga-se verdadeiramente, em primeira linha, à sua própria expressão, ao seu modo de contar. Através da leitura dos textos de Isabel da Nóbrega uma ideia, com efeito, se nos apresenta desde logo premente. As suas personagens — isso nota-se muito mais à superfície nas que falam e enquanto falam em monólogo, nas que dizem na primeira pessoa — constituem uma corrente de consciência no completo sentido do tempo. Uma corrente que nos comunica e informa.

Até aqui, porém, não há nem deixa de haver uma feição tradicional da narrativa. O problema põe-se, a meu ver, quando essa tal corrente de consciência desenha o tempo dos factos e das situações humanas a que se refere. Deixem-me, entretanto, abrir um pequeno parêntisis para assinalar uma «diferença» entre o romance *«Viver com os Outros»* e o livro de que agora ensaio o comentário.

Recordo que na entrada de *«Viver com os Outros»* Isabel da Nóbrega reproduzia uma passagem de *«Corte na Aldeia»*, de Rodrigues Lobo: «Tenho para mim que aquela (a forma dialogal) é a melhor escritura que, com mais perfeição e viveza/imita a prática e conversação dentre os amigos». Mas este seu romance, sabe-o bem o leitor, representava já uma alternância entre fragmentos de diálogo e fragmentos mais ou menos extensos de monólogos ou reflexões interiores. Uma alternância, pois, entre a directa comunicação com os outros e a locubração sobre um modo de ser e de estar individualizado (ainda que naturalmente, como não poderia deixar de suceder, localizável só com relação aos outros). Desta forma, alinhavam no romance de Isabel da Nóbrega dois tipos de declaração — a de uma relação dialógica «eu-tu» (ou «eu-vós») e a de uma relação monológica («eu falando de mim, de ti ou de vós», mas sozinho, comigo mesmo).

Entretanto, eis a diferença: — em *«Solo para Gravador»* esses dois tipos, que conviviam alternados no romance, separaram-se. Uns textos, formalmente, constituem agora um só monólogo (por exemplo «Uma Grafonola na Selva»); outros um diálogo (por exemplo «A Palavra») — mesmo assim estes últimos com uma particularidade que os distingue dos de *«Viver com os Outros»*. Nos contos dialógicos deste último livro o autor está presente, narra, estabelecendo-se uma relação tríplice (narrador ou *intermediário*, dialogante-protagonista e dialogante-antagonista), o que não acontecia no romance referido, onde só existiam dialogantes (ausência absoluta do romancista como dador da história).

Quando há pouco concordava com a tese de que é linear o tipo de narrativa de Isabel da Nóbrega, corria o risco de um mal-entendido. Decerto que falei também em segmentação, mas agora vou explicar-me melhor.

As personagens da contista de *«Solo para Gravador»* não

Isabel da Nóbrega

representam, como o relógio, uma sucessão cronológica, irreversível, de momentos temporais. Essa, sim, seria uma linearidade elementar. Tanto as das narrativas de tipo monologal, como as de tipo dialogal, as personagens não deixam de ser aquilo a que se poderá chamar (como aliás parece próprio da verdadeira ficção) as pessoas ou os sujeitos de um tempo não cronológico. Isto quer dizer que cada um dos seus momentos contém um núcleo de momentos anteriores, ou até futuros. Daí, quero crer, provém todo o pendor introspectivo (mais do que autocrítico)e memorialístico das figuras feitas nascer por Isabel da Nóbrega. Lendo já o seu belo romance *«Viver com os Outros»*, ou lendo agora as ficções curtas de *«Solo para Gravador»*, recordamos irrecusavelmente aquela asserção de uma modernidade muito própria da novelística dos nossos dias e que Virgínia Wolf caracterizava assim: — a personagem duma história bem contada vale sempre «a discrepância entre o tempo *no* relógio e o tempo *na* mente do homem». O presente envela-se a cada instante no passado. Em Isabel da Nóbrega, mesmo nos textos dialogais, mas muito mais ainda nos que representam a fala pessoalíssima da personagem como primeira pessoa, encontramos a evocação constante de situações passadas, um sentido pendular que extremamente paraleliza o monólogo com os tempos nele reflectidos pela memória.

Quanto a mim elejo como mais selectos (já isso me aconteceu na leitura do romance desta notável ficcionista) todos os contos (todos os textos ou fragmentos de textos) que se constituem em forma de monólogo. No que respeita ao seu último livro, desde logo virá à cabeça aquele que deu o título ao volume, «Solo para Gravador» (a págs. 11). Depois «Uma, duas, três» (a págs. 33), «Uma Grafonola na Selva» (págs. 55), «Colagem» (págs. 69), «O Agente» (págs. 89), «O Sexto Pecado Mortal» (págs. 99) e por fim «Já não há Salomão» (págs. 141).

Apesar de não pertencer ao número daqueles que atribuem grande mérito aos apuramentos contabilísticos ou de frequência estatística com significado relevante para uma crítica literária, sempre no entanto notarei que, sendo os contos deste livro ao todo treze, se verifica o facto de os textos monologais excederem os cinquenta por cento do volume total. Haverá portanto (ou talvez) em Isabel da Nóbrega uma aqui manifesta tendência para os acontecimentos serem vistos consoante a óptica da própria personagem. Isto significa, a meu ver, mais do que a simples consequência de um processo psicologista que se professa. Vale antes uma propensão para se revelarem as coisas através duma narração tão próxima, quanto possível, do fluxo consciencial.

Não estou, com isto, a atribuir menos qualidade literária (mas sim menor importância de comunicação) aos textos onde a personagem sofre o distanciamento de um factor intermediário de narração. São eles os contos intitulados «A Palavra» (a págs. 49), «A Linha Infinita» (págs. 63), «Olhar por fora, de longe» (págs. 79), «Tempo de Lilazes» (págs. 111), «A Dívida» (págs. 125) e «Ferida» (págs. 135). «A Palavra» é mesmo um conto subtilíssimo, onde os vocábulos da «posse usual» de uma pessoa, ultrapassam a sua natureza de signos enquanto unidades individualizadas, para adquirirem o valor de símbolos de uma outra posse (a «posse física e espiritual» da possuidora habitual dessas palavras, por um outro alguém que delas se apropriou). «Tempo de Lilazes», por outro lado, comove como exemplo duma extrema simplicidade. E isso acontece de um modo geral com todos os textos deste livro, produtor sereno de emoções e provocador subtil de catarse. Porém, estou só a pretender que Isabel da Nóbrega convence mais, do ponto de vista do realismo típico (curioso mas só aparente absurdo, este) enquanto, na voz monologal da primeira pessoa dá largas a que a consciência da personagem se manifeste e se nos comunique na sua actualidade imediata. E complexa. O seu *acto presente*, insisto por outras palavras, abarca mais fundo múltiplos instantes do passado. Parece que acabo de concluir, no que concerne a Isabel da Nóbrega, por uma tese oposta (diferente) daquela que ela inscreveu, pela transcrição de Rodrigues Lobo, no frontispício do seu romance.

Mas onde está, então, o tradicionalismo do seu processo?

. A meu ver ele reside na circunstância de a recuperação do passado em Isabel da Nóbrega ser operada (continuar a ser operada) por meio de uma *confrontação* dele com o presente. Nos contos de *«Solo para Gravador»* o passado não se funde com o presente. Não se dissolve nele. Por isso, o papel da memória das personagens é sempre o de despertar alguém do seu descanso. Por isso a contista evoca, agora no limiar deste seu último livro, aquela bela frase de Irene Lisboa: «...surpreendo-me a achar o mundo generoso, a lembrar-me de outra gente (e eu permito-me acrescentar, ou de nós próprios noutro tempo que já foi e passou), de pessoas descansadas na minha memória...»

. São, por exemplo, casos de uma memória que desperta: «Solo para Gravador», «Tempo de Lilazes», «A Dívida» e «Ferida». Em todos estes contos, aliás como nos restantes, se bem que talvez menos acentuadamente, o passado vem até ao presente para sofrer um confronto com este. O tempo é irreversível, como categoria dos seres; mas a memória é evocativa, recupera e contrapõe. Vem assim o passado como imagem distinta, delimitada, insolúvel. Eis aqui o tradicional do modo de contar de Isabel da Nóbrga. Mas porquê?

. Porque nela não se operou a radicalização da ficção realista-psicológica do século passado, e dos alvores deste, ao ponto de chegar à plena interdependência entre o tema e a dissolução da cronologia, entre o enredo e a carência de motivação causal. Em Isabel da Nóbrega o enredo mantém-se. A personalidade também. Na autora de *«Solo para Gravador»* a cronologia não se dissolve, repito. Os retrocessos temporais, que se dão nos seus textos de ficção, têm algo do «flash back» do cinema, o recurso ao passado como passado. Diferente atitude, portanto, daquela outra que poderá ter por paradigma o processo dissolvente de *«O Ano Passado em Marienbad»*, onde o tecido das associações (do passado e do presente) solve e mistura fragmentos actuais de pessoas ou de objectos presentes, como fragmentos passados de objectos ou pessoas ausentes.

Em Isabel da Nóbrega não acontece assim — e ainda bem. O tempo (passado) é mesmo irreversível. E inconfundível. Eis-me com um tradicionalismo, talvez perturbador de muita gente que se julga actualista e progressista, mas que no final de contas cai numa «química mental» muito ao sabor do psicologismo burguês contemporâneo.

A ESCOLA SUPERIOR DE MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

INICIA O 3.º ANO DOS SEUS CURSOS SUPERIORES DE **JORNALISMO** E DE **PUBLICIDADE E RELAÇÕES PÚBLICAS**

Frequência de três anos. Horário pós-laboral. Inscrição com o 7.º ano dos liceus (qualquer alínea) ou equivalente. Os alunos beneficiam de todas as regalias inerentes à classificação oficial de ensino superior particular. Possibilidade única de ingresso em bases científicas numa profissão de futuro.

Inscrições e informações:

Rua das Praças, 47 — Rua do Sacramento à Lapa, 16

Telefones 67 63 95 — 67 37 66

SITUAÇÃO DO TEATRO EM PORTUGAL

CARLOS PORTO

O esquema que define a situação actual do nosso teatro é extremamente, dolorosamente simples. Somos aqui cerca de nove milhões de pessoas, das quais um pouco menos de dois milhões vivem nas zonas dominadas pelas duas principais cidades (Lisboa, Porto).

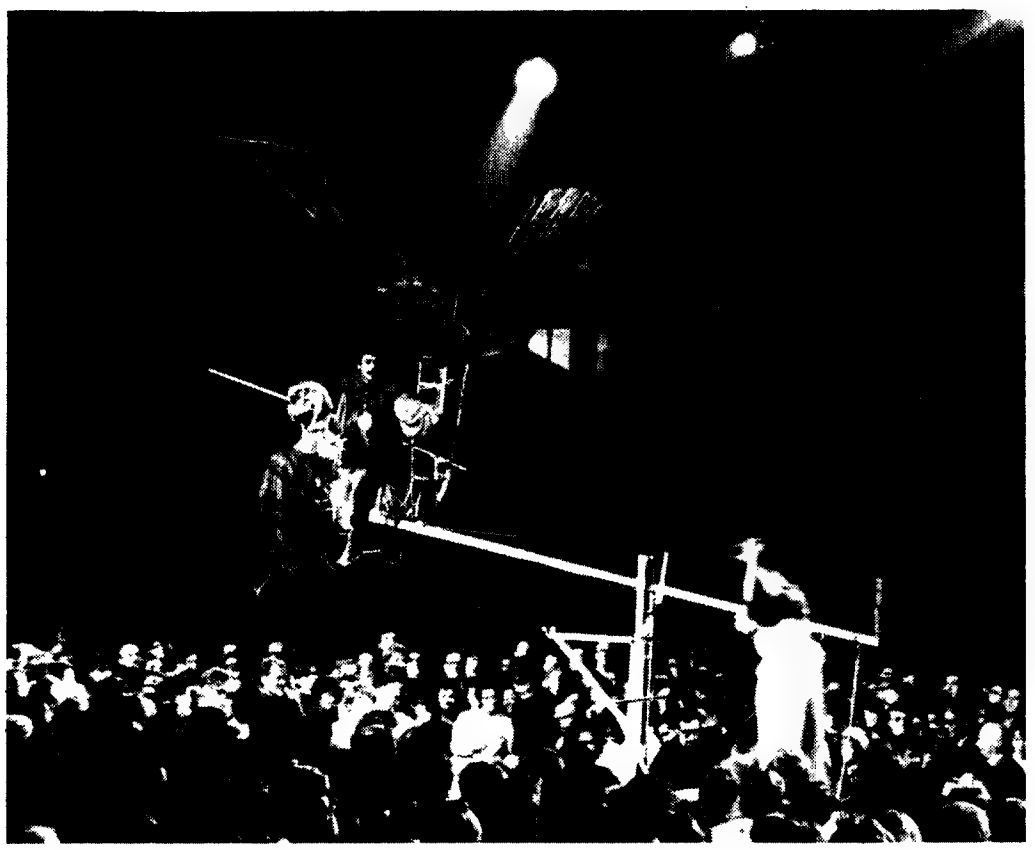
Que teatro temos? Basta pegar nos jornais (estamos em meados de Outubro). Em Lisboa; dois espectáculos de teatro (dito) declamado; dois espectáculos de revista; três espectáculos de **boulevard**. No Porto, um espectáculo de teatro declamado; um espectáculo de teatro de **boulevard** (*). Temos, ainda, em Lisboa dois espectáculos de grupos independentes (com sessões não diárias): «Comuna» e «Dona Lídia».

Além disso, uma outra revista está na forja; fala-se que vão surgir duas novas companhias para fazer teatro declamado; não se sabe exactamente o que se passa com a Companhia do Teatro Nacional (a nossa primeira companhia, como o nome indica) mas supõe-se que voltará a ocupar — de Dezembro a Março?! — o Teatro da Trindade. É curioso que, em contrapartida, já sabemos que o «Théâtre National Populaire» irá a Paris em Abril de 1974 e já sabemos quais as peças que vai apresentar. Aliás do teatro francês, como do italiano ou do inglês, sabemos muitas coisas...

Os Bonecreiros preparam outra peça. Não digo que outros grupos independentes não surjam, entretanto. E não esqueçamos que o Teatro Experimental de Cascais voltará um dia destes. E que a Casa da Comédia alguma coisa fará, além de reposições.

Se fizermos as contas, verificaremos que temos (ou iremos ter) à volta de 17 companhias, algumas das quais a funcionar intermitentemente (com um ou dois espectáculos por ano). Para uma população de nove milhões, mas concentradas numa superfície de algumas dezenas de quilómetros.

Uma outra estatística publicada há dias neste mesmo jornal, é, aliás, elucidativa: Em 1970, houve em Portugal 66 espectáculos de teatro; em 1971, houve 48 espectáculos; em 1972, houve 46 espectáculos. Progressos evidentes, como se pode ver.



O Teatro: o poder da imaginação («Orlando Furioso», encenação de Luca Ronconi).

Não esqueçamos os amadores. Quantos grupos haverá a trabalhar, mesmo que se limitem a apresentar um espectáculo por ano? Dez? Cinquenta? Sejamos optimistas: cinquenta (nem pensar, é claro). Na Suécia (menos de oito milhões de habitantes) há duzentos.

São vários os obstáculos que se opõem a uma maior expansão de Teatro Amador. Entre eles, a falta de um órgão que promova e coordene iniciativas que dinamizem esse movimento. Está pedida há mais de dois anos a aprovação dos Estatutos da Asssociação Portuguesa de Teatro Amador — sem resultado. Recentemente, em contacto com elementos da Associação Internacional de Teatro Amador (garante-se que não é uma organização subversiva) aqueles lamentavam a ausência de Portugal no V Festival Mundial de Teatro Amador. Ora, a Associação é indispensável para possibilitar essa participação.

Tal como existe, mobilizando um determinado número de artistas e de técnicos — que teatro é este? A quem se destina?

Peguemos num exemplo: em 1970, houve 748 000 espectadores para o teatro declamado (não esqueçamos que o número de espectadores reais é muito menor porque em muitos casos um espectador vê vários espectáculos por ano). Desses 748 000, cerca de 300 000 foram absorvidos pelo «Vison Voador», espectáculo típico de um teatro que serve o empresário e os artistas que com ele colaboram, e nada tem a ver com o teatro tal como qualquer pessoa minimamente informada exige.

Estes números foram retirados de um trabalho feito há tempo por um grupo de intervenientes do teatro português (do qual o signatário fazia parte), sem o qual, aliás, este apontamento não seria possível. Vejamos ainda o que se diz nesse documento:

Existem em Portugal Continental cerca de 320 salas aptas ao funcionamento de teatro (16 teatros mais cerca de 300 cine-teatros, assim designados por se dedicarem normalmente à exibição de filmes).

Funcionam como teatro, em cada ano, em média, menos de um terço do número de salas aptas para tal. (Nos últimos anos este número baixou para um quarto).

Cada uma das salas aptas ao funcionamento de teatro exibiu anualmente, em média, 30 sessões.

Dos 16 teatros existentes no país, 13 situam-se em Lisboa, 2 no Porto e 1 em Cascais.

Em Portugal Continental existiam em 1960, 120 concelhos sem uma única casa de espectáculos (do Relatório e Contas da U.G.E. de 1960).

O número médio de sessões com espectáculos teatrais foi, em cada dia, de 8, sendo, em média, entre 6 e 7 em Lisboa e entre 1 e 2 no restó do País.

Houve, em média, diariamente, uma sessão de teatro por cada 1 000 000 de habitantes.

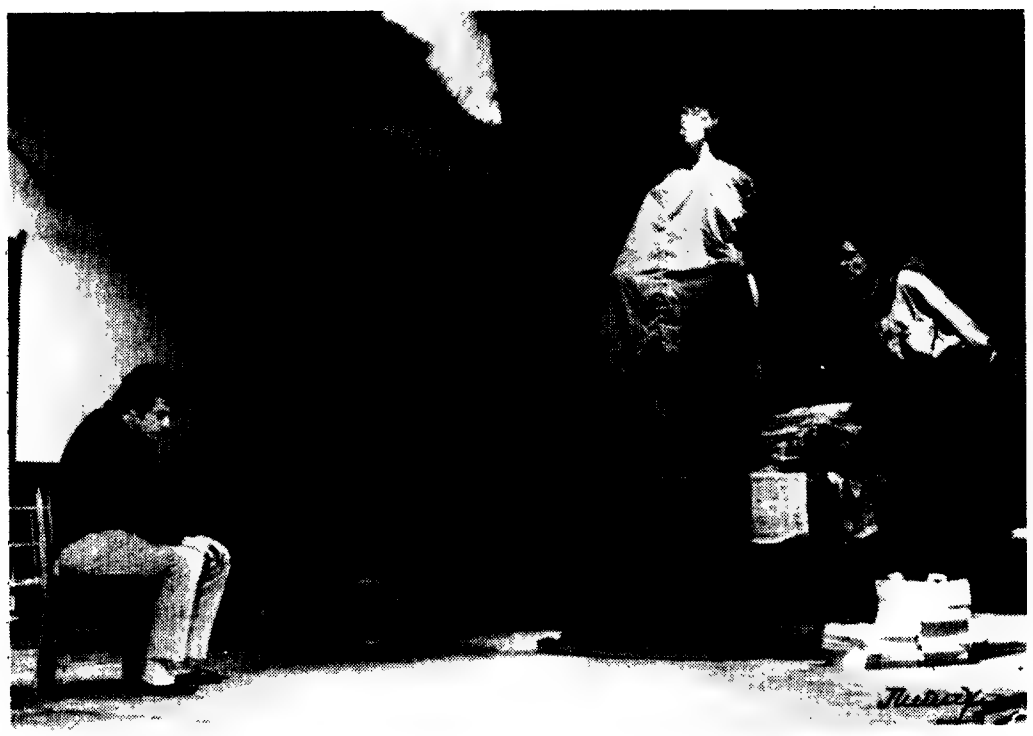
Em Lisboa, em cada dia, em média, um espectáculo de teatro por cada 143 000 habitantes e, no resto do País, um por cada 5 385 000 habitantes.

Diz-se que o teatro é um espelho fiel da situação da sociedade em que se integra (das sua debilidades ou da sua força). Não esqueçamos que a inversa também é verdadeira: uma sociedade reflecte (e padece) as debilidades do teatro capaz de catalisar, ou não, as suas tensões. O que se passa em Portugal? O teatro não interessa ao povo português? Não temos gente capaz de fazer teatro com um mínimo de qualidade? Quais as causas do desinteresse? E quais as consequências?

Para além de razões de ordem mais estritamente política, que aliás me limito a aflorar, o teatro depende de forças económicas, sociológicas, psicológicas que podem construir ou destruir o **espaço** em que deverá realizar-se. Só uma psicose de medo, fruto de um movimento de defesa explicável talvez por razões psicanalíticas que me escapam, pode justificar a suspeição com que o teatro é visto. Porque o teatro sendo, embora, capaz de mobilizar consciências, capaz de contribuir para a desalienação do homem, capaz até de criar movimentos contestatários, aliás, de diminuta potência, não é capaz de criar situações de rebeldia, já nem digo situações revolucionárias.

Levada a tais extremos, tem como conse-

Continua na pagina quatro



Um espectáculo morto no ovo («Noite de Assassinos», no TEC)

ESPIRAL

há palavras que o vento não leva...

O Disco Falado, da Sassetti, é sempre uma presença viva de cultura, de informação, de diálogo.
Do interesse das entrevistas a grandes homens da cultura, às gravações das grandes peças da oratória portuguesa.
Da mensagem poética à dimensão dos nossos dias, à actualidade e urgência de interessantes mesas redondas.

colecção textos literários
em lancamento:
discursos parlamentares
de ALMEIDA GARRET
textos ditos por
Fernando Gusmão

Sassetti DISCO FALADO
à venda nas livrarias e discotecas

SITUAÇÃO DO TEATRO EM PORTUGAL

Continuação da pagina três

quência imediata não apenas a **incompreensão** perante a multiplicidade de opções de que os grupos deviam dispor em relação aos textos, mas também a má vontade manifestada no que se refere à necessidade, imprescindível, de criar condições económicas capazes de permitir a sua expansão, de alimentar as raízes débeis que o prendem ao solo do nosso quotidiano.

Exemplo: o Teatro Municipal de Paris (Théâtre de la Ville) recebeu em 1971 um subsídio da ordem dos vinte e sete mil contos. Em Portugal, na época de 1969/70 foram concedios pelo Fundo de Teatro subsídios que atingiram pouco mais de quatro mil contos ou seja mais ou menos um sétimo do que recebe uma única companhia francesa.

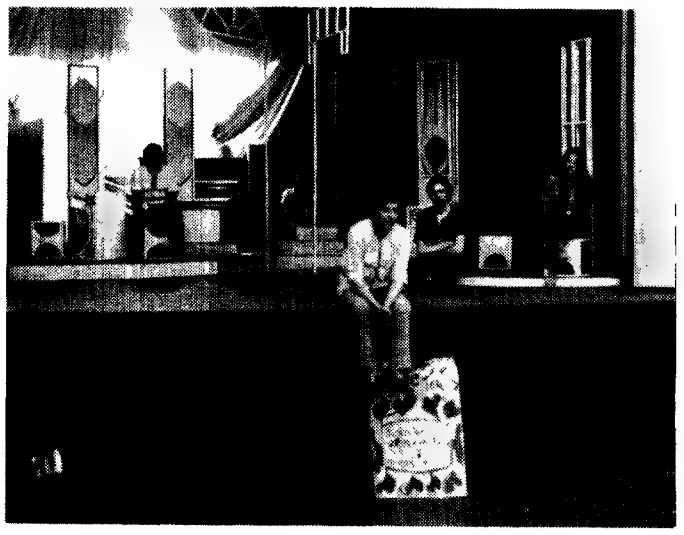
Além disso, como foram distribuídos esses dinheiros? Estranhamente, lê-se: Vasco Morgado (Monumental) 450 000$00: Vasco Morgado (Sá da Bandeira) — 180 000$00. Se pensarmos no tipo de teatro normalmente produzido por aquele empresário, essas importâncias, mesmo diminutas, não poderão deixar de causar engulhos. Sendo terrivelmente insuficientes e mal distribuídos, os subsídios do Fundo do Teatro continuam ainda por cima, para manter o estado caótico em que vive o nosso teatro.

Não há nenhuma companhia, por maior que seja a boa vontade dos seus responsáveis, que resista às incertezas da concessão dos subsídios e ao destempo da sua distribuição. Resultado: o permanente caos em que vivemos. Se uma companhia sabe a tempo e horas — e isso pode significar com um ano de antecedência — as receitas de que vai dispor, pode fazer a sua programação de fora a criar um regime de assinatura, tal como se usa lá fora, com óptimos resultados (e o que acontece cá dentro com a música).

Quaisquer medidas que, entretanto, tenham sido tomadas não podem compensar os prejuízos causados por esta falta de visão. O que aqui se diz do Fundo do Teatro aplica-se igualmente à Fundação Gulbenkian que, pelos vistos, padece dos mesmos complexos em relação ao teatro (basta comparar as verbas Teatro e Múica, esta logicamente beneficiada já que é o ópio da burguesia, como diz um amigo).

Reduzida a hipótese de aprendizagem das técnicas teatrais a um único Conservatório (só recentemente, aliás, objecto de uma reforma depois de dezenas de anos em que não passou de verbo de encher); impedidos os jovens de se interessarem pelo teatro cujo acesso lhes é coarctado por classificações abusivas; boicotadas as potencialidades criativas dos portugueses no que se refere à produção de textos dramáticos que normalmente estiolam nas gavetas ou nas páginas impressas; negado o conhecimento de grande parte da dramaturgia moderna contemporânea; não dispondo de actores em número suficiente e sendo muito poucos os que estão à altura de interpretar as grandes personagens do Teatro (se se pensa em fazer um Shakespeare surge logo a pergunta: e actores? Está-se a ver o ridículo da situação?) Nem de encenadores (como os não há, vai-se ali à Espanha buscar os que lá há de menos bons!) — o teatro que por cá vai havendo, à custa da tenacidade dos que não estão dispostos a desistir, (2) é apenas um parco oásis ao qual tem acesso os privilegiados, um oásis num deserto que muito se assemelha ao de certas aldeias de onde toda a gente, excepto os velhos, emigrou! Casas a ruir, campos cobertos de urtigas, a terra estéril.

Para repovoar o deserto outras forças se levantarão.



Um espectáculo possível («Histórias para serem contadas», pelos Modestos, do Porto).

O Teatro: a festa («1973», encenação de Ariane Mnouchkine)

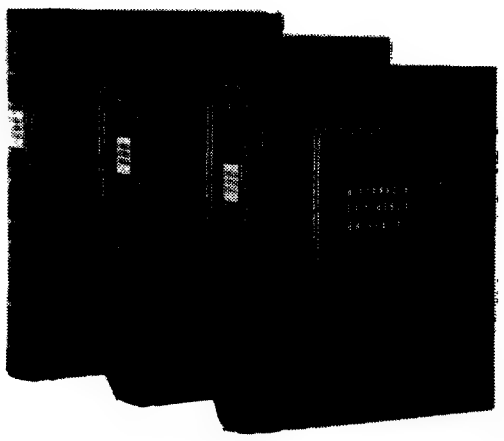
(1) Teatro ABC, Teatro Maria Vitória, Teatro Variedades, Teatro Villaret, Teatro Vasco Santana, Teatro Laura Alves.
(2) Saudemos, uma vez mais o esforço de grupos como Os Bonecreiros, Comuna, agora o «Cornucópia», Teatro-Estúdio de Lisboa, Teatro Experimental de Cascais e Teatro Experimental do Porto. E, no campo amador, o Atlético Clube de Campolide, símbolo dos grupos amadores que lutam ainda e sempre. São eles que justificam estes apontamentos. A eles são dedicados.

CARLOS PORTO

acaba de sair o

DICIONÁRIO DA PINTURA PORTUGUESA

3° volume do DICIONÁRIO DA PINTURA UNIVERSAL



Planeado e organizado por

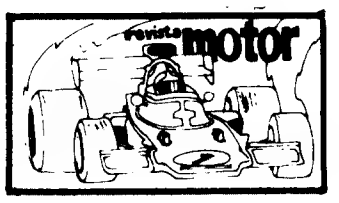
MÁRIO TAVARES CHICÓ
ARMANDO VIEIRA SANTOS
JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

A primeira grande síntese da história da Pintura Portuguesa e dos seus problemas em centenas de artigos biográficos, assim como sobre épocas movimentos, estilos, géneros, artes afins, colecções, museus

CENTENAS DE REPRODUÇÕES A CORES E A PRETO NUMA NOTÁVEL APRESENTAÇÃO GRÁFICA

PEDIDOS A

editorial estúdios cor
RUA JOÃO PEREIRA DA ROSA 20-A LISBOA
TELEF. 328889-362146



ARTIGOS ESCOLARES

BRINDES

DE 15 DE SETEMBRO A 31 DE OUTUBRO

COMBOIOS ELÉCTRICOS E ACESSÓRIOS PARA OS MESMOS

DISCOS 45 r. p. m. e 33 r. p. m.

Por cada 50$00 de compras recebe uma senha Brinde de 1 PONTO.

Junte as senhas necessárias para perfazer a pontuação marcada nos artigos em exposição nas nossas montras.

ATENÇÃO: OS Livros Escolares não têm direito aos Brindes

10 % DE DESCONTO EM TODOS OS ARTIGOS ESCOLARES EXCEPTO EM LIVROS

PAPELARIAS EMÍLIO BRAGA

RUA DA MADALENA, 40 a 44
AVENIDA DE ROMA, 10-E

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 11-C
AVENIDA DUQUE DE LOULÉ, 49

ANTUNES DA SILVA: "ELABORO OS MEUS LIVROS AO SABOR DO TEMPO"

Antunes da Silva é autor de livros como «Vila Adormecida», «Sam Jacinto», «Canções do Vento», «O Amigo das Tempestades», «Suão», «Terra do Nossa Pão», «Alentejo é sangue», «Uma Pinga de Chuva» e, há pouco, publicou um novo volume de poesia que intitulou «Rio Degebe». Alentejano, nunca lhe deu para olvidar os problemas da planície, fundo e fulcro da sua obra.

Alguns dos seus livros foram editados no estrangeiro.

__ Como vê a situação do escritor no nosso tempo?

__ Como um homem curioso a olhar avidamente para o mapa de uma grande geografia humana, ou para a margem do rio onde nem toda a água de jorra é corrente e pura. Penso que o escritor humanista em Portugal, é um tipo mais ou menos **maldito**, para alguns, com medo de lhes perturbarem a sesta, mas para outras pessoas, uma espécie de curandeiro de almas. Pertence a uma destas faunas desprotegidas da sorte, aqui onde determinadas criaturas que parecem caranguejos gordos, olham com desconfiança...

Embora os escritores lusitanos tenham novamente uma Associação própria, arrancada a ferros, diga-se de passagem, eles medem a sua responsabilidade com evidente empenho e boa ética, e numa situação ao mesmo tempo ambígua, pois bem poucos podem dedicar a um mister em que, para além de todo o tempo disponível, se necessita de apoio e plena liberdade de criação, portanto, viver e pensar. Ser escritor chega a ser arriscado, quase escandaloso, que julgam? Há alguma gente, geralmente os pavões-de-asa-curta, que lhe inveja a arte pública e o persegue por qualquer motivo sem importância, digamos, mesmo, por má-fé. E a verdade é esta: escrever livros não é o mesmo que redigir relatórios para a alta finança, ou vender metais ou fios eléctricos para a construção, ou ser demasiado-zeloso-chefe-de-um departamento-de-contabilidade na Brandoa ou Sacavém por exemplo, tarefas que se fazem e bastante meritórias, em certos casos, confesso, mas sem a sombra da importância de quem anda a desvendar paisagens virgens, numa ânsia perturbadora e desgastante, reinventando o mundo da angústia e da alegria e transfigurando as palavras como motivo de arte, pondo em jogo, todos os dias, já não digo propriamente a memória, ou a sua vontade absoluta de ser útil à sociedade onde vive __ mas o coração e a própria vida. __ E Antunes da Silva adianta:

Repare que muitos senhores do comércio e da indústria, gostam de glosar tabelas e números e não apreciam, no fundo, que o escritor singre ao seu lado, não lhes vá pedir alguma coisa que têm a mais, ou obscurecer algum prestígio de circunstância que ostentam pomposamente no reduzido meio onde actuam discricionariamente, ou ainda não venha a casar a filha mais velha, que não há meio de arranjar namoro, com o peralvilho dado às letras e sem um chavo na algibeira... Têm tanto receio ou mais do escritor como dos ratos de automóveis, pois pensam-o numa pessoa activista, de metralhadora em punho, a caçar bruxas, capaz de lhes fotografar, sabe-se lá, as almas endurecidas ou desmarcar os imbróglios __ de lhes pôr, em suma, máscaras bem ajustadas na face.

É a grande luta que travam os homens-de-letras-infelizmente-empregados: não dar tréguas à injustiça e à ganância, pesquisar a verdade, denunciar os campeões-da-impunidade, não consentir que rebaixem ou confundam a arte literária.

__ Considera-se um escritor comprometido?

. __ Sim, senhor! Com o povo e os seus problemas e o Alentejo com a sua abundância enterrada por consulados de negligência e abandono, que geram, nas camadas mais lúcidas da colectividade, ondas de protesto que se levantam em toda a banda. Tenho, sim senhor, a minha paixão devotada a esses princípios que comandam a minha sensibilidade e que no fundo são uma das razões superiores da existência, tal como um bom juiz gosta de se basear honradamente nas leis, ou um pastor se entretêm a construir objectos de artesanato, que às vezes são pequenas obras-primas. Uma coisa tão natural, como ser-se vivo.

__ Como elabora os seus livros de prosa?

. __ A gente pensa, não é? Pensa o quê? Tanta coisa! Se o custo da vida sobe tão alto e os salários são mais ou menos os mesmos, e certas empresas ganhando rios de dinheiro não querem dar nada, o que vamos decidir? Como vamos actuar? Quem tenha um viço de alma a agitar-lhe os nervos, pensa também na vida que aí vai: a violência perfilhada por cardumes de galuchos foliões, a cor da uva no quintal do vizinho, as manobras da bolsa, as lanternas da lisonja à espreita dos caminhos destroçados onde possam profilerar à valentona os pindéricos e os bufos, os meandros da política, a esperteza saloia de certos tartufos e bimbos a chatearem a paciência da malta. E também a Natureza e os homens bons e generosos que habitam esta Nação cansada...

Elaboro os meus livros ao sabor do tempo, meu Amigo, como um agricultor que espera que a passagem dos meses lhe dê o fruto da semente que lançou à terra. Às vezes não deixo joeirar o cereal e falo daquilo que imediatamente sinto mais ao pé de tantas au-

Antunes da Silva

sências forçadas e arquitecto as histórias o melhor que sei, sem desculpas disto ou daquilo, é assim, foi assim, já está! Tomara eu ter tempo para ver até que ponto o meu **patrão** não julgue sou p'raí um malfeitor disfarçado de andorinha e detentor de mísseis contra avionetas e não me lixe mais a vida com que tem lixado, continuando a explorar o trabalho intelectual que lhe vendo há tantos anos e dando-me um irrisório vencimento, pouco mais que o de um contínuo de casa bancária... Porque não me vou embora? Hoje, que o reumático me vai tolhendo e a carne me foi tão chupada? Já é tarde, aguardo a reforma...

__ E a poesia? É um espontâneo ou um reflexivo?

__ Parece que me **sai** (sem armar em filisteu, hã!) espontâneamente. Posso estar muito tempo sem compor versos, que a sede não é muita neste sector da minha alegria zangada, mas de repente toca-me a veia, se veia é, e catrapumba! aí vai fazenda, ponho-me a conjurar que o mundo é nosso, que o Alentejo é que é, que tudo é puro à face da terra, que os troca-tintas e os paspalhões andam a vencer o 1.º **round** da batalha, etecetra e tal. Isto de poesia são favas contadas, pá, e muito atreitas a modas. Mal comparado, parecem-me concursos de jogos florais, onde os juris premeiam os amigos e não lêem os trabalhos dos outros que não são amigos. Isto por causa das modas que, como se sabe, têm os seus quês, nascem de meras e fortuitas necessidades criadoras ou acidentais, dos caprichos de certos tunantes imaginativos e tesos e ao mesmo tempo preguiçosos, que têm a mania da originalidade sem se incomodarem. Em poesia, então, pasma-se. A gente põe-se no bico dos sapatos e vá lá entender as habilidades todas juntas dos patrões literários deste país!... Antigamente escrevia-se prosa à moda de Zola, Balzac, Eça, Camilo, Fialho, etc. __ e poesia à moda de Camões, Nicolau Tolentiho, Bocage, Antero, Torga, Régio e outros, uns parvalhões que por cá andaram e andam a fazer o pão caro, não é? Mas a linguagem, por via da sociedade de consumo, e doutras coisas mais, modificou-se. Tá certo. Foge-se à monotonia.

Escreveram aí que temos ressaltos lorquianos neste livro «Rio Degebe» que saiu há poucos dias. Tomara eu!, apesar de nunca ter tido ocasião de ler o grande Lorca, cidadão e artista, é a novidade que dou, peço desculpa a vocelências do desmazelo e da ignorância, mas eu fujo de ler espanhol, não por antipatia da saborosa língua vizinha (basta-me a Universidade de Badajoz estar a ensinar portugueses por causa de não haver autêntica Universidade no Alentejo) mas naturalmente relaxo de deontologia literária. E um amigo meu, barbudo-asseado e compadre da ponta-da-unha, alevantou-se a mão uma tarde destas, porfiado na sua loquaz compostura cívica, dizendo-me mais ou menos esta: «... é um narrador, o bicho, a sua genuidade é narrador...» (O bicho é meu, a genuidade é dele). Fica-se uma pessoa a trincar torresmos insonsos, com alguns tormentos e engulhos de fé na coisa pública e... que vamos pensar? Não! A toda a obra literária que falte humanidade e sobre complicadas metafísicas, e enjeito uma noção inteligente de entendimento, as pessoas avisadas já torcem o nariz, batem o pé e não vão nisso! Mas é lá com eles, a vida anda tão às avessas...

__ Que pensa da crítica?

__ Nem sei, pelos vendavais que por aí sopram, de mistura com muita subserviência encoberta. Vê-se tanta coisa..., escolas literárias que se afrontam, mofas díspares que se entretêm a cultivar rescaldos de epopeias neutras, a devassar cruelmente a condição alheia, que as pessoas nem fazem ideia. Críticos existem que apanham as páginas literárias todas do reino-da-pouca-sorte, com denodado espírito de aventura. «Uma autêntica Mafia» __ assim diz o meu compadre Eduardo Olímpio __ e diz bem! É verdade __ é uma Mafia!

. A sério __ penso bem da crítica feita por Mário do Sacramento, Mário Castrim, Óscar Lopes, Júlio Conrado, Jofre Nogueira, entre tantos outros homens honrados que souberam ou sabem que o pensamento é fruto da vida e o trabalho dos outros nunca deve ser desrespeitado, quando feito com dignidade mental.

__ Que mais desejaria para o seu Alentejo, aquele Alentejo que dá pujantemente nos seus livros?

. __ Muita coisa, um mundo de reinvindicações necessárias. Nem calcula. Esta resposta desejaria eu dá-la quando escrevesse um novo volume sobre os meus agros. Se escrever... E sabe porque não respondo melhor à sua pergunta? Porque me aborrece pensar que os Alentejanos almejam tanta coisa que lhes não dão e aspiram a tantos sonhos que se logram, de modo que, se bem que. Contos largos... Até logo, já venho, se não ainda tenho de fazer alguma multa calada, sem direito a canção...

__ Livro ou livros a publicar em seguida?

. __ Nem aí nem ui, a tal respeito __ lembre-se que sou um contador de histórias marginal, numa babilónia destas, em que todos andam a ver se safam a onça. Sabe-se lá o dia de amanhã... Agora, sempre o informo, irá sair nova edição de SUÃO, refundida, no «Círculo dos Leitores». Já me pagaram a **cabazada de massa**, em cheque e tudo, veja bem o mimo e a editora que fez a 3.ª edição agarando-se legitimamente às bases de um contrato que assinei, recebeu metade do estipêndio... sem escrever livro nenhum. Mas negócios são negócios e o resto... o resto?

No interesse de todos,
os nossos comboios
têm de partir à tabela.
Adquira os seus bilhetes com antecipação
nas estações de Lisboa
(Rossio e Sta. Apolónia),
Porto (S. Bento e Campanhã),
nos Despachos Centrais
da EGT ou ainda na sua
Agência de Viagens.

Chegue cedo à estação.
Embarque sossegadamente.
A CP deseja-lhe boa viagem.

CP 164 73

Caminhos de Ferro Portugueses

LIVROS
ESCOLARES
QUADRANTE
AV. LUÍS BIVAR, 85 - C

EXTERNATOS
São Vicente
Rua Eduh Cavell, 8
Av. Chile Tel. 83 14 16
Marquês de Pombal
Rua Morais Soares, 93
Tel. 82 02 21 83 46 58
Álvares Cabral
Avenida Grão Vasco, 1
(Benfica) Tel. 70 69 74 5
PREPARATÓRIO LICEAL
COMERCIAL ADM. INSTITUTOS
ADM. UNIVERSIDADE
MANHÃ — TARDE — NOITE

Uma nova tese (discutível...) sobre a "Questão"

SÃO TOMÁS DE CANTUÁRIA NOS PAINÉIS DA VENERAÇÃO?

VÍTOR MANUEL SERRÃO

UM BREVE BALANÇO DA «QUESTÃO»...

Vai decorrer, no já próximo ano de 1982, o centenário da descoberta, numa dependência do Mosteiro lisboeta de S. Vicente de Fora, dos seis famosos painéis denominados «da Veneração», actualmente expostos, sob a discutida forma de políptico, no Museu Nacional de Arte Antiga. Obra magistral da segunda metade do século XV, os «Painéis» têm sido, durante quase um século, fonte inspiratória de historiadores sem conta, nacionais e estrangeiros, e motivo de diversas interpretações iconográficas e polémicas acesas. Quase cem anos de estudos e investigações, análises comparativas e laboratoriais, porém, não têm conseguido desvendar os principais mistérios encerráveis nesse incomparável friso de sessenta figuras, que mãos mágicas retrataram: ainda ignoramos totalmente qual o destino inicial dos seis painéis, e qual a identificação exacta do Santo diácono que se repete, venerado por todo um Povo ao centro dos painéis ditos «do Infante» e «do Arcebispo».

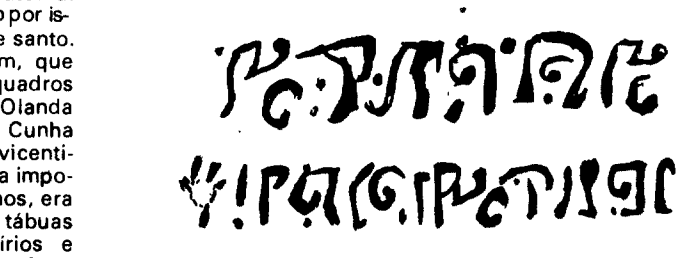
Aventava o dr. José de Figueiredo, num livro de séria análise crítica e integrativa embora («O Pintor Nuno Gonçalves», Lisboa, 1910), que os «Painéis da Veneração» se destinariam ao altar da capela de S.Vicente, na Sé Catedral de Lisboa, representando por isso uma ar oração àquele santo. Já está provado, porém, que não eram esses os quadros que Francisco de Olanda (1548) e D. Rodrigo da Cunha (1642) viram na Capela vicentina da Sé: esse altar, cuja imponência Gótica imaginamos, era formado por 13 ou 14 tábuas alusivas à vida, martírios e trasladação dos ossos do Santo padroeiro de Lisboa, série essa que se dispersou aquando da sua retirada da Sé, antes do terramoto.

José Saraiva (na obra «Os Painéis do Infante», Lisboa, 1925) e José de Bragança propunham antes que fosse a Batalha o destino dos «Painéis», que representariam uma Veneração ao Infante Santo D. Fernando, o Mártir de Fez; e Henrique Loureiro (n'«O Polí,tico do Convento de Santo Elói», Lisboa, 1927) via por outro lado, tal como anteriormente Alfredo Leal («Os Painéis do Infante e o livro do sr. Figueiredo», Lisboa, 1917), uma adoração a Santa Catarina (!!), destinando-se a obra ao Convento de Santo Elói de Lisboa.

Outras teses, menos divulgadas, pretendia ver na dupla figura central dos «Painéis» Santiago Menor, S. João Evangelista, S. Eduardo, a Rainha Santa Isabel de Aragão (!), etc. Todas estas interpretações, mais ou menos fantasistas, pecavam por certa dificuldade de argumentação e falta de provas documentais decisivas: basta que lembremos que *nunca* S. Vicente, D. Fernando ou Santa Catarina, por exemplo, foram pintados assim, isto é, sem os respectivos símbolos emblemático-iconográficos, para que as teses que os propunham não fossem mais que simples e despretensiosas hipóteses de trabalho.

Mais sólida, a tese exposta nos cinco volumes de «O Mistério dos Painéis» (Lisboa, 1957-1967) considerava a série descoberta em S. Vicente de Fora como figurando uma «Adoração ao Cardeal D. Jaime», destinando-se à capela daquele cardeal na Basílica de S. Miniato al Monte de Florença, para onde, contudo, por motivos que se ignoram, nunca teriam sido levados. A principal base de argumentação da tese do dr. Bélard da Fonseca consiste na leitura do texto do famoso «livro do judeu», pintado no «Painel da Relíquia», da série da «Veneração»; esse texto, geralmente tido como muçulmano, logo indecifrável, foi interpretado por Bélard da Fonseca como a passagem de um hipotético códice latino quatrocentista, desaparecido, aludindo precisamente ao Cardeal D. Jaime, filho do Infante D. Pedro e falecido no exílio em Florença, com foros de santidade. A esta tese sensacional podem agora levantar-se algumas objecções, como aventa Rafael Monteiro, através de uma nova e recentíssima interpretação dos «Painéis».

Faço notar que quaisquer trabalhos novos sobre os discutidos «Painéis de S. Vicente de Fora» têm sempre o perigo de poder concorrer para uma confusão generalizada... Principalmente para todo um público, embora interessado na polémica viva, nem sempre a par das andanças da discussão. Daí o motivo deste balanço, tanto quanto possível breve esquemático, da questão dos «Painéis».



«Se a reprodução destes caracteres não fosse legendada, poderia ser-se tentado a identificá-los com quaisquer duas linhas do chamado «livro do judeu»; mas os caracteres acima reproduzidos são inscrição em velho árabe (semita) pintada num pote de farmácia sículo-muçulmano, e pode traduzir-se assim: Glória ao Vitorioso». (Rafael Monteiro)

A AUTORIA DE NUNO GONÇALVES

Após quase cem anos de investigação porfiada e longa — quantas pistas (tantas vezes falsas...) não terão sido trilhadas até à exaustão? —, é com amargura que concluimos não haver uma só referência, em documentos da época ou mesmos posteriores, aos «Painéis da Veneração». É por isso impossível sabermos hoje ao certo para que lugar e com que fim foram pintados, e quem são as sessenta figuras, retratadas com perícia, extrema, que se distribuem pelas seis tábuas em cerimoniosa atitude de venerar um santo diácono, ainda por identificar. Duas certezas temos, contudo, que não são demais repetir, apesar de já concluídas na obra fundamental sobre questão, o «Nuno Gonçalves» de Colecção «Saber» (Europa-América), saído em 1957 e da autoria do crítico de arte dr. Adriano de Gusmão. Esta obra fundamental consegue decidir sobre dois problemas: a cronologia dos Painéis e a sua autoria. Duas conclusões a que se chegou pelo *exame crítico* dos Painéis, quase sempre estudados por **historiatas** e não por **críticos de arte...** *tas*, e não por *crítica de arte*...

a) se bem que indocumentadas, as seis tábuas da «Veneração» são obra do 3.º quartel do século XVI, muito provavelmente da década 1460-1470, como indicam a armaria e roupagem das figuras, o estilo e a técnica das tábuas...

b) a autoria pertence seguramente a *Nuno Gonçalves*, pintor régio de D. Afonso V de 1450 a 1471, e falecido antes de 1492, como prova a comparação técnica e, sobretudo, estilística, com as duas únicas pinturas que sabemos serem, de certeza, deste Pintor: os dois quadros do «Martírio de S. Vicente», expostos no Museu Nacional de Arte Antiga, que provêm do altar vicentino da Sé de Lisboa (altar esse atribuído por Francisco de Olanda a Nuno Gonçalves). O nível dessas tábuas (uma das quais fragmentada) está perfeitamente de acordo, aliás, com a designação de «Aguia da Pintura» dada por Olanda a Gonçalves. É bom de ver que o autor do «Tratado da Pintura Antiga» (1548) era um homem educado na esmerada técnica do Renascimento italiano, e não um «Gótico» como Gonçalves, sendo por isso mais de admirar a eloquência com que julgou o altar vicentino da Sé de Lisboa.

Os dois quadros do «Martírio de S. Vicente», da autoria provada de Nuno Gonçalves, permitem só por si que se lhes atribuam outras tábuas afins, entre as quais os «Painéis da Veneração». São segura base comparativa, sem ser necessário recorrer a uma tábua ainda inédita, que julgo provir do antigo Convento da Trindade — quadro de cerca de 1480-90, definindo o trânsito final do estilo gonçalvino... —, de que me ocuparei oportunamente.

De certo modo, outro argumento reforça a atribuição a Nuno Gonçalves dos «Painéis da Veneração a um Santo Diácono» (designação que proponho): uma sigla existente no «Painel dito do Infante», onde já Sousa Gomes leu, em 1928, as iniciais N. G. Mas não é de fazer força demasiada neste pseudo-monograma, de tal como está sumido.

Respira-se no todo retabular uma certa unidade, pelo menos dentro da disposição que actualmente admiramos no Museu de Arte Antiga. Não é de rejeitar, por ora, que tenha havido colaboradores. Bélard da Fonseca propõe até, baseado numa pouca clara legenda do mesmo painel «do Infante», que *Joane Anes*, pintor da Câmara de Lisboa e também pintor régio do Africano, teria tido uma importante intervenção pictórica na obra. Como não conhecemos nenhum painel seguramente identificado deste Joane Anes, é difícil derimir com clareza a hipótese, exposta no volume IV (1963) de «O Mistério dos Painéis». Mas se Joane Anes é autor do «Homem do Copo de Vinho» do Museu do Louvre, e do «Homem de 1456» da Colecção Liechenstein (como pensa Bélard da Fonseca), julgo não haver pontos de contacto, a nível não só de processo como sobretudo de «modus faciendi» e estilo, com o Mestre dos Painéis da Veneração.

Concluindo: os «Painéis ditos de S. Vicente de Fora», de significado e destino ainda por provar, são de atribuir à Oficina do pintor régio Nuno Gonçalves, «Aguia» dessa arte segundo o esteta quinhentista Francisco d'Olanda, e terão sido porventura executados durante a sétima década do século XV (1460-1470).

A MAIS RECENTE TESE; RAFAEL MONTEIRO

Acaba de ser editado, em separata, o trabalho de Rafael Monteiro intitulado «Ainda os Painéis de Nuno Gonçalves — S. Tomaz de Cantuária?». Dado o evidente interesse desta publicação, e as pistas que dá para — quem sabe? — uma solução total do problema, não parecia justo que esta novíssima interpretação ficasse limitada a uma pequena separata, de tiragem decerto muito restrita, escapando por conseguinte a muitos dos apaixonados pela célebre «Questão». Impunha-se portanto este artigo divulgativo, a recordar os principais argumentos em que se funda a tese de Rafael Monteiro — laborioso investigador da Pré-História e História de Sesimbra, colaborador dos distintos arqueólogos Eduardo da Cunha Serrão, E. Prescott Vicente, O. da Veiga Ferreira e G. Zbyszevski, e autor de vários trabalhos publicados sobre aquele Concelho.

Os «Painéis» representarão, segundo esta novel e, sob todos os pontos de vista, sensacional, tese, uma veneração mista das Cortes inglesa e portuguesa ao Arcebispo S. Tomás Beckett, de Cantuária.

Este santo mártir, nascido em Londres em 1117, a 21 de Dezembro, dia de S. Tomé Apóstolo, foi assassinado em Cantuária em 1170, após um conflito com o rei Henrique II. A bula *Redolet Anglia*, do papa Alexandre III (1173), santifica o mártir, cujos milagres ficaram narrados no celebérrimo agiológico ducentista «Lenda Dourada», da autoria do bem-aventurado Jacques de Voragine. «O culto por S. Tomaz», escreve R. Monteiro (p. 14), «espalhou-se com prodigiosa rapidez, e as peregrinações a Canterbury foram das mais concorridas e das mais célebres. «Particular culto foi devotado ao santo diácono e mártir pela poderosa família dos Lancaster, família essa de tão íntimas relações com Portugal durante o início da dinastia de Avis. Um dos mais devotos fiéis de S. Tomás, nota Monteiro (p. 26), foi o próprio Infante D. Henrique, «o culto e oculto homem da templária Ordem de Cristo, cujo Capítulo Geral, por determinação do Infante, teve lugar em Tomar, em 19 de Maio de 1426, dentro do convento e igreja de São Tomás». O Infante, Lencastre por sua mãe, foi educado, devemos lembrá-lo, entre crenças da corte inglesa. Como aliás todos os príncipes portugueses do século XV...

Recapitulemos agora os argumentos com que Rafael Monteiro propõe ser este santo arcebispo a dupla figura central dos «Painéis de S. Vicente de Fora»:

. a) «São nítidos, na alva do Santo, os «regaços» ou «quadratos»; igualmente a aposição do mesmo tecido nos punhos e gola. Tal uso é, na época, particular do clero inglês. Onde, representação de clérigos portugueses envergando alvas semelhantes?» (p.22);

. b) O Santo dos «Painéis» enverga dalmática e manípulo, como diácono; ora S. Tomás de Cantuária também foi diácono (p.21);

. c) Na «Lenda Dourada» conta-se o seguinte milagre: «Macerava-se Tomaz com invulgar cilício, pois com ele não só envolvia o tronco, mas também as pernas, até aos joelhos. Um dia determinado sacerdote foi injustamente acusado perante o Arcebispo e por este suspenso do seu múnus. Tomaz naquele dia deixara o celício sob o leito, com a intenção de o recoser. Nossa Senhora apareceu então ao sacerdote, e assim lhe falou: vai ter com o Arcebispo, e diz-lhe que Aquela por amor de quem tu celebras missas, lhe recoseu ela própria o cilício que está sob o seu leito. Apressou-se o sacerdote em contar a Tomaz a visão que tivera. Verificada a verdade, confirmado o prodígio, a interdição foi levantada» (p.18). Por isso, «aos pés do Santo se pintou a corda (o cilício), não para o identificar, mas para memória do facto milagroso» (p.24);

. d) Segundo a mesma «Lenda Dourada», Nossa Senhora teria aparecido a Tomás durante o seu exílio, revelando-lhe um oculto desígnio de Deus: «um Príncipe inglês (que viria a ser o quinto rei após Henrique II) deveria ser ungido com o óleo santo, cuja virtude lhe daria poder para conquistar a Terra Santa; os sucessores daquele monarca seriam também ungidos com o precioso e divino óleo. E Nossa Snhora deu ao Arcebispo um fiolo, ou tubo de vidro, contendo o óleo santo» (p.18). O óleo sacro de que fala este milagre continha-se num fiolo, ou delgado tubo de vidro; «não é este, revestido de ouro, ou em estojo de ouro, a «vara» que o Santo empunha?», pergunta R. Monteiro (p.24);

. e) A maior relíquia do Santo era a *corona* ou *caput sancti* **Thome,** ou seja, parte do crânio do mártir, quebrado pelas lanças dos assassinos, e ungida, como afirma Raymon de Foreville, o historiador dos Jubileus de S. Tomás. Rafael Monteiro supõe (p.24) que seja essa relíquia o pedaço de crânio que um frade ajoelhado mostra, no «Painel da Relíquia»;

. f) A leitura feita por Rafael Monteiro do «Livro» mostrado pelo Santo, no «Painel dito do Infante», conclui que os versículos 28 e 31 (cap.XIV) estão incompletos. O livro (que não é um evangeliário) reza: «O Pai é maior do que eu. Eu vo-lo digo agora antes que aconteça, para que quando acontecer vós o acrediteis. Já não falarei muito convosco, porque vem o Príncipe deste Mundo e ele em mim não tem poder. Mas para que o mundo conheça que amo o Pai e faço como Ele me ordenou. «Nota Rafael Monteiro (p.22): «Não está o Arcebispo de Cantuária falando, tal como o fez nas Festas do Natal de 1170 (vd. «Lenda Dourada»), quando profetizou sua morte, gerada pelo conflito aberto entre ele e o «Príncipe deste Mundo»?

O Santo apresenta-se de manípulo: em 1959 o rev. padre dr. António Leite havia lembrado que desde há muitos séculos o manípulo «só se usa nas missas ou cerimónias com ela relacionadas». Apontámos já as omissões havidas na transcrição dos versículos: o princípio do 28, o final do 31. Se eles estivessem completos (tal deveria verificar-se se o intuito fosse o de mostrar o Evangelho), bem diferente seria a interpretação. No princípio do 28 está escrito: «Eu vou e venho a vós», palavras de Jesus anunciando a Sua ressurreição; não podiam ser usadas pelo Arcebispo, nem por outro. Termina assim o ver. 31: «Levantai-vos vamo-nos daqui», expressão alheia ao anúncio da morte estranha ao conflito. As supressões são sinal certo de que, do Evangelho, só importou transcrever o que foi pintado, não o Evangelho»;

. g) E sugestivo o facto de o pintor ter incluído, no mesmo Painel (o do «Arcebispo») os dois milagres, da Vara e do cilício «Que pode opor-se à hipótese de ser S. Tomaz, Arcebispo de Cantuária (antes diácono) a dupla figura central dos painéis?», escreve R. Monteiro (p.25). «O livro do »judeu»? Talvez tal livro não seja

«Painel do Arcebispo», de Nu Vicente de Fora», Museu Nacl adorado por membros da no identi

...no Gonçalves, cerca de 1460-70. Pormenor dos «Painéis de S. ...onal de Arte Antiga. Segundo Rafael Monteiro, o santo central, ...reza e clero ingleses e portugueses, seria S. Tomás Beckett, ...ficado pelo fiolo (vara) e o cilício (corda).

mais do que o Talmud ou Bíblia hebraica, como já foi sugerido por alguns investigadores. Só o saberemos quando se ler o que nele está escrito, admitindo que o texto foi pintado para ser entendido. A leitura feita por Belard da Fonseca não é convincente, pois os caracteres pintados são semitas. E não entendemos os impedimentos que se têm posto à representação de um judeu entre cristãos, em Portugal no século XV...» Em prejuízo da apaixonante, lúcida e estruturada argumentação do probo investigador que é o dr. Bélard da Fonseca, indica agora R. Monteiro um senão de vulto (após dar uma pequena achega à tese jaimista; um esquecido retrato do Cardeal D. Jaime, no Porto, p.10). A pp.22-23 da separata são reproduzidos alguns caracteres de um pote de farmácia sículo-muçulmano, em língua semita (velho árabe), perfeitamente idênticos aos sinais do «Painel da Relíquia» que Bélard da Fonseca considerou «latinos». «Se a reprodução destes caracteres não fosse legendada», escreve R. Monteiro, «poderia ser-se tentado a identificá-los com quaisquer duas linhas do chamado Livro do Judeu»...

A concluir, o investigador sesimbrense considera como monarcas (de Inglaterra e Portugal) os dois personagens que, frente ao Santo (S. Tomás?) dobram um joelho, graça só a reis concedida. Também «só 12 figuras, além da central, são identificáveis no políptico (sic): as dos primeiros planos das tábuas centrais, e as duas dos «patronos» ou «protectores». As restantes, embora pintadas no natural, são meramente representativas de classes ou profissões» (p.29).

CONCLUSÕES

Com a hipótese iconográfica agora defendida, poderão abrir-se novas pistas na célebre «Questão» dos painéis? É convincente e bem eleborada a argumentação exposta, sendo ao mesmo tempo pertinente a «lembrança» de a obra retabular poder representar um culto misto das cortes portuguesa e inglesa, sabida que é a influência dos Lancaster no Portugal quatrocentista. Novos caminhos a trilhar poderão refutar ou comprovar o que por ora é uma hipótese de trabalho já bem alimentada. Termino com palavras de Rafael Monteiro: «Ainda se guardam segredos na cidade de Tomar. Pedro Alvares Seco, cronista da Ordem de Cristo, escreveu em belos pergaminhos sobre «a razão porque se dedicou esta igreja do convento (de Cristo) a San Thomas arcebispo cantuariense do reino de Inglaterra». Não o lemos, mas estamos certos de que ele poderá ajudar os nossos investigadores» (pp.29-30)...

A separata reproduz duas

Continua na pag dez

Cinema

LEITURAS

"CINÉFILO"

A necessidade de uma revista de cinema, todos nós há muito a sentíamos. Pressentia-se um público disponível e interessado. Havia gente capaz de trabalhar, não muito, é certo, mas o suficiente... Faltava alguém que apoiasse a iniciativa, que lhe desse estabilidade, que a fizesse ultrapassar o nível do amadorismo dedicado. A ocasião finalmente surgiu (quantos projectos de revistas de cinema não se foram entretanto gorando!): e **Cinéfilo** apareceu, tendo à frente Fernando Lopes e António-Pedro de Vasconcelos, e contando com a colaboração regular de Cabral Martins, Eduardo Guerra Carneiro, João César Monteiro. Mas **Cinéfilo** não é só cinema: é teatro, música jovem (Nuno Marins), é jazz (Manuel Jorge Veloso), é Rádio (Mário Contumélias), é música clássica (Ribeiro da Fonte), e é ainda a organização de Helena Vasconcelos e a presença de alguns desconhecidos como Teresa Figueira e José Martins.

Dois números até agora. E uma vez mais se confirma uma ideia: que um primeiro número, quase sempre preparado com semanas de estudos e conjecturas, resulta artificial e **mau**. E que só a pressão do dia-a-dia, a rodagem do quotidiano, imprimem o ritmo certo, a eficácia desejável. Assim acontece. O primeiro **Cinéfilo** era decepcionante. O segundo dá o salto (entenda-se...) e torna-se bom. O número um tinha espaço a mais e texto a menos, provável produto de uma improvisação que a longa preparação paradoxalmente provoca. Se algumas secções se começavam a impôr («Cartas na mesa», «Cartas na manga», «Sete dias da Semana», etc...), outras páginas apareciam-nos frustrantes: por exemplo, o espaço dedicado a Alain Resnais e **Hiroshima meu amor** era descaradamente vazio, e a nota de Fernando Lopes dizia pouco. A crítica de Cabral Martins a **O enforcamento** era escassa e difusa (um dos textos menos felizes de um crítico de qualidade). O número dois tem outra força: a começar por um daqueles textos temíveis, diabólicos, de João César Monteiro («A simples mente do Lauro»), que é também, para lá do seu aspecto polémico, uma análise extremamente lúcida da obra de Straub. Foi inútil ver o César ultrapassar aqueles textos enredados do **etc.** (e a propósito: que sucede com esta prestigiada publicação?) que já ninguém lia até aó fim (fiz as minhas sondagens, claro...) e aceitar a teorização rigorosa de que ele, de quando em quando, é (admiravelmente) capaz. Mas este **Cinéfilo** trás um panorama bastante desenvolvido do que poderá acontecer em teatro e cinema nos próximos meses, sem esquecer a actividade de Curt Mayer-Clason no Instituto Alemão, ou as perspectivas do cinema português (em texto saboroso pelas insinuações e alusões...). O conjunto já se impõe, embora ainda não seja imponente.

Falemos um pouco do aspecto crítico. No que diz respeito ao cinema, a coisa faz-se assim: há uma espécie de cartaz com preços, autocarros e tudo, onde cada filme com um mínimo de interesse merece uma nota mais ou menos curta; reserva-se uma página para uma crítica a sério (no primeiro número, Cabral Martins, no segundo, António-Pedro de Vasconcelos). Jornalisticamente parece-me a grande solução. É claro que as apreciações-relâmpago têm o grave inconveniente de afirmarem sem justificarem: é esse o defeito de todas as classificações por estrelas e estrelinhas, a que quase nenhum de nós resiste. É evidente que a injustiça e a arbitrariedade abundam, e que tudo depende muitas vezes do anónimo redactor que assina a nota. Mas é esse o preço da informação e da orientação, e não podia ser de outra maneira se queriam que as pessoas lessem. Quando qualquer de nós estuda os textos de um Pierre Bourdieu sobre a sociologia do juízo estético, toma então consciência da extrema precariedade das normas que adoptamos **como evidentes** nas nossas apreciações de valor. Os juízos de gosto são fáceis e quase sempre errados pelo modo como neles se ilude a questão dos pressupostos que uma valorização estética implica. Daí que seja curioso observar **as técnicas de legitimação** que cada crítico adopta para fundamentar os seus juízos estéticos: é por vezes em nome da ciência, outras em nome do proletariado, outras em nome da moral, outras em nome de Deus, outras em nome do próprio (o que é uma ilusão, uns têm o seu enconto) e outras ainda em nome do cinema. É esta última opção que governa as gentes do **Cinéfilo** que em nome do cinema julgam e escolhem; para isso usam um estilo que vem do exemplo de António-Pedro de Vasconcelos, e que corresponde a uma hábil mistura de: fórmulas incisivas que se impõem pelo modo como «esmagam» o raciocínio do leitor; uma desenvoltura de escrita que **simula** a facilidade do juízo, e exclui o trabalho da dúvida; uma reverência acentuada em relação ao que disseram e fizeram os grandes nomes do cinema, tratados quase sempre com grande intimidade (estilo «patrão Renoir» ou «papá Hitchcock»); a intromissão de juízos morais duma forma subreptícia; um conhecimento muito ágil da história do cinema, permitindo aproximações fulgurantes e inesperados circuitos nos labirintos da cinefilia.

Sobre a relatividade dos juízos de gosto, desejaria apenas fazer uma observação: a comunidade fílmica inculca em todos os que a ela pertencem uma espécie de evidência que permite destrinçar os argutos dos zoilos. Também eu a isso sou sensível e suponho (como toda a gente) situar-me quase sempre no bom lado. Acontece, por vezes, que aqueles que **vêm de fora**, movidos por razões muito diversas, dificilmene se encaixam nos critérios que estabelecemos. E isto vem a propósito da apreciação que em **Cinéfilo** se faz a **Frenzy, perigo na noite,** e que é absolutamente entusiástica. Estou em pleno acordo com ela, mas noto apenas que um indivíduo como Roland Barthes, que não parece destituído de gosto e inteligência, e que tem escrito sobre cinema ensaios muito pertinentes, diz, no decorrer de um colóquio sobre Bataille: «num filme hiper-comercial que sai actualmente, o filme de Hitchcock, há um pé de mulher assassinada que sai nu de um saco de batatas. É um filme muito mau...» (**Bataille**, 10/18, p. 67). E isto é apenas uma história para que nós meditemos na relatividade de todas as coisas.

Reservo para a próxima semana uma nota sobre a apreciação feita em **Cinéfilo** ao filme **Vida em Família**, articulando-a a partir dos seguintes tópicos:

. a) creio ser errado pensar que o filme visa a «objectividade»;

. b) creio ser errado pretender que um «barco chamado desejo» se soltasse no filme, porque isso seria pedir um filme inteiramente **outro** (daí o absurdo do confronto com **Lillith**);

. c) creio ser errado falar em **técnica narrativa** num filme inteiramente organizado segundo uma técnica de **argumentação** (numa palavra, nem ficção nem cinema-verdade, mas discurso didáctico);

d) creio ser errado falar do «esquematismo ideológico» do filme: nem o filme é a história de uma esquizofrénica (mas sim a história da **produção duma esquizofrénica**) nem faz qualquer sentido falar na «vulgata freudiana: papá, mam... édipo, castração», porque is... é apenas seguir a **vulgata d... leuziana** (que não é, ao q... se saiba, dogma papal) a par... de uma leitura **inexacta** de D... leuze; e do filme;

e) creio ser errado falar ... «denúncia humanista», q... aliás não existe no filme, e q... assim dita é apenas um chav... acusatório.

O que veremos em pormen... na próxima semana.

EDUARDO PRADO COELH...

OPÇÕES

(código: * com algum interesse; ** a ver; *** bom; **** muito bom; ***** excepcional)

O enforcamento («Koshikei»), no Estúdio
Real: Nagisa Oshima
Não basta ver: é preciso dizer aos outros para irem ver. Porque se trata de uma obra-prima indiscutível, filme multifacetado e interminável, sobre o desejo, a realidade e o imaginário. O mais inteligente filme sobre a questão do sujeito e da ideologia. Um argumento extraordinário e uma realização que encena e calcula o jogo ilimitado das leituras. (Classificação: *****)

Amor à Italiana («Avanti»), no São Jorge
Real: Billy Wilder
A comédia americana no seu funcionamento brilhante e impecável. Dentro desses limites, **Avanti** é subtil e delicioso. Um divertimento fora-de-série (Classificação:***).

Vida em Família («Family Life»), no Estúdio 444
Real: Kenneth Loach
Nem sempre o que é «excepcional» o é pelas mesmas razões. **Vida em Família** não é uma obra-prima: é apenas um filme necessário e irrespirável. Onde se vê como destruir __ em nome da ordem, da família, da ciência, da normalidade, do trabalho e da moral __ como destruir, apenas com bons sentimentos, uma pessoa. A não perder de modo algum. Mas não confunda com um filme realista, que o não é. É um discurso didáctico que não omite implicações políticas. Veja também «Leituras». (Classificação:*****).

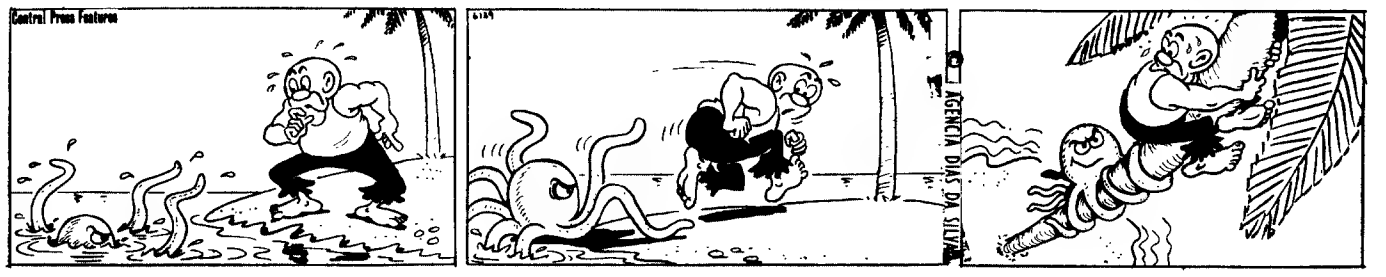
Ensina-me a viver («Harold and Maud»), no Apolo 70
Real: Hal Asby
Uma falsa lição de moral a partir de dados inteiramente viciados. Falsa e fácil: a excentricidade é a única regra para a vida e para o cinema. Divertimento às vezes divertido, às vezes irritante, sempre demagógico (Classificação: *).

O regresso de África («Le retour d' Afrique»), no Satélite
Real: Alain Tanner
Um pouco embaciado pelo Oshisma e pelo Loach, este filme de Tanner é inteligente e simpático: sabe a Maio-68 com tudo o que isso tem de saber bem. (Classificação:

Alfredo, Alfredo, no Roxy
Real: Pietro Germi
Esperteza, gosto de escândalo e algum sentido de humor fazem um êxito que não é inteiramente de desprezar: o casamemto não vai ao fundo, mas apanha alguns tiros. Mas o empreendimento é descaradamente comercial. (Classificação: *)

A casa da boneca («Doll's House), no Londres
Real: Joseph Losey
É filme de que começamos a estar fartos: um Losey domesticado, para consumo (parece que interminável) das famílias: problemas distanciados, cuidadosamente transpostos, amansados pela «qualidade da escrita». Quem quer cinema de hoje não quer isto. (Classificação: *)

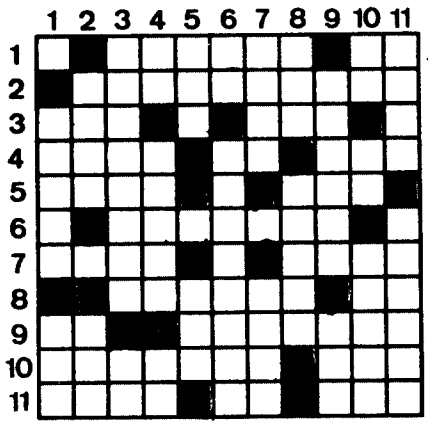
Terroristas cipriotas tentaram, mais uma vez, matar o presidente Makários. A imagem mostra o arcebispo junto do local onde explodiu uma carga pouco antes de passar o automóvel presidencial.



Palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10 581



HORIZONTAIS

1 Artigo Definido. Martírio de Cristo. Estanho (s.q.).
2 Bebedeira.
3 Coni ição. Preposição
4 Esp cie de tambor indígena. Batráquio Joeira.
5 Rio do Egito Com. da Itália.
6 Vila e sede de concelho (Beja).
7 Cidade da Umbria. Qualquer porção de uma curva.
8 Terras lavradas. Cidade da antiga Caldeia.
9 Cabelo branco. Recintos fechados junto aos currais para recreio de gado.
10 Vila e sede de concelho de Castelo Branco. Ave pernalta.
11 Divisão de uma casa. Pronome pessoal (inv.º). Chefe etíope.

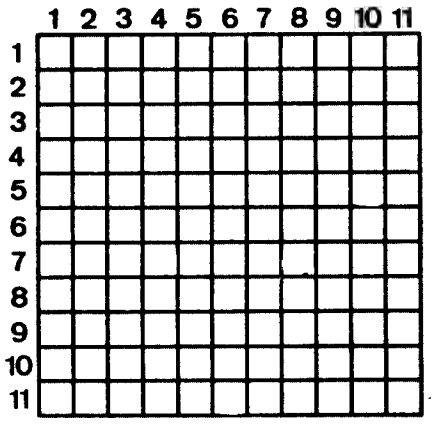
VERTICAIS

1 Jamais. Uma das Espóradas.
2 Comei à ceia. Renque.
3 Cidade da Colômbia. Artigo definido (ant).
4 Atmosfera. Cobrir de iodo. Tempo do verbo ir.
5 Enguia. Prefixo que designa ar.
6 Título do soberano da Pérsia. Socorreu.
7 Tosta. Elevação da voz ou do tom.
8 Mulher de Saturno, deusa da Abundância. Carvão incandescente.
9 Amuralhar. Oferecer.
10 Serviço Nacional. Basta. Rio de Moçambique.
11 Coisa nenhuma. Mamíferos afins da foca.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6 738



HORIZONTAIS

1 Freguesia do concelho de Nelas (Viseu). Embaraços.
2 Prefixo de negação. Golpe de faca.
3 Piedosa. Emblemas.
4 Basta. Olhas atentamente.
5 Colegas.
6 Em a. Níquel (s.q.). Asa do nariz.
7 Estar anelante. Estimai.
8 Erguer. Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas.
9 Aniversários. Atilho. Fluor (s.q.).
10 Ofereces. Curso de água natural e abundante. Dá mios.
11 Sopro. Atravessamos.

VERTICAIS

1 Deus do mar. Nome de mulher.
2 Tempo do verbo ir. Apurar.
3 Liga. Repetições.
4 Prefixo de privação. Zombas.
5 Soleira da porta. Radio (s.q.).
6 Pessoa cruel. Lírio.
7 Fruto da tamareira. Escudeiros.
8 Emparelhado.
9 Pelos de certos animais. Demónio. Dois mil em romano.
10 Preposição latina que designa movimento. Pesquisa. Fiada.
11 Sadio. Irias para fora.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 580

HORIZONTAIS:

1 Cali. Cão. DA.
2 ABUNDÂNCIA.
3 Rara. Isolda.
4 Pia. Mão.
5 Ia. Dão. Sa.
6 Mós. Cal.
7 Asar. Tarara.
8 És. Peso.
9 Vate. Datas.
10 Erin. Içaria.
11 Mama. Oásico.

VERTICAIS:

1 Carpira. VEM.
2 Abaia. Seara.
3 Lura. Mastim.
4 Ina. Dor. Ena!
5 Cãs.
6 Cai. O TÉDIO.
7 Ansa. Casaca.
8 Oco. Garotas.
9 Ilo. La. Ari.
10 Dadas. Sic.
11 Amarar. Ao.

PROVÉRBIO: Da abundância vem o tédio

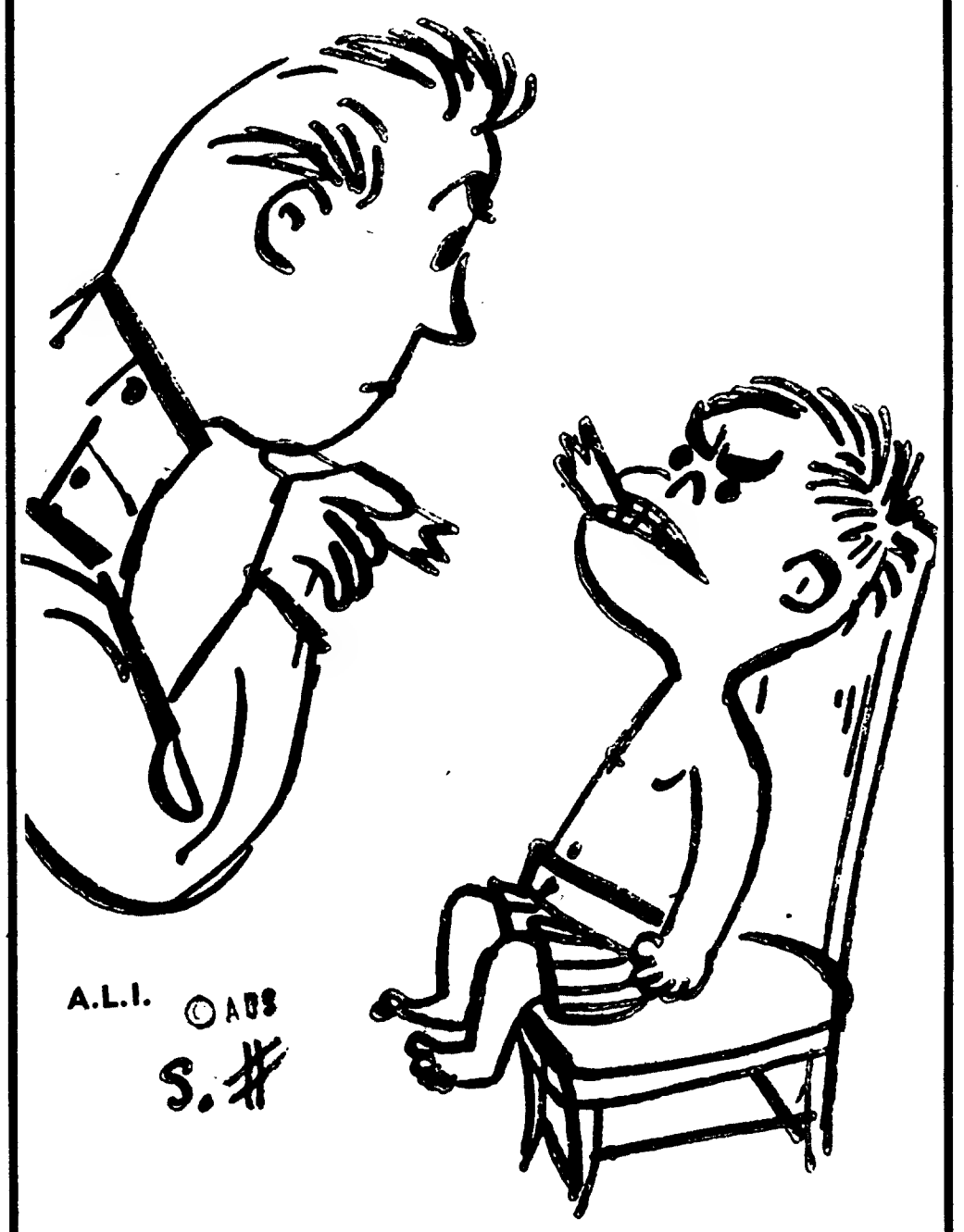
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6 737.

HORIZONTAIS:

1 Fava. Gamão.
2 Opas. Aparta.
3 Acampar. Am.
4 Agi. Raiva.
5 Mana. Atorar.
6 An. Ba.
7 Cru. Arm. Ta.
8 Ar. Lar. Açor.
9 Naná. Caraça.
10 Acartaremos.
11 Laia. Rosas.

VERTICAIS:

1 Fo. Amo. Anal.
2 Apaga. Craca.
3 Vacinar. Nai.
4 Asa. Anulara.
5 Mo.
6 Gap. Abarcar.
7 Apartar. Aro.
8 Marão. Marés.
9 Ar. Ira. Cama.
10 Otava. Tocos.
11 Amarraras.



Noticiario editorial

LIVRARIA BERTRAND

Na passada sextata-feira inaugurou-se na Livraria Quadrante, Avenida Luís Bívar 85 C, em Lisboa, uma exposição de banda desenhada que se manterá patente ao público até ao fim do corrente mês.

Esta exposição apresenta aspectos essenciais da banda desenhada de hoje, com particular incidência nas criações de Hergé, Uderzo e Goscinny, Philippe Druillet, Morris, nos super-heróis da Marvel, nas experiências praticadas pelos desenhadores das revistas **Eerie, Creepy, Vampirella, Charlie,** e outras, focando igualmente autores de quadrinhos portugueses.

Nos sábados 20 e 27, a partir das 16 horas, haverá projecção de diapositivos e mesa-redonda tendo como tema os múltiplos aspectos da banda desenhada. Nestes dois dias promove-se uma distribuição gratuita de revistas e os coleccionadores terão igualmente a oportunidade de efectuar trocas das suas colecções.

MORAES EDITORES

..À série de traduções de **O Delfim,** de José Cardoso Pires, acrescentam-se agora uma edição checa (edição Odeon, Praga) e uma edição finlandesa, da Editorial Gummerus, Helsinquia, em versão de Ilse von Hellens, divulgadora de Fernando Pessoa naquele país.

Também de José Cardoso Pires foram recentemente publicados contos em antologias editadas na Holanda — editora MeuLenoff Uitgever, Amsterdam — e na Republica Democrática Alemã — Volk und Welt, Berlim. Entretanto anuncia-se para Novembro o aparecimento da edição espanhola da **Cartilha do Marialva** na conceituada Editorial Labor, SA, Madrid, em tradução por Fernando Morán.

PORTUGÁLIA EDITORA

..«Teatro» de Branquinho da Fonseca é um dos volumes que, incluido na colecção «Obras de Branquinho da Fonseca», a Portugália lançará, em primeira edição, dentro de dias. A referida editora continua com produção intensa, fazendo ainda parte do seu programa deste mês obras como «As Grandes Viagens Portuguesas» (2 volumes, 3.ª edição), com selecção prefácio e notas de Branquinho da Fonseca; «O Vermelho e o Preto», de Stendhal; «História Trágico-Marítima»; «As Palavras e as Coisas», de Foucault, «Estruturalismo», etc.

No próximo mês a Portugália conta lançar, entre outras obras, a segunda edição, corrigida pelo autor, de «Aventuras de João Sem Medo», de José Gomes Ferreira; «A Política da Família», de R. D. Laing; «Tristes Trópicos» de Claude Lévy-Strauss; «Parque das Corças», de Norman Mailer, etc.

Simultaneamente, vão sendo lançadas reedições de outras obras que pertencem ao fundo da Portugália e que há muito se encontram esgotadas no mercado.

Romance que, na literatura universal, ocupa lugar de relevante importância, «O Vermelho e o Preto», de Stendhal, acaba de ser reeditado pela Portugália. Trata-se de uma obra em que o autor, dando-nos o quadro tumultuoso de uma sociedade em evolução e das mais profundas e ocultas sombras da alma humana, utiliza uma linguagem intencionalmente irónica, surpreendente pela lucidez de observação e pelo incomparável poder de fascinação emocional.

Descrevendo as maquinações de um aventureiro medíocre (Julião Sorel), tipo acabado do ambicioso sem escrúpulos, que ficou como um paradigma na história literária, Stendhal soube ver, para além da modéstia do «fait-divers», toda uma intensidade de paixões característica dos tempos de mutação social. «O Vermelho e o Preto» surge, assim, como quadro político e romance de costumes — e é universalmente considerado uma obra-prima.

Com selecção, prefácio e notas de Branquinho da Fonseca, acaba a Portugália Editora de lançar no mercado a 3.ª edição de «As Grandes Viagens Portuguesas» (dois volumes), obra que, para além do seu interesse novelesco, permite ao leitor fazer o contexto histórico das personagens, dos factos e dos lugares.

Para o primeiro volume seleccionou Branquinho da Fonseca textos de Alvaro Velho, Pêro Vaz de Caminha, António Tenreiro, Fernão Mendes Pinto, Padre António de Andrade, Hermenegildo Capelo e Sacadura Cabral. Quanto ao segundo, inclui prosa de Luís de Cadamosto, António Pagafetta, Padre Francisco Álvares, Pêro Lopes de Sousa, Padre Manuel Godinho e Serpa Pinto.

Em ambos os volumes se incluem, no dizer de Branquinho da Fonseca, viagens que «se não foram grandes na dimensão ou no resultado, contudo, além da prova de força e de ousadia serena, tiveram o grande mérito da confiança do indivíduo em si próprio e nos poucos meios que lhe bastaram para atravessar desertos e andar entre apostados inimigos».

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

..Em Janeiro de 1970, os capitais dos E. U. A. no estrangeiro atingiram mais de 157 biliões de dólares. Paralelamente, os lucros repatriados não pararam de crescer. Em 1969, o total foi de 5,6 biliões de dólares. As estatísticas de 1960 apontam 1,3 biliões. Pelo seu volume, eles representam o principal elemento de equilíbrio da balança de pagamentos correntes dos Estados Unidos.

No entanto, os investimentos dos Estados Unidos na Ásia, África, América Latina e até mesmo na Europa têm sofrido, de alguns anos para cá, tão fortes entraves e tão violentas oposições nos países em que se pretendem lançar que é agora o seu próprio processo de sobrevivência que está em causa. Como continuar a investir sem correr os riscos, por exemplo, das nacionalizações, das pressões internas em cada país, do desprestígio internacional e até mesmo do ódio que se gerou mundialmente contra o capital norte-americano? Essa preocupação está entre as primeiras da política da Casa Branca, cujas relações com a maior parte dos países onde tem interesses, onde os seus investimentos foram sempre crescentes e estáveis, se deterioram a tal ponto que os mais renomados economistas norte-americanos aconselharam uma urgente revisão do problema dos investimentos no estrangeiro, uma mudança radical no processo operatório, única tentativa para manter, no fundo, uma mesma situação, embora de uma forma mais subtil. Noutras palavras: uma nova estratégia para investir tendo em vista as circunstâncias e alterações sociais, políticas e económicas dos nossos dias.

É a documentação e o estudo desse problema que encontraremos no livro dos economistas Christian Goux e Jean François Landeau, **O Perigo Americano,** agora editado por Publicações Europa-América, obra que nos oferece vasto material de informação e meditação sobre um dos mais debatidos problemas da actualidade internacional: o dos interesses económicos dos Estados Unidos no estrangeiro.

Há milhares de anos que o homem se interessa pelo comportamento reprodutivo das espécies vertebradas. Durante séculos, o caçador humano, o fabricante de mitos, o agricultor e o naturalista, todos encararam o assunto, com fantasia ou com veracidade, consoante os seus próprios recursos.

Os zoólogos profissionais, pelo contrário, só penetraram a sério neste campo durante as últimas décadas. Darwin abriu o caminho, mas este manteve-se praticamente inexplorado até à década de 1930, quando começou a surgir na Europa um novo grupo de estudiosos do comportamento orientados zoologicamente. Conduzidos por Konrad Lorenz e Niko Tinbergen, começaram a atacar formas de comportamento cada vez mais complexas, empregando minuciosas técnicas de observação e métodos experimentais simples em regiões da actividade animal que, anteriormente, nos tempos da zoologia académica, se tinham mantido cautelosamente à distância. Os novos investigadores levaram o laboratório para o campo e trouxeram o campo para o laboratório. Em vez de fósseis, ossos e tecidos, a matéria bruta fundamental desta investigação passou a ser o animal inteiro, e mesmo grupos inteiros de animais. A princípio, este novo desenvolvimento provocou certo ceptismo. Como se poderia esperar uma análise respeitável de qualquer coisa que era desesperadoramente complicada? Mas lá conseguiram desenvencilhar-se e a nova disciplina da etologia comparada começou a expandir-se.

Desmond Morris, famoso pelos seus livros **O Macaco Nu, Zoo Humano e Homens e Macacos,** é um zoólogo especializado em etologia, matéria científica que se refere ao estudo do comportamento animal em situaçõs naturais, especialmente em situações sociais, em busca de uma melhor compreensão para os seus múltiplos fenómenos.

Reprodução das Espécies, agora editado por Publicações Europa-América, tem um carácter mais acentuadamente científico do que as outras obras de Desmond Morris. Exposto numa linguagem aliciante, clara e inteligente, é uma compilação cronológica de vários artigos sobre a análise do comportamento de certas espécies, cuja investigação foi realizada entre 1951 e 1966.

Como reage o animal quando é atacado, quando tem fome, quando está preso, quando está interessado numa fêmea? Na base destas perguntas iniciais outras há que constituem o verdadeiro objecto da pesquisa etológica: qual o sistema de comunicação entre os animais?; que é a linguagem animal? como se expressa?

Houve um tempo em que os animais falavam... Como os homens. É tempo de sabermos que tipo de linguagem falam e qual é o seu código, parece dizer-nos Desmond Morris neste seu livro sobre as formas do comportamento sexual dos animais, obra curiosa profunda que só um grande narrador e cientista poderia escrever.

O seu nome poderá ser famoso!

CONCURSO FOTOGRÁFICO INTERNACIONAL

Nikon 1973

aberto a todos os possuidores de aparelhos fotográficos **NIKON** em todo o mundo — amadores e profissionais.

A alta perfeição mecânica e óptica dos aparelhos **NIKON** torna-os instrumentos de grande valia na produção fotográfica.

Os seus 250 diferentes acessórios e 42 objectivas, representam uma extensa gama de possibilidades que estimulam a criação artística.

No ano de 1971, um grande fotógrafo português conquistou, sensacionalmente, o 2.º Prémio Mundial neste Concurso, glorificando o nome de Portugal!

No ano passado outro notável amador português conquistou também uma boa classificação.

O Júri constituído pelos melhores fotógrafos japoneses, seleccionará os trabalhos dos concorrentes, classificando-os e atribuindo-lhes prémios: medalhas em ouro, prata e bronze, a oferta de valiosos artigos **NIKON** e inúmeras Menções Honrosas.

O Concurso encerra a 31 de Outubro do ano corrente.

Colha os proveitos que a sua **NIKON** lhe oferece, participando no maior Concurso Fotográfico do Mundo!

Conquiste um primeiro lugar em Tóquio!
A sua NIKON abre-lhe o caminho da glória!

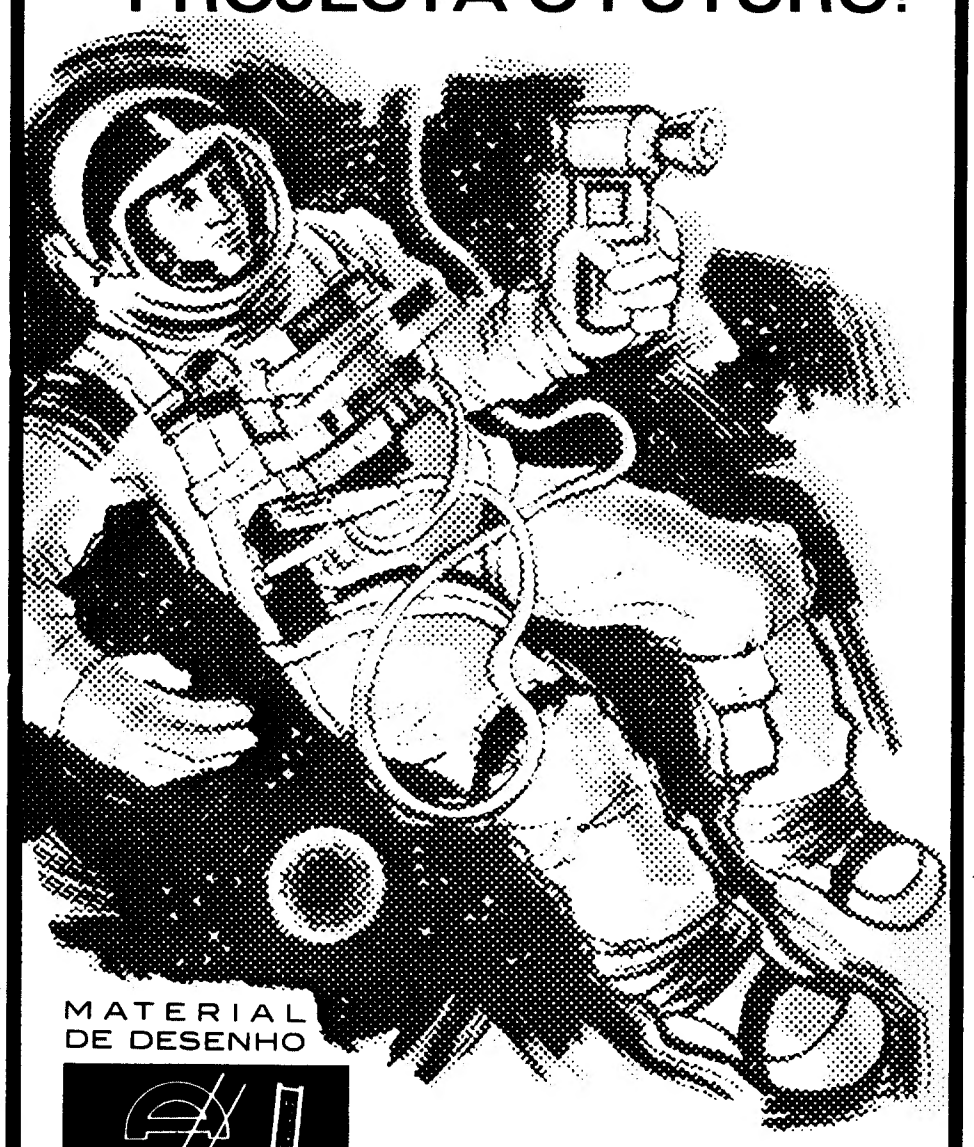
CONCORRA!

Peça boletins de inscrição com todos os pormenores ao seu habitual revendedor **NIKON.**

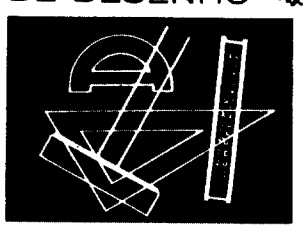
CONCURSO FOTOGRÁFICO INTERNACIONAL Nikon

moLin

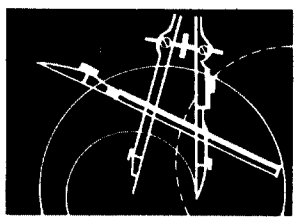
PROJECTA O FUTURO!



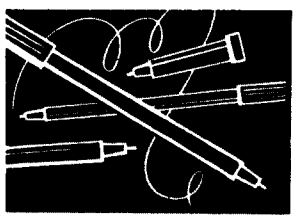
MATERIAL DE DESENHO



ESTOJOS



MARCADORES



OS HOMENS QUE HÃO-DE CONSTRUIR UM LUMINOSO AMANHÃ—ASTRONAUTAS, ENGENHEIROS, MÉDICOS, CIENTISTAS E TÉCNICOS — **SÃO OS ESTUDANTES DE HOJE!**

NELES DEPOSITAMOS A NOSSA ESPERANÇA....

PARA ELES FABRICAMOS O MATERIAL DE DESENHO E DE ESTUDO DE QUALIDADE ÍMPAR, QUE EXPORTAMOS TAMBÉM PARA OS PAÍSES DE MAIOR AVANÇO TECNOLÓGICO.

OS HOMENS DO FUTURO MERECEM-NO.

moLin

PRODUTOS NACIONAIS DE QUALIDADE INTERNACIONAL

SÃO TOMÁS DE CANTUÁRIA NOS PAINÉIS DA VENERAÇÃO?

Continuação da página sete

tábuas de Michel Pacher, pintor austríaco, de cerca de 1467, coetâneas pois dos nossos «Painéis da Veneração». Representam o «Martirológio de S. Tomás Beckett» e o seu «Funeral» (Museu Joanneum, em Graz, Austria). Além dos frades que assistem aos episódios estarem revestidos de sobrepelizes semelhantes às que surgem nos nossos «Painéis» do Museu Nacional de Arte Antiga, observamos certas afinidades no trajo do Santo, que veste a dalmática e o manípulo, de brocado. Um senão a apontar: o santo, tonsurado no «Martírio», surge nos «Funerais» com uma casula (bordada com os «quadratos» da roupagem) na cabeça e não com um «barrete» como nos «Painéis» de Lisboa... Outra objecção — esta de vulto! — pode residir no aspecto jovem dos Santos dos «painéis», pouco coerente com os 53 anos de S. Tomás.

Uma ligeira achega à tese do sr. Rafael Monteiro: também no Mosteiro de Alcobaça, tal como em Tomar, foi pronunciado o culto por S. Tomás Beckett. Em 1835, William Beckford («Alcobaça and Batalha», Londres, pp. 44-45) registou, numa sala, uma pintura figurando S. Tomás Beckett, «by a very ancient Portuguese artist named Vasquez». Apesar de extraviada já em 1846 (vd. Raczynski, «Les Arts en Portugal», Paris, 1846, p.154), essa pintura, tradicionalmente atribuída ao Grão Vasco visiense, dava a entender que também à sombra do velho mosteiro alcobacense se foi sensível ao culto do santo arcebispo de Cantuária.

NOTA — À hipótese agora publicada por Rafael Monteiro, acima indicada e comentada, podem-se contudo pôr algumas dúvidas mais: àparte alguns casos isolados (como a citada devoção por S. Tomás Beckett do Infante D. Henrique), que documentos temos que justifiquem uma devoção, um culto, tão instensos pelo mártir de Cantuária, ao ponto de explicarem uma obra como os «Painéis de São Vicente de Fora»? R. Monteiro pensa que o culto se entrelaça noutro, o do Apóstolo S. Tomás (p. 27), mas não dá infelizmente provas concludentes dessa asserção...

Ao mesmo tempo, ao facto de a idade jovem do «Santo» dos «Painéis» não corresponder à de S. Tomás de Cantuária (facto que se poderia justificar por se tratar, no retábulo gonçalvino de uma figuração alegórica e convencional), juntam-se dúvidas iconográficas fortes: a ausência de tiara (substituída por um barrete da época), e o aparecimento da corda e do suposto fiolo não está muito de acordo com as habituais figurações do Santo inglês. Citem-se um relevo da Sé catedral de Sens (fim do século XII); os «frescos» da abside de Santa Maria de Tarrasa (Catalunha), pelo Mestre de Espinelvas (cerca de 1190); alguns dos vitrais da Catedral de Chartres, sobre o martirológio; etc. (vd. «Vies de Saints», tomo XII, Paris, 1956, p. 786).

comemorando
o 1º plano quinquenal
TOYOTA

Decidimos levar a efeito uma iniciativa sensacional e inédita.
Exactamente porque chegámos a Portugal há 5 anos vamos oferecer uma oportunidade única **a todos quantos possuam um automóvel — seja qual for a sua marca — com mais de 5 anos de fabrico.**
Se tem um automóvel nessas condições visite
o concessionário TOYOTA mais próximo
e preencha o cartão que o habilita ao sorteio de 555 prémios!
5 TOYOTAS. 50 TELEVISORES. 500 RÁDIOS.
Não é necessário comprar um Toyota
basta visitar-nos até 31 de Dezembro próximo.

1º plano quinquenal TOYOTA

sonarte TOT 42/73

5 TOYOTAS
50 TELEVISORES
PHILIPS
500 RÁDIOS
PHILIPS
TOYOTA
veio para ficar
E FICOU MESMO
IMPORTADORES EXCLUSIVOS: SALVADOR CAETANO, S. A. R. L.
CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAÍS COM SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA E PEÇAS

LIVROS RECEBIDOS

EDITORIAL VERBO

MIGUEL ÂNGELO
Renée Arbour
Tradução de Adelaide Penha e Costa
Colecção Grandes Artistas

MEMÓRIAS (Volume II)
Pedro Theotonio Pereira
Prefácio de Marcello Caetano

RHÓOR E OS SALTEADORES
Michel Grimaud
Ilustrações de Pierre Joubert
Tradução de Maria do Céu Guerra de Oliveira
Colecção Safari-Aventura — n.º 9

NASCIDO NO ESPAÇO
Geoffrey X. Passover
Ilustrações de Michel Gourlier
Tradução de Maria das Mercês de Mendonça Soares
Colecção Safari-Aventura — **N:º 10**

15 EPISÓDIOS DE CAÇA
Tomaz de Figueiredo, Ferreira da Costa, Fernand Lambert
e Jules Gérard
Ilustrações de Jacques Pecnard e José Antunes
Tradução de Maria Adelaide Couto Viana
Colecção Série 15 — n.º 24

15 HISTÓRIAS DE AMOR
TExtos de Clément Borgal
Ilustrações de Jacques Pecnard
Tradução de Ana Maria Coelho de Sousa
Colecção Série 15 — n.º 23

FÉRIAS NA NEVE
Alain Grée
Ilustrações de Philippe Salembier
Colecção Verbo Infantil — n.º 62

A MONTANHA
Texto e ilustrações de Alain Grée
Tradução de Maria Adozinda
Colecção Imagem — n.º 20

AS AVENTURAS DE NEGRITA
Henri Cornélus
Ilustrações de Elisabeth Ivanovski
Colecção Verbo Infantil — n.º 61

LIVRARIA BERTRAND

HORAS PERDIDAS (2.ª edição)
Urbano Tavares Rodrigues
Prefácio de Miguel Urbano Rodrigues
Colecção Autores Portugueses

MINISTÉRIO DA MARINHA

A PRIMEIRA LISTA DA ARMADA
Comodoro António Alves dos Santos Júnior
Colecção Estudos — n.º 2

QUADROS NAVAIS (VII PARTE)
Contra-Almirante Joaquim Pedro Celestino Soares
Colecção Documentos — n.º 12

QUADROS NAVAIS (VIII PARTE)
Contra-Almirante Joaquim Pedro Celestino Soares
Colecção Documentos — n.º 13

PAISAGEM

INTRODUÇÃO AO NACIONALISMO GALEGO
José Viale Moutinho
Colecção Mutações — n.º 10

PORTO EDITORA

OS BONS OBREIROS E OS MISTIFICADORES
António Cândido Mouteira Guerreiro

PORTUGÁLIA EDITORA

AS GRANDES VIAGENS PORTUGUESAS (1.ª SÉRIE) — 3.ª edição
Selecção prefácio e notas de Branquinho da Fonseca
Colecção Antologias Universais

AS GRANDES VIAGENS PORTUGUESAS (2.ª SÉRIE) — 2.ª edição
Selecção de Branquinho da Fonseca
Colecção Antologias Universais

O VERMELHO E O PRETO — 5.ª edição
Stendhal
Tradução de Maria Manuel e Branquinho da Fonseca
Colecção Os Romances Universais — n.º 16

Folhetim-artístico

José-Augusto França

MANESSIER E OS ANOS 40

À publicação deste folhetim está ou vai estar na Fundação Gulbenkian uma grande exposição de pintura de Manessier. Não sei como ela será, nem do que constará, mas, realizada por um velho amigo do pintor, Gaston Diehl, director do departamento de arte do Quai d'Orsay e presidente do Salon de Mai, e contando com o apoio da prestigiosa Galerie de France, «marchand» do artista, será, com certeza, uma excelente exposição.

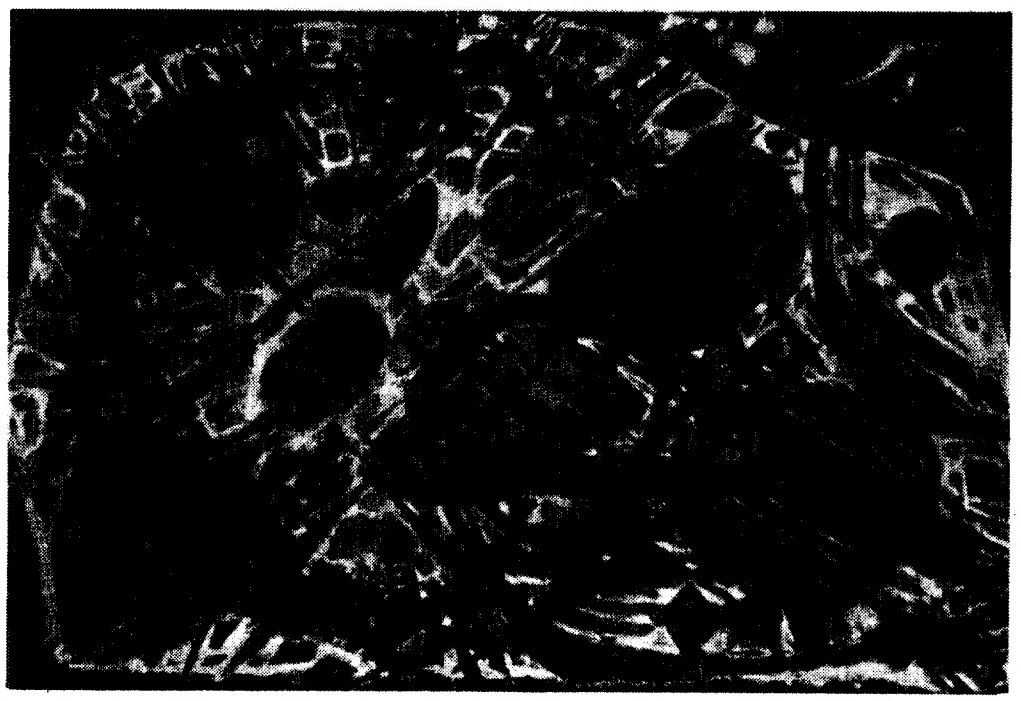
Para além da sua qualidade imediata, ela tem ainda e talvez sobretudo, a vantagem de nos fazer reflectir sobre um determinado período da história da pintura moderna, ou seja da (digamos, como é uso dizê-lo) «segunda Escola de Paris». Ou, melhor, sobre os anos 40 da pintura ocidental.

Alfred Manessier, nascido em 1911, é, dessa pintura, um dos principais exemplos; talvez, mesmo, o melhor dos exemplos necessários, pela média de propostas que faz, resolve e divulga, no quadro de uma cultura francesas que em certa medida histórica, impôs o seu diapasão ao Ocidente. Por isso mesmo o pintor é frequentemente representado no estrangeiro e citado correntemente — espécie de imagem de marca de uma certa situação tanto como de uma certa qualidade.

Não terá, ou não tem Manessier o génio criador de uma Vieira da Silva, nem a inteligência pictural dum Bazaine, nem a profundidade vivida dum Bissière, nem a ousadia dum Tal Coat — mas tem algo dessas vantagens alheias, numa medida conveniente, e com elas ultrapassa, sem dúvida, companheiros de geração, Bertholle e outros, que são assaz numerosos dada a importância e a extensão que a «segunda Escola de Paris» assumiu.

Assumiu nos anos 40 e no começo dos anos 50 que do decénio anterior dependeram, antes de uma volta conjuntural que daria a crise «semântica» no informalismo, no fim da década e uma contestação iconológica (ou iconófila...) como abertura necessária para a nova situação poética definida ao longo dos anos 60, em termos de «pintura e não».

Numa história da arte, organizada mais ou menos como história das mentalidades pela Skira, Robert L. Delevoy trata de um período que vai de 1900 a 1945. Delimitado pela data ideal do começo do século e por outras, mais real, do termo da segunda grande guerra do mesmo século, este período é, evidentemente, discutível — mas a data-média de 1945, no centro destes anos 40 de que falo, parece aceitável e defensável, se admitirmos (como sempre é preciso fazer, nos quadros cronológicos) que 1945 pode ser 48 ou mesmo 52. Na verdade, o fim da guerra marcou o fim de uma sucessão de fenómenos estéticos que iam sobrando, nos anos 20-30, de propostas dos anos 10; e revelou uma nova situação que importava ligar a criações e indícios do princípio do século. Já me expliquei longamente sobre o que, há uns quinze anos, me pareceu poder ser baptizado de «espaço ambíguo» e sobre a sua ligação às propostas da fase final da pintura de Cézane, intelectualmente reduzidas no cubismo. Esse «espaço ambíguo»



Manessier: «Coroa de espinhos», 1954

é (re)criação da geração do pós-guerra que durante a guerra começou a trabalhar — numa surda raiva de resistência ao invasor nazi e ao que a sua pseudo-cultura representava contra a necessidade da criação ocidental. O «Salon de Mai», em 1946, foi o resultado dessa gestação — e Manessier o produto mais perfeito dela.

Em 1945, portanto, define-se uma situação estética inserida numa corrente de sensibilidade e de pensamento que a filosofia, a política, a literatura, a música, o teatro, o cinema completavam dialecticamente — e, com os seus «objectos de civilização», um comportamento moral. De uma «moral da ambiguidade» que seria desenhada na trama desses anos.

A «ambiguidade espacial» de Manessier, e de Vieira da Silva, Bissière, Bazaine outros deu, então, um corpus de signos simbolizado uma condição vivencial — e à arte competiu fazê-lo da maneira mais imediata, na criação de uma envolvência, lugar onde do nosso quotidiano, mais detectável ou mais sensível do que pode parecer.

É claro que a história da arte dos anos 40, que está por fazer, tem uma multiplicidade de vectores que as próprias condições do mundo determinam: por todo o lado, nos Estados Unidos como no Brasil, na Alemanha como na Itália libertadas, em Espanha como em Portugal, como em Inglaterra, a criação artística se modificou. A imigração de artistas europeus na América do Norte em 40 (e já com Hoffman, em 33) desencadeou ali um processo de modernização mental; o mimetismo da América do Sul promoveu localmente idêntico processo. Na Europa, dois grandes «foyers» paralisados por imposições classizantes mais ou menos intensas, a Alemanha e a Itália, viram-se de súbito abertos para uma liberdade de expressão; e também os países ibéricos, por variadas razões de conjuntura, ultrapassam o modernismo pacato de Vasquez-Diaz ou de artistas portugueses da segunda geração. A vaga do abstraccionismo correu então — mas foi o gosto parisiense, renovado nas novas diligências estéticas, que deu sentido maior a uma proposta pictual que rapidamente se generalizou, com a sua responsabilidade idiomática.

A «segunda Escola de Paris» resplandeceu nos anos 40-50, num «estilo internacional». Mas aconteceu então um fenómeno de descentralização orquestrado pelos Estados Unidos, por razões sem dúvida extra-artísticas mas que refletiam uma tendência sociocultural inevitável. O mercado americano após-se ao parisiense, mas a bipolaridade era impossível — tanto como a monopolaridade anterior... A crise do informalismo, com inflação de significantes, a inflação seguinte, dos significados, num neofigurativismo impante, contrariaram o justo meio, o equilíbrio que Manessier sobretudo representava. Os anos 60 trouxeram outras exigências em que (ver não sei que folhetim anterior...) se terá esgotado o processus da **ambiguidade**, de modo a que, dum outro ciclo, de propositado **equívoco**, referente ao «espaço equívoco que medeia entre a vida e a arte» — se possa agora olhar para esta pintura-pintura de Manessier, como louvável objecto histórico, situado no passado de, quiçá, outra civilização.

Sempre à mão o prazer de calcular!

SHARP

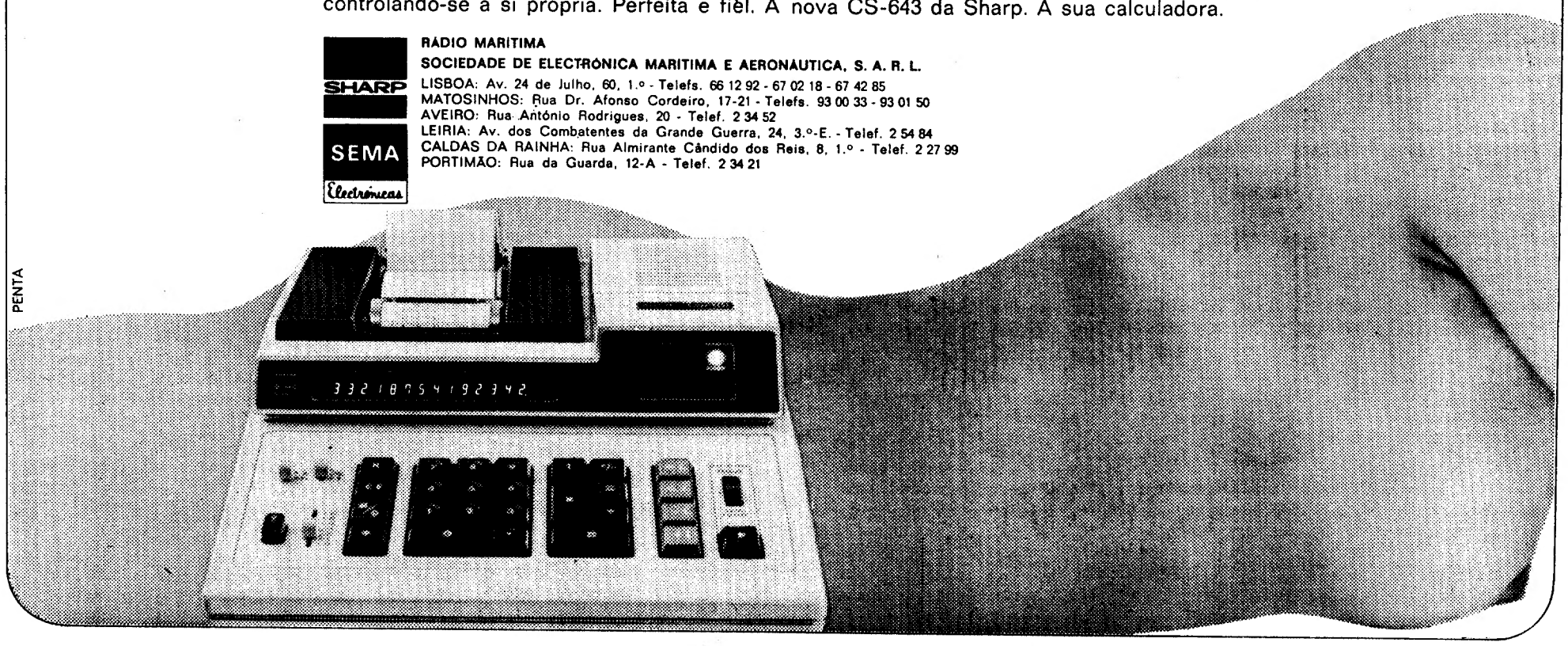
COMPET CS/643

a única calculadora com "SELF CONTROL"

Leve, super-inteligente, senhora de si. A nova calculadora CS-643 da Sharp.
Pensa fundo, realiza instantaneamente cálculos complicadíssimos e imprime a resposta, controlando-se a si própria. Perfeita e fiel. A nova CS-643 da Sharp. A sua calculadora.

SHARP
SEMA Electrónicas

RÁDIO MARITIMA
SOCIEDADE DE ELECTRÓNICA MARITIMA E AERONAUTICA, S. A. R. L.
LISBOA: Av. 24 de Julho, 60, 1.º - Telefs. 66 12 92 - 67 02 18 - 67 42 85
MATOSINHOS: Rua Dr. Afonso Cordeiro, 17-21 - Telefs. 93 00 33 - 93 01 50
AVEIRO: Rua António Rodrigues, 20 - Telef. 2 34 52
LEIRIA: Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 24, 3.º-E. - Telef. 2 54 84
CALDAS DA RAINHA: Rua Almirante Cândido dos Reis, 8, 1.º - Telef. 2 27 99
PORTIMÃO: Rua da Guarda, 12-A - Telef. 2 34 21



PENTA

Crítica de artes plásticas

Por JOSÉ LUÍS PORFÍRIO

RE-COMEÇANDO

Curiosas são as re-ções entre a arte e a ociedade: todos sabe-os, ou intuímos mais ou enos vagamente, que uela depende desta, ncionando as mais das zes como sismógrafo modificações de men-lidade, gosto e, em ca-s mais graves e decisi-s, de maneira de ver mundo. Mais difíceis detectar são os laços e as unem e os diver-s modos de funciona-nto dessa depen-ncia. Assim, o começo uma «nova tempora-» (é assim que se diz, o é?) surge apenas co-o recomeçar de uma tina (embora cultural). nas quantas casas de-cadas ao comércio de jectos artísticos rea-em as suas portas, o esmo fazendo as insti-ições culturais que têm r missão mostrar algo que se vai fazendo s artes plásticas deste ís, e até, muito mode-damente, do resto do ndo.

Recomeça assim uma va temporada lisboeta, arentemente alheia a do quanto não seja ela ópria, como se de um ndo fechado se tratas-. De uma semana para utra, do nada (ou qua-nada) passou a haver na meia dúzia de expo-ções visíveis. Será que s indicam alguma coi-, para além do próprio começo? Creio bem e não.

Assim, temos, dentro actividade das gale-s, uma exposição co-tiva de tapeçaria na dite Dacruz (Menez, tur Rosa, Rogério Ri-iro, Escada, Nuno de ueira, Helena Lapas, tima Vaz, Manuel Bap-ta e Eduardo Nery) e posições individuais pintura e guache de a Chaves Ferreira na sma 73 e Anísio Dan-na Opinião. As Gale-s Diprove e S. Francis-, fiéis à sua vocação busca de um público dio dedicam-se à gra-ra, apresentando no-s internacionalmente opagandeados: Salva-r Dali (ilustrações pa-a «Divina Comédia»), Diprove; Miró, Tápies, Millares, a S. Francis-; enquanto a Livraria leria Quadrante abre a útil exposição bi-ográfica de banda de-nhada, acompanhada r alguma actividade divulgação.

A parte convém referir da a exposição de de-nhos de Amadeo de uza-Cardoso, na Gale-ria S. Mamede, e salientar a sua importância e o seu significado. Perdida que foi a oportunidade de o Estado ou de uma instituição cultural como a Gulbenkian poderem reunir na quase totalidade a obra do nosso primeiro modernista, vamos provavelmente assistir a mais um acto da dispersão legal do seu trabalho, e esse será talvez o aspecto mais interessante desta exposição.

Dentro das instituições culturais, a S.N.B.A. recomeçou a actividade da Galeria de Arte Moderna, que é dos locais mais arejados e menos comprometidos desta cidade, e a Fundação Gulbenkian está iniciando as suas actividades com uma exposição Manessier, conhecida figura da

Tàpies: «Litografia»

recomeço de temporada. Resignadamente peguei em mim e fui ver.

DUAS EXPOSIÇÕES

A. Carlos Saldanha: «Variações de Submúltiplos Poligonais». Galeria de Arte Moderna, S.N.B.A.

Os presentes trabalhos de Carlos Saldanha situam-se, quanto a mim, num impasse entre o que são reminiscências ou mesmo claras opções representativas (e basta ta de possibilidade de dar aos trabalhos a escala necessária para impor um efeito de *presença*. A escultura (chamemos-lhe assim para simplificar) é de uma prática cara que impõe severos limites ao seu praticante, que fica quase sempre dependente da encomenda, ou da sua concepção do que seja o «gosto» dominante, que é ou pode ser também o seu. O que poderia ter sido rigor transforma-se numa tentativa engenhosa para captar um público que talvez não exista.

B. Miró, Tápies e Millares na Galeria S. Francisco

Cinco litografias de Miró, três litografias de Tápies e seis serigrafias de Millares enchem o espaço disponível da Galeria S. Francisco, numa exposição a vários títulos interessante:

a. Em primeiro lugar pelos nomes, tudo artistas espanhóis, ou melhor, dois catalães e um canarino (aliás, plástica e sentimentalmente ligado à pré-história do seu arquipélago) de gerações diferentes. Miró, um artista formado na emigração, «compagnon de route» dos surrealistas, sem ter perdido os laços e as amizades com a terra natal; Tápies e Millares, da primeira geração de artistas espanhóis do pós-guerra civil que conseguiu impor-se em Espanha, primeiro, e depois internacionalmente de dar aos trabalhos a escala necessária para impor um efeito de *presença*. A escultura (chamemos-lhe assim para simplificar) é de uma prática cara que impõe severos limites ao seu praticante, que fica quase sempre dependente da encomenda, ou da sua concepção do que seja o «gosto» dominante, que é ou pode ser também o seu. O que poderia ter sido rigor transforma-se numa tentativa engenhosa para captar um público que talvez não exista.

B. Miró, Tápies e Millares na Galeria S. Francisco

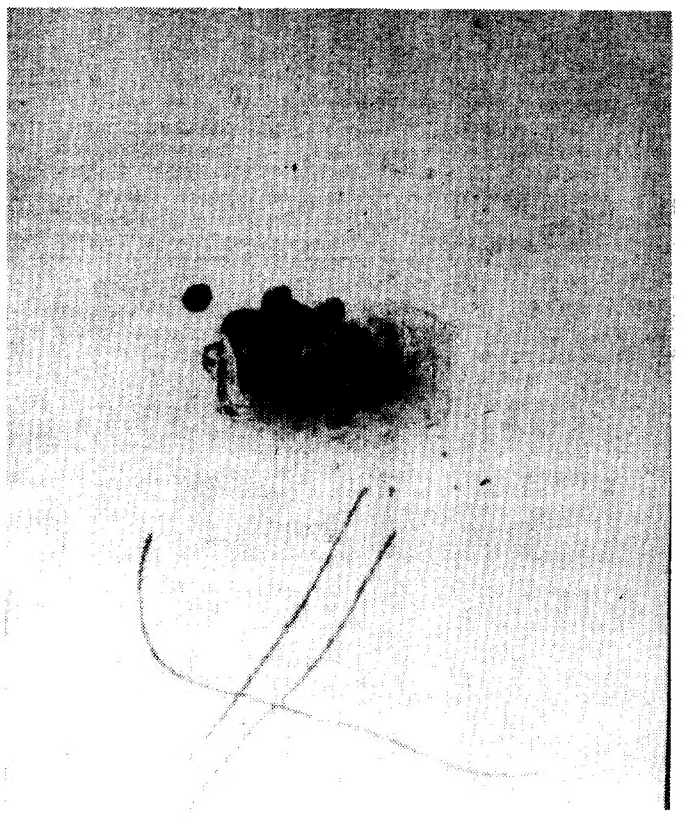
Cinco litografias de Miró, três litografias de Tápies e seis serigrafias de Millares enchem o espaço disponível da Galeria S. Francisco, numa exposição a vários títulos interessante:

a. Em primeiro lugar pelos nomes, tudo artistas espanhóis, ou melhor, dois catalães e um canarino (aliás, plástica e sentimentalmente ligado à pré-história do seu arquipélago) de gerações diferentes. Miró, um artista formado na emigração, «compagnon de route» dos surrealistas, sem ter perdido os laços e as amizades com a terra natal; Tápies e Millares, da primeira geração de artistas espanhóis do pós-guerra civil que conseguiu impor-se em Espanha, primeiro, e depois internacionalmente do apoio inicial de uma campanha oficial, inteligentemente dirigida, do seu ponto de vista).

b. Dos nomes passamos, numa transição lógica, às cotações: seis contos a maioria das gravuras, havendo duas de Miró que vão muito mais acima. Posso evidentemente enganar-me, mas é possível que estes preços sejam especiais para o nosso País, numa tentativa de explorar o novo-riquismo de certos compradores (o que é, aliás, muito bem feito). Já por mais de uma vez disse que a Galeria S. Francisco se deve preocupar com um público diferente do das grandes galerias comerciais, como a Dinastia e a S. Mamede. Um público que represente, por assim dizer, um estrato médio na nossa grande burguesia, o que não quer dizer que não seja novo ou até renovador nos seus gostos e atitudes: um múltiplo ou uma gravura, e dentro destas muito especialmente as técnicas de litografia e de serigrafia são adquiridas como um duplo, uma aproximação quando não uma reprodução autenticada e autorizada pelo autor de uma, da *obra de arte* única e original. Daí o fetichismo das assinaturas e dos números de série, daí que o comércio médio e o grande comércio de objectos artísticos se interpenetrem num mesmo significado mental e social.

c. O aspecto de cópia, ou, melhor, das reproduções autorizadas, torna-se aliás patente nesta exposição, sobretudo para quem tiver na memória o valor matérico dos trabalhos de Tápies e de Millares. Dos relevos como muros velhos ou terras calcinadas, das serapilheiras torcidas, manchadas de vermelho negro, chegam-nos apenas ecos ou vestígios, e é sobretudo com a memória que vejo e gosto desta exposição que, pelo menos, servirá para avivar a lembrança dos que já viram, e, para, esperemos que sim, despertar a curiosidade dos que nunca se confrontaram com obras originais de Miró, Tápies e Millares.

Millares: «Torquemada I», serigrafia



Miró: «Litografia»

Escola de Paris que tem tentado uma interessante experiência de tratamento de temas de sentimentos e de experiências religiosas numa arte não figurativa como é a da sua geração. Artista mais do compromisso que da investigação radical, Manessier é certamente o tipo de personalidade e representa por outro lado uma fase da pintura europeia contemporânea (os anos 50 parisienses) perfeitamente compatíveis com as preocupações culturais da Fundação Gulbenkian, dentro da vocação de divulgadora de valores estabelecidos que parece ser a sua.

Aparentemente tudo antigo, tudo velho, neste lermos títulos como «troféu de caça», «humanómetro», «alado» e sobretudo «cornúpeto» — justamente nos cornos do animal sugerido surgem as únicas linhas curvas de toda a exposição) e um neoconstrutivismo, com possíveis relações minimal, que estaria mais de acordo com o material e com o vocabulário empregue, que é estritamente geométrico, reforçado pelo emprego sistemático da simetria, que o tal representativismo oculta aparentemente em nove das onze peças expostas.

Representativismo, que quer dizer sugestões de leitura mais fáceis para o público, pode também querer significar fal-